



UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE LONDRINA

---

LIDIANE MARTINS DA SILVA

**A REALIZAÇÃO VARIÁVEL DOS PRONOMES SUJEITO E  
DOS PRONOMES OBLÍQUOS TÔNICOS NO INTERIOR DA  
REGIÃO SUL DO BRASIL**

---

Londrina  
2017

LIDIANE MARTINS DA SILVA

**A REALIZAÇÃO VARIÁVEL DOS PRONOMES SUJEITO E  
DOS PRONOMES OBLÍQUOS TÔNICOS NO INTERIOR DA  
REGIÃO SUL DO BRASIL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Londrina, como requisito à obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem.

Orientador: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Dircel Aparecida Kailer.

Londrina  
2017

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

Silva, Lidiane Martins da.

A realização variável dos pronomes sujeito e dos pronomes oblíquos tônicos no interior da Região Sul do Brasil / Lidiane Martins da Silva. - Londrina, 2017.  
107 f. : il.

Orientador: Dircel Aparecida Kailer.

Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, 2017.

Inclui bibliografia.

1. Variação e Mudança linguística - Tese. 2. Estudos geossociolinguísticos - Tese. 3. Pronome sujeito - Tese. 4. Pronome oblíquo tônico - Tese. I. Kailer, Dircel Aparecida . II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem. III. Título.

LIDIANE MARTINS DA SILVA

**A REALIZAÇÃO VARIÁVEL DOS PRONOMES SUJEITO E DOS  
PRONOMES OBLÍQUOS TÔNICOS NO INTERIOR DA REGIÃO SUL  
DO BRASIL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Londrina, como requisito à obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Dircel Aparecida Kailer  
Universidade Estadual de Londrina - UEL

---

Prof. Dr. Juliano Desiderato Antonio  
Universidade Estadual de Maringá – UEM

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Vanderci de Andrade Aguilera  
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Londrina, 04 de maio de 2017.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a minha orientadora, Prof.<sup>a</sup> Dra. Dircel Aparecida Kailer, não só pela orientação, neste trabalho, mas também pelas sugestões e conhecimentos repassados durante todo o desenvolvimento desta pesquisa, além da grande amizade formada.

À querida Prof.<sup>a</sup> Dra. Vanderci de Andrade Aguilera, pelo importante papel que exerceu em minha vida acadêmica desde a graduação e por continuar acompanhando meus passos.

À equipe do projeto Atlas Linguístico do Brasil, pela concessão dos dados para efetivação deste estudo.

À CAPES e ao Departamento de Estudos da Linguagem.

Aos meus queridos pais, Nilson e Joana, pela educação que me deram e também aos meus familiares pelo apoio.

Ao meu eterno namorado e grande amigo, Vitor, que sempre esteve comigo, ajudando, dando bronca quando eu desanimava e mostrando a cada instante que eu era capaz.

Aos meus amigos, que tornam minha vida mais divertida e fizeram com que esta jornada fosse mais leve, sobretudo, à Rebeca, pela grande amizade e apoio em todos os sentidos.

A todos que direta ou indiretamente contribuíram para a realização desta pesquisa e, especialmente, a Deus que, além de me dar força, esperança e sabedoria, sempre colocou pessoas especiais em meu caminho.

*“Todo trabalho de ciência é, não um prédio,  
mas uma simples pedrinha de construção e  
auxílio para a obra futura”*

(Silva Neto)

SILVA, Lidiane Martins da. **A realização variável dos pronomes sujeito e dos pronomes oblíquos tônicos no interior da região sul do Brasil.** 2017. 109 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina. 2017.

## RESUMO

Esta dissertação, ancorada nos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Quantitativa Variacionista, analisa a variação no uso dos pronomes sujeito, *nós* e *a gente* (ou *sujeito nulo*), bem como dos pronomes oblíquos *conosco*, *com nós* e *com a gente*, na fala do interior da Região Sul. Os dados foram obtidos junto a 164 informantes, estratificados segundo as variáveis sexo e faixa etária, todos com ensino fundamental e naturais de 41 municípios do interior do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Como objetivos, propõe: (i) verificar o estágio atual no uso desses pronomes, se em variação ou mudança; (ii) averiguar os contextos linguísticos e extralinguísticos que podem interferir na escolha da variante; (iii) comparar os resultados da presente pesquisa com os de trabalhos realizados em outras localidades; (iv) verificar a distribuição diatópica das variantes registradas. Conforme resultados, o uso do pronome sujeito *a gente* vem crescendo no Português do Brasil e os fatores determinação do referente, concordância verbal e estilo de fala exercem grande influência na escolha das variantes. Quanto ao pronome oblíquo, a forma mais recorrente entre os falantes do interior da Região Sul foi a não-padrão *com nós*, seguido pelo inovador *com a gente*.

**Palavras-chave:** Estudos geossociolinguísticos. Pronome sujeito. Pronome oblíquo tônico. Variação e Mudança linguística. Interior da Região Sul do Brasil.

SILVA, Lidiane Martins da. **The variable realization of the subject pronouns and the oblique pronouns within the southern region of Brazil.** 2017. 109 f. Dissertation (Mester's Degree in Language Studies) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina. 2017.

### ABSTRACT

The present research, anchored in the theoretical-methodological assumptions of Quantitative Variationist Sociolinguistics, analyses the variation in the use of subject pronouns, “*nós*” and “*a gente*” (or null subject), as well as oblique pronouns “*conosco*”, “*com nós*” and “*com a gente*”, in speaks from interior of the Southern Region. Data were obtained from 164 informants, stratified according to sex and age group, all with elementary and natural education from 41 municipalities in the interior of Paraná, Santa Catarina and Rio Grande do Sul. As objectives, proposes: (i) to verify the current stage in the use of these pronouns, whether in variation or change; (ii) to investigate the linguistic and extralinguistic contexts that could interfere in the choice of variant; (iii) to compare the results of the present research with those of works carried out in other locations; (iv) verify the diatopic distribution of the variants recorded. According to results, the use of the subject pronoun “*a gente*” has been growing in Portuguese of Brazil and the factors determination of the referent, verbal agreement and speech style exert great influence in the choice of variants. As for the oblique pronoun, the most recurrent form among the speakers of the interior of the South Region was the non-standard “*com nós*”, followed by the innovator “*com a gente*”.

**Key words:** Geossociolinguistic studies. Subject pronoun. Oblique tonic pronoun. Variation and Linguistic Change. Interior of the Southern Region of Brazil.



## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	9
<b>CAPÍTULO I – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>12</b>
<b>1      SOCIOLINGUÍSTICA: A TEORIA DA VARIAÇÃO E MUDANÇA</b>	
<b>        LINGUÍSTICA.....</b>	<b>12</b>
<b>2      GRAMATICALIZAÇÃO .....</b>	<b>17</b>
<b>2.1    SOBRE A GRAMATICALIZAÇÃO DE A GENTE.....</b>	<b>21</b>
<b>CAPÍTULO II – OBJETO DE ESTUDO .....</b>	<b>26</b>
<b>3      CONSIDERAÇÕES SOBRE AS MUDANÇAS OCORRIDAS NOS</b>	
<b>        PRONOMES INVESTIGADOS E A TRAJETÓRIA DE A GENTE</b>	
<b>        NA LÍNGUA PORTUGUESA .....</b>	<b>26</b>
<b>3.1    O SISTEMA DE PRONOMES PESSOAIS LATINOS E SUA TRANSFORMAÇÃO .....</b>	<b>26</b>
<b>3.1.1   Os Pronomes Sujeito e a Inserção da Variante a Gente .....</b>	<b>31</b>
<b>3.1.2   Os Pronomes Oblíquos Tônicos e a Inserção de com a Gente e</b>	
<b>        com Nós .....</b>	<b>34</b>
<b>3.2    O QUE DICIONÁRIOS E GRAMÁTICAS DIZEM ACERCA DESSES PRONOMES .....</b>	<b>38</b>
<b>3.2.1   A gente nos compêndios .....</b>	<b>38</b>
<b>3.2.2   A gente nos dicionários .....</b>	<b>43</b>
<b>3.2.3   Com a gente nos compêndios .....</b>	<b>44</b>
<b>3.2.4   Com a gente nos dicionários .....</b>	<b>46</b>
<b>4      ESTUDOS VARIACIONISTAS ACERCA DOS PRONOMES</b>	
<b>        SUJEITO NÓS E A GENTE.....</b>	<b>48</b>
<b>5      ESTUDOS VARIACIONISTAS ACERCA DOS PRONOMES</b>	
<b>        OBLÍQUOS TÔNICOS .....</b>	<b>53</b>
<b>CAPÍTULO III – ASPECTOS METODOLÓGICOS .....</b>	<b>56</b>

<b>6</b>	<b>O PROJETO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL</b> .....	<b>56</b>
<b>7</b>	<b>A CONSTITUIÇÃO DO CORPUS</b> .....	<b>59</b>
7.1	AS VARIÁVEIS DEPENDENTES E INDEPENDENTES .....	60
7.2	O PROGRAMA DE ANÁLISE QUANTITATIVA VARIACIONISTA .....	67
7.3	BREVE HISTÓRICO DAS REGIÕES SELECIONADAS .....	71
<b>CAPÍTULO IV – APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS</b> .....		<b>76</b>
<b>8</b>	<b>ANÁLISE DA VARIAÇÃO DE NÓS E A GENTE</b> .....	<b>76</b>
8.1.	VARIÁVEIS INDEPENDENTES LINGUÍSTICAS .....	78
8.1.1	Concordância verbal .....	78
8.1.2	Determinação do referente .....	81
8.1.3	Paralelismo formal .....	83
8.2	VARIÁVEIS INDEPENDENTES EXTRALINGUÍSTICAS .....	85
8.2.1	Sexo .....	85
8.2.2	Faixa etária .....	87
8.2.3	Estilo de fala .....	89
8.2.4	Localidades .....	92
<b>9</b>	<b>ANÁLISE DA VARIAÇÃO DE CONOSCO, COM NÓS E COM A GENTE</b> .....	<b>95</b>
9.1	VARIÁVEIS INDEPENDENTES EXTRALINGUÍSTICAS .....	97
9.1.1	Sexo .....	97
9.1.2	Faixa etária .....	98
9.1.3	Localidades .....	99
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....		<b>102</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....		<b>104</b>

## INTRODUÇÃO

Ainda que no Brasil haja relativa unidade linguística e apenas uma língua nacional, notamos diferenças no emprego de palavras, na pronúncia, na morfologia e, até mesmo, nas construções sintáticas, as quais não somente identificam os falantes de comunidades linguísticas em diferentes regiões, como ainda se multiplicam na mesma comunidade de fala. Portanto, no mesmo espaço social convivem diferentes variedades linguísticas que, em sua maioria, estão associadas a contextos sociais e contextos linguísticos diversos.

Surgida na década de 1960, a partir das propostas de Weinreich, Labov e Herzog (2006), a Teoria da Variação ou Sociolinguística Quantitativa tem como objetivo a descrição da língua em relação aos fatores sociais e linguísticos, de acordo com seu uso variável, o que permite revelar quais ambientes linguísticos ou sociais são mais relevantes para o fenômeno observado. Logo, o levantamento dos dados de uma pesquisa sociolinguística variacionista deve estabelecer variantes, “diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, com o mesmo valor de verdade” (TARALLO, 1985, p. 8), e seus fatores condicionadores, as variáveis.

Partindo do princípio de que nem tudo que varia sofre mudança e que toda mudança linguística, no entanto, pressupõe variação (TARALLO, 1985, p. 63), é necessário estipular se a pesquisa sociolinguística aponta para uma variação estável, isto é, ainda há competição entre as variantes no sistema linguístico, ou para uma mudança em progresso, quando há um duelo entre as variantes e uma se sobrepõe a outra. Sobre esse ponto, Monteiro (2000, p. 65) afirma que:

Há então uma espécie de conflito em que a forma mais antiga, denominada de *conservadora*, pode terminar sendo substituída pela mais recente ou *inovadora*. Em geral, quando se trata do dialeto padrão, a primeira é a que goza de maior prestígio na comunidade, e a inovadora, até ser aceita, sofre alguma restrição ou estigma.

Atualmente, no Português do Brasil, observamos um processo de substituição do pronome consagrado *nós* pela forma inovadora *a gente* para representar a 1ª pessoa do plural. Este fenômeno tem sido bastante estudado por inúmeros pesquisadores, em diversas localidades brasileiras, sobretudo, quando a alternância de formas ocorre em função de sujeito, uma vez que essa posição sintática favorece

o uso da forma inovadora. Tais investigações, como, por exemplo, as de Omena (1986), Lopes (1993) e Bueno (2003) apontam, em geral, para uma mudança linguística em curso, pois, gradativamente, a forma inovadora *a gente* está sendo mais favorecida pelos falantes na função de sujeito.

Entretanto, a investigação da alternância das formas nas demais funções sintáticas ainda não encontra suficiente respaldo na bibliografia científica, principalmente, em relação à função sintática de adjunto adverbial de companhia, como é o caso do pronome oblíquo tônico *conosco* que, no vernáculo brasileiro, concorre com as formas *com nós* e *com a gente*.

Nesse sentido, a presente dissertação tem como objetivo geral analisar a alternância no uso do pronome pessoal sujeito (*nós*, *a gente* ou *sujeito nulo*) e do pronome oblíquo tônico (*conosco* e suas variantes populares *com nós* e *com a gente*), a fim de verificar o estágio atual no uso desses pronomes, se em variação ou mudança, no falar de informantes pouco escolarizados. Quanto aos pontos de inquéritos, selecionamos, da rede de pontos do Atlas Linguístico do Brasil, as localidades do interior do Paraná, de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul<sup>1</sup>, por se tratar de estados que já tiveram algumas cidades investigadas, por meio de outros *corpora* (SEARA, 2000; TAMANINE, 2002; ZILLES, 2002; TAMANINE, 2010 e PINHO, 2012), o que possibilita um comparativo para entender o caminho percorrido pelos referidos pronomes nas regiões em estudo.

Os objetivos específicos que norteiam este trabalho são: a) analisar os contextos linguísticos e extralinguísticos que podem incidir sobre a seleção de usos por parte do falante; b) comparar as ocorrências obtidas nesta pesquisa com dados de outras localidades e outros *corpora* e c) verificar a distribuição diatópica das variantes registradas no Paraná, em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul.

Para a consecução dos objetivos elencados, este trabalho está estruturado em quatro capítulos. O capítulo 1 trata dos subsídios teóricos subjacentes à pesquisa, do qual consta a apresentação da Sociolinguística e a Teoria da Variação, o processo de mudança linguística, pressupostos sociolinguísticos desenvolvidos por Weinreich, Labov e Herzog (2006), bem como conceitos e explicação do fenômeno da gramaticalização.

---

<sup>1</sup> No que concerne à Região Sul, do banco de dados do projeto ALiB, ainda não há uma investigação profunda sobre o tema.

O capítulo 2 evidencia o objeto de estudo, no qual retratamos as mudanças ocorridas no paradigma pronominal do Latim ao Português, juntamente com o percurso histórico de inserção da forma *a gente*, como sujeito e adjunto adverbial de companhia, na língua Portuguesa. Além disso, denotamos também, neste capítulo, a abordagem dada pelos dicionários e pelas gramáticas a essas variantes inovadoras.

O capítulo 3 descreve os procedimentos metodológicos adotados, trazemos sucinta apresentação do Projeto Atlas Linguístico do Brasil, responsável pela coleta e disponibilização dos dados analisados neste estudo, juntamente com a constituição do *corpus* da pesquisa. Elucidamos, ainda, o conjunto de variáveis estabelecidas e os fatores a serem testados, o programa estatístico usado para gerar os dados em percentual e peso relativo e, por último, o histórico das regiões investigadas.

O capítulo 4 traz a discussão dos resultados obtidos. Antes de apresentar os resultados específicos de cada grupo de pronomes, fizemos um levantamento geral dos dados coletados. Posteriormente, elencamos os resultados dos pronomes sujeito *nós* e *a gente*, segundo as variáveis independentes linguísticas (*concordância verbal, determinação do referente e paralelismo formal*) e extralinguísticas (*sexo, faixa etária, estilo de fala e localidade*). Em seguida, trouxemos os resultados quanto aos pronomes oblíquos tônicos *conosco, com nós* e *com a gente*, conforme as variáveis independentes extralinguísticas: *sexo, faixa etária e localidade*. Em cada uma delas, além da exposição dos dados, segue também a interpretação e análise dos resultados aferidos. Por fim, apresentamos as conclusões, nas quais retomamos as considerações gerais sobre a pesquisa e os resultados mais relevantes.

Em suma, além de explicitar a variação e colaborar para a ampliação desse tema, este trabalho pretende viabilizar melhor compreensão do fenômeno da gramaticalização ocorrido com a forma *gente*, como também das mudanças na língua, sejam elas consequência de fatores linguísticos ou extralinguísticos.

## CAPÍTULO I

### FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A preocupação com a língua não é algo recente, porém a concepção de que a língua reflete o comportamento social dos indivíduos começou a ganhar visibilidade no final dos anos 50 e início da década de 60, com Weinreich e Fishman. Neste capítulo, explanamos os principais conceitos da Sociolinguística Variacionista, cujo princípio é o de que toda língua varia no tempo e no espaço e, uma vez que há variação, também podem ocorrer mudanças linguísticas.

Em seguida, trazemos à tona o conceito de gramaticalização, transformações que determinados itens lexicais ou construções sintáticas passam rumo a novas categorias gramaticais, processo ocorrido com a forma inovadora *a gente*. E, para melhor exemplificar, apresentamos, resumidamente, dois estudos sobre a gramaticalização do pronome inovador *a gente*.

#### 1 SOCIOLINGUÍSTICA: A TEORIA DA VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGUÍSTICA

A Sociolinguística, subárea da Linguística, institui-se como uma reação à concepção de língua como um sistema homogêneo e autônomo, posto que é inegável a existência do estreito liame entre língua e sociedade, devido às constantes variações e mudanças sofridas naquela em função desta. Segundo Tarallo (2007, p. 19), “a língua falada está totalmente inserida e interligada à sociedade. Não há sociedade sem língua e nem língua sem uma sociedade para que esta se manifeste”.

Para atender às necessidades comunicativas da comunidade falante, a língua precisa adaptar-se constantemente, logo, novas formas de nomear os fatos do mundo são criadas, outras deixam de existir, como também algumas palavras sofrem alterações em sua grafia e até mesmo na pronúncia. Dessa forma, podemos afirmar que a noção de mudança linguística foi um dos gatilhos para essa nova maneira de olhar e conceber a língua, pois, se a língua muda não há como negar a existência de variação. “Afim de contas, para que os sistemas mudem, urge que eles tenham sofrido algum tipo de variação” (TARALLO, 1985, p. 25). Contudo, vale ressaltar que nem toda variabilidade envolve, obrigatoriamente, mudança linguística.

Nesta nova concepção, as línguas, por serem produtos do meio social, são dotadas de dinamicidade e heterogeneidade, portanto, o objeto de estudo passa a ser a variação, tida como um princípio universal, passível de ser analisada e descrita cientificamente. À vista disso, a Sociolinguística tem o papel de “processar, analisar e sistematizar o universo aparentemente caótico da língua falada”, língua, aqui, entendida como um sistema de comunicação, de informação e de expressão entre os indivíduos da espécie humana (TARALLO, 2007, p. 5).

Assim, surge, no começo da década de 60 do século passado, a Sociolinguística visando provar, com sólida fundamentação empírica, que a variação não é um processo aleatório, mas sim sistemático, posto que as escolhas das variantes são influenciadas tanto por fatores internos, estruturais, da língua quanto por fatores externos, sociais (MOLLICA, 2003).

De acordo com Monteiro (2000), a Sociolinguística começou a ser circunscrita por Bright e Fishman, porém, os estudos sociolinguísticos só foram ganhar força e visibilidade a partir das investigações do teórico William Labov. Considerado o marco para a área da Sociolinguística, a pesquisa desenvolvida, em 1963, sobre o inglês falado na ilha de *Martha's Vineyard*, no Estado de *Massachusetts* (EUA), comprovou, de modo efetivo, que é possível sistematizar a variação existente na língua falada a partir das condições sociais.

Para tal, o estudioso estabeleceu alguns fatores extralinguísticos e, por meio de entrevistas, analisou a variação fonética dos ditongos /ay/ e /aw/, buscando verificar a oposição entre presença ou ausência de centralização. As observações de Labov (2008) revelaram que a comunidade sofreu grandes influências sociais por conta dos veranistas vindos do continente, ao passo que, a variante inovadora, considerada de maior prestígio, trazida por eles não foi assimilada pelos nativos, sobretudo, os de maior faixa etária. Assim, os nativos de *Martha's Vineyard* mantinham e até mesmo exageravam na pronúncia da vogal-núcleo centralizada – variante conservadora tida como não padrão – com o intuito de demarcar seu espaço e reafirmar a identidade cultural e social da comunidade.

A Teoria da Variação e Mudança linguística, também chamada de Sociolinguística Quantitativa, por operar com números e tratamento estatístico dos dados coletados, surgiu a partir das propostas de Weinreich, Labov e Herzog (1968, *apud* HORA, 2004, p. 17), cujo principal objetivo é a descrição da língua e seus fatores sociais e linguísticos, de acordo com seu uso variável, o que permite revelar

quais ambientes linguísticos ou sociais são mais relevantes para o fenômeno observado.

Sendo a heterogeneidade um fator constitutivo de um sistema linguístico, toda e qualquer língua vai apresentar “variantes” linguísticas, ou seja, diferentes formas de dizer, que possuem significados equivalentes. Esse conjunto de variantes recebe o nome de “variável dependente”, pois o uso ou a escolha por determinada variante depende – sofre influência – dos fatores linguísticos e extralinguísticos, chamados de “variáveis independentes” (MOLLICA, 2003, p. 11).

Nesse ponto, Naro (2003, p.15) assevera que:

O pressuposto básico do estudo da variação no uso da língua é o de que a heterogeneidade lingüística, tal como a homogeneidade lingüística, não é aleatória, mas regulada, governada por um conjunto de regras. Em outras palavras, tal como existem condições ou regras categóricas que obrigam o falante a usar categoricamente certas formas (a casa) e não outras (casa a), também existem condições ou regras variáveis que funcionam para favorecer ou desfavorecer variavelmente e com pesos específicos, o uso de uma ou outra das formas variáveis em cada contexto.

Essas regras variáveis, às quais Naro (2003) se refere, são formadas por variáveis linguísticas, isto é, internas às estruturas da língua – os fatores de natureza fonética, fonológica, semântica, lexical, morfossintática e discursiva – e por variáveis extralinguísticas, condições externas ao sistema da língua – são fatores como localidade, sexo, faixa etária, escolarização, classe social e grau de formalidade. O condicionamento social nas variações linguísticas aponta certo padrão e, normalmente, consoante Silva e Paiva (1996, p. 377), “se repetem independentemente do tipo de fenômeno estudado e da língua investigada”.

Nesse sentido, existem diferentes tipos de variação linguística, tais como: a) a variação histórica ou diacrônica: mudanças pelas quais a língua passa no decorrer do tempo; b) variação geográfica ou diatópica: diferenças linguísticas entre falantes de diferentes espaços físicos; c) variação social ou diastrática: resultado de fatores como classe social, idade, sexo, escolaridade, situação ou contexto social e d) variação estilística ou diafásica: alternância na fala para adequar aos diferentes contextos de uso (ALKMIN, 2001, p. 33-39).

Com exceção da variação histórica, todas as demais são observadas sincronicamente, mas, quando se trata de mudança linguística, a sincronia recorre à



diacronia. Portanto, para entender a mudança, é necessário verificar como era o fenômeno e como se deu esse processo no decorrer do tempo; da mesma forma, é possível analisar a variação sincrônica e projetar uma mudança futura.

É por meio da análise das variáveis sociais que podemos concluir se o quadro de variação observado em uma comunidade de fala representa uma variação estável ou uma mudança em progresso. No primeiro caso, ambas as variantes co-ocorrem e, como não há predominância de uma variante sobre a outra, o quadro de variação tende a se manter por um longo tempo. Em relação à mudança em progresso, verifica-se gradativa sobreposição de uma variante, como afirma Labov (2008). Além disso, um quadro de variação apresenta fortes indícios de mudança em progresso quando a forma inovadora é praticamente categórica na fala de grupos mais jovens.

Por conseguinte, Faraco (2005) destaca que a mudança linguística não é um simples processo de troca de uma variante por outra, e sim a concorrência entre ambas as formas até que, por conta de diversos fatores, com o passar do tempo apenas uma se sobressaia. Cabe lembrar, ainda, que a constatação e afirmação de uma variação estável ou mudança em curso só é possível por meio do cruzamento dos dados obtidos entre as variáveis linguísticas e sociais. Porém, essas hipóteses serão confirmadas em pesquisas futuras (diacronia).

Diante do exposto, faz-se necessário explicitar a presença de dois tipos de análise da variação, propostos por Labov (2008): estudo em tempo real e tempo aparente. A proposta de um estudo em tempo real (confronto entre décadas) surge da incapacidade de afirmar, em tempo aparente (distribuição por idade), que a variável faixa etária aponta mudança na comunidade quando esta constitui um padrão característico de gradação etária que se repete de geração em geração.

Quanto à investigação em tempo real, Cukor-Avila e Bailey (2013, p. 254) esclarecem que:

Researchers who want to use real-time evidence for studying language change have only two options: (i) they can compare evidence from a new study to some pre-existing data, or (ii) they can re-survey either a community (through a trend survey) or a group of informants (through a panel survey) after a period of time has elapsed<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> Os pesquisadores que querem utilizar o estudo em tempo real para analisar a mudança no idioma têm apenas duas opções: (i) eles podem comparar resultados de um novo estudo com alguns

Outra importante questão levantada pela teoria laboviana é o preconceito linguístico, pois, quando duas ou mais formas passam a ocorrer simultaneamente na língua, há um condicionamento que acaba por definir uma como variante de maior prestígio, por vezes palavras conservadoras consideradas padrão, e variantes inovadoras, tidas como formas estigmatizadas, quase sempre, como não-padrão. Essa visão errônea está calcada, sobretudo, nas gramáticas tradicionais que, de certa forma, definem o modo “correto” de falar e disseminam a ideia de que as outras variedades são “inferiores”.

Em meio a esse cenário de preconceito, os estudos sociolinguísticos contribuem com a diminuição de julgamentos e relativizam a questão do erro, levando à percepção da existência e da sistematicidade desses discursos, evidenciando a gramática real de um grupo linguístico e provando a relação entre língua e sociedade.

Em suma, podemos afirmar que o principal objetivo da Sociolinguística é criar um conjunto de regras e princípios que atestem sistematicamente a variação e a mudança linguística em uma comunidade de fala.

No próximo tópico, salientamos os conceitos e princípios da gramaticalização, fenômeno ocorrido com o substantivo *gente* de que se originou o pronome *a gente*, utilizado tanto como pronome pessoal na função de sujeito quanto como pronome oblíquo tônico.

## 2 GRAMATICALIZAÇÃO

A variante *a gente*, alternativa ao convencional *nós*, que faz parte de uma das investigações deste estudo, passou por um processo chamado gramaticalização. Diante disso, consideramos necessário introduzir este assunto e abordar alguns de seus principais conceitos.

Como atestado anteriormente, a língua constitui um sistema variável, graças a sua estreita relação com o meio social, passível, em alguns casos, de mudança linguística. Dessa forma, a gramática também está sujeita a mudanças gramaticais, pois depende do uso que é feito dela pelos usuários da língua.

Ao utilizar a língua, o falante pode manter certas construções gramaticais consolidadas, como também modificar e criar novas construções (variantes), a partir de formas pré-existentes, para satisfazer necessidades comunicativas. Esse processo de mudança gramatical ou, como afirma Tavares (2012, p. 57), de aquisição gramatical, recebe o nome de gramaticalização. Para a autora, as:

[...] adaptações feitas durante a interação, como tentativa de obtenção de êxito no processo de troca verbal, podem ocasionar o surgimento de novas estratégias para a constituição do discurso, que, se frequentemente repetidas, rotinizam-se, tornando-se parte da gramática da língua. Tornam-se, pois, construções gramaticais. Esse movimento de rotinização gramatical é denominado gramaticalização, caracterizado como o processo de regularização gradual pelo qual uma estratégia frequentemente utilizada em situações comunicativas específicas adquire, no curso do tempo, função gramatical, fixando-se como uma nova construção.

De acordo com Rosário (2010), o primeiro autor conhecido a empregar o termo gramaticalização foi Antoine Meillet (1912), como atribuição de um caráter gramatical a uma palavra que antes era autônoma (itens que possuem por si só conteúdo lexical). Após Meillet, outros estudiosos registraram consideráveis contribuições para a definição de gramaticalização. Conforme cita a autora, para Sankoff (1988), a gramaticalização “ocorre quando uma palavra que expressa conteúdo, ou um morfema pertencente a classes abertas, transforma-se em palavras funcionais ou morfemas de classes de palavras fechadas” (ROSÁRIO, 2010, p. 5).

Outros teóricos também atribuem ao termo gramaticalização o processo de transição de estruturas pragmáticas para estruturas sintáticas.

A gramaticalização surge, sobretudo, no contexto da Linguística Funcionalista norte-americana no início de 1970, partindo da premissa de que o discurso motiva as transformações dos elementos linguísticos e que tais transformações apresentam uma unidirecionalidade: caminham do discurso para a gramática (MARTELOTTA, 2011, p.91-92). A gramaticalização é definida, portanto, como um processo de mudança linguística unidirecional, no qual itens lexicais ou construções sintáticas, em determinados contextos, passam a assumir funções gramaticais.

O modelo de gramaticalização dominante no século XX foi o de redução, como exemplifica Traugott (2014, p. 99):

O desenvolvimento do latim *cantare habeo* 'cantar. INF ter.PRES para o francês *chanterai* veio a ser um exemplo prototípico de gramaticalização: um item lexical com conteúdo *habe* – 'ter' deixou de referir a (abstrato) posse, deixou de ser usado livremente antes ou depois do verbo no infinitivo, foi fundido com o marcador de infinitivo, foi morfofonologicamente reduzido e veio a ser usado como membro do paradigma de tempo.

Modernamente a gramaticalização está sendo cada vez mais estudada pelo prisma das construções sintáticas. Gonçalves et al. (2007, p. 27) apresentam um resumo da escala evolutiva dos conceitos atribuídos ao estudo, que se reproduz abaixo:

- (i) a versão de Meillet: passagem do [lexical] > [gramatical];
- (ii) a acrescentada por Kurilowicz: passagem do [-gramatical] > [+gramatical];
- (iii) versão atual: passagem [qualquer material linguístico] > [+gramatical].

Nesse sentido, não são somente as palavras ou morfemas que se gramaticalizam, mas também as expressões com mais de uma palavra. Cunha (2012, p. 35) aponta, por exemplo, a gramaticalização de expressões no desenvolvimento de advérbios, como em "acima < a cima, apenas < a penas, então < in tunc(e), depois < de + pos, ontem < ad noctem" e de conjunções, como no caso de "embora < em boa hora; porém < por ende".

Cabe salientar que a gramaticalização não é um processo abrupto, mas sim lento e que nem sempre exige a extinção da forma convencional. Além disso, “palavras de uma categoria lexical plena (nomes, verbos e adjetivos) podem passar a integrar a classe das categorias gramaticais (preposição, advérbios, auxiliares etc.), as quais, em momento posterior, podem vir até mesmo a se tornar afixos” (GONÇALVES et al., 2007, p. 20), ou seja, gramaticalização não é sinônimo de estabilidade.

Na visão de Castilho (1997, p. 31-32), a gramaticalização é basicamente:

[...] o trajeto empreendido por um item lexical, ao longo do qual ele muda de categoria sintática (=recategorização), recebe propriedades funcionais na sentença, sofre alterações morfológicas, fonológicas e semânticas, deixa de ser uma forma livre, estágio em que pode até mesmo desaparecer, como consequência de uma cristalização externa. (...) Num sentido mais amplo, a gramaticalização é a codificação de categorias cognitivas sem formas lingüísticas, aí incluídas a percepção de mundo pelas diferentes culturas, o processo da informação, etc.

Enfim, Tamanine (2010, p. 72-76) apresenta e esclarece cinco princípios tradicionais da perspectiva funcionalista, estabelecidos por Hopper (1991), para identificar tendências de gramaticalização, tais como:

- (i) *estratificação*: coexistência de variantes no mesmo domínio funcional, ou seja, mesmo com a entrada de novas variantes, as anteriores não são descartadas de início. O que ocorre é um período de transição e competição entre a variante nova e a mais antiga (*a gente* variante inovadora *versus nós* variante conservadora).
- (ii) *divergência*: manutenção do item lexical original (substantivo *gente*) convivendo ao lado da forma autônoma, gramaticalizada (pronome *a gente*), sem problemas de significações, podendo, ainda, o item lexical sofrer novos processos de gramaticalização (Ex. *A gente* sabe que tem *gente* de olho).
- (iii) *especialização*: limitação das opções devido ao estreitamento da variedade de escolha, tornando uma das formas obrigatória, em determinados contextos (*você* passa a ocorrer em contextos

linguísticos específicos, diferentes dos contextos da expressão original *vossa mercê*).

- (iv) *persistência*: manutenção de alguns traços semânticos das formas lexicais nas formas originais gramaticalizadas (a forma gramaticalizada *a gente* retém do nome *gente* o traço formal de 3ª pessoa, mesmo referindo-se semântico-discursivamente à 4ª pessoa, bem como a referência indeterminadora).
- (v) *descategorização*: mudança de categoria primária (nomes, verbos) para secundária (pronomes, preposições, advérbios) no processo de gramaticalização, com a neutralização das marcas morfológicas e propriedades sintáticas (o nome *gente* só admite a concordância no feminino, já o pronome *a gente* pode se correlacionar a adjetivos no masculino ou feminino em estruturas predicativas, dependendo do referente, ex.: *a gente* está cansada e *a gente* está cansado).

De acordo com Neves (2008, p. 40), convivem na língua portuguesa três tipos de usos da construção *a gente*: a) o “legítimo”: sintagma nominal *a gente*; b) o “tolerável” coloquialmente: pronome *a gente* com verbo na terceira pessoa do singular; e c) o ainda “proscrito”: pronome *a gente* com verbo na primeira pessoa do plural. Para a autora, a existência dessas variantes atesta “que a gramática é sempre emergente, que as motivações entram em competição, e se suplantam ou não”.

Quanto ao processo de gramaticalização, o princípio da *persistência* revela a permanência de vestígios do significado “legítimo” (uma terceira pessoa e sentido genérico) no uso “tolerável”, já na ocorrência “proscrita” esses vestígios são menores por conta da marcação verbal de plural. Na *descategorização*, o uso “proscrito” desconsidera o estatuto de terceira pessoa do sintagma nominal ao flexionar em primeira pessoa do plural, concordância ligada ao pronome e não ao substantivo. O fato que ilustra o princípio da *divergência* e da *estratificação* é a coexistência dos três tipos de usos da construção *a gente*. O último princípio, o da *especialização*, por sua vez, refere-se ao viés social do fato e, como neste caso as formas coexistem, o falante realiza as escolhas de acordo com as exigências sociais da situação (NEVES, 2008, p. 40-41).

Castilho (1997, p.55), em relação à continuidade das inovações linguísticas, evidencia a presença de dois domínios: o *domínio das escolhas* e o *domínio das determinações*. No domínio das escolhas, diversas formas linguísticas se manifestam e o falante escolhe uma ou outra variante a partir dos objetivos discursivos. Já no domínio das determinações, as próprias estruturas linguísticas encarregam-se de limitar as escolhas do falante. Os dois domínios mencionados são contemplados na gramaticalização da forma *a gente*, uso variável das formas *a gente* e *nós* (domínio das escolhas) e o uso da forma inovadora na função de sujeito (domínio das determinações).

Além das determinações linguísticas, Zilles (2002), ao estudar a gramaticalização de *a gente* no português brasileiro, mostrou que, mesmo a gramaticalização sendo um processo unidirecional, nos mais variados estágios da mudança de *a gente* (recategorização de *a gente* como pronome pessoal e redução fonológica para *a'ente*), a variação é motivada por diferentes aspectos sociais, como faixa etária, sexo, nível educacional e classe social. Isso evidencia que o uso das formas gramaticalizadas varia em função das características sociais dos falantes e que, deste modo, o processo de gramaticalização pode estar espalhado de forma diversificada dentro de uma comunidade.

A gramaticalização ocorre, portanto, quando um item lexical/construção passa a assumir, em certas ocasiões, um novo *status* como item gramatical ou quando itens gramaticais se tornam ainda mais gramaticais, podendo mudar de categoria sintática, receber propriedades funcionais na sentença, sofrer alterações semânticas e fonológicas, deixar de ser uma forma livre ou até desaparecer. A gramaticalização corresponde, dessa forma, a um processo de características “translinguísticas” que promove o desenvolvimento de elementos gramaticais nas línguas naturais, motivado, sobretudo, por fatores cognitivos e comunicativos (MARTELOTTA, 2011).

A seguir, visando exemplificar os conceitos e princípios da gramaticalização, elencamos alguns estudos sobre a gramaticalização do pronome *a gente* no português do Brasil.

## 2.1 SOBRE A GRAMATICALIZAÇÃO DE A GENTE

Dentre os trabalhos que tratam da gramaticalização de *a gente*, destacamos os de Lopes (2004) e Borges (2004) para tentar explicitar quais os processos

percorridos até chegar à forma gramaticalizada, o momento em que ocorre a efetiva inserção de *a gente* como pronome, bem como as forças atuantes neste processo.

A primeira investigadora, Lopes (2004), analisou a inserção da expressão *a gente* no sistema pronominal do português como um processo de mudança em tempo real de longa e curta duração. Para a análise na longa duração, foram utilizados textos escritos do século XIII ao século XX e para a de curta duração entrevistas feitas na década de 70 e 90 com informantes cultos cariocas. O objetivo principal da autora foi discutir a origem do processo de gramaticalização de *gente* para *a gente*, buscando mapear a cronologia desse fenômeno, bem como as consequências dessa implementação no sistema pronominal.

Conforme cita a autora, em alguns de seus trabalhos anteriores (LOPES, 1999, 2003) foram propostas as seguintes alterações no sistema de traços<sup>3</sup> de *gente*>*a gente*:

**Tabela 1** – Traços morfo-semânticos de gênero, número e pessoa de *gente* e *a gente*

TRAÇOS		GENTE	A GENTE
NÚMERO	FORMAL	[αpl]	[-pl]
	SEMÂNTICO	[+PL]	[+PL]
GÊNERO	FORMAL	[+fem]	[⊖fem]
	SEMÂNTICO	[⊖FEM]	[αFEM]
PESSOA	FORMAL	[⊖eu]	[⊖eu]
	SEMÂNTICO	[⊖EU]	[+EU]

Fonte: Lopes, 2004, p. 54

De acordo com Lopes (2004), ocorreram mudanças nos traços de número, gênero e pessoa no processo de gramaticalização. O traço formal de número, variável no nome *gente* (“esta gente” / “estas gentes”), altera-se na transição para o pronome *a gente*, que passa a ocorrer somente no singular. Segundo a autora, embora a marcação de número se faça presente até o século XIX, já no século XVI,

<sup>3</sup> A autora adotou as noções de subespecificação propostas por Rooryck (1994), segundo o qual, traços variáveis [α] admitem um valor positivo “+” ou negativo “-” para um dado atributo, e os não variáveis [⊖] encobrem um atributo com nenhum valor. No caso do gênero, a distinção parte do traço “fem(inino)” como forma marcada e para representar o “masculino” (forma não-marcada por excelência) utiliza-se o [-fem]. Quanto ao número, a oposição é definida por [+pl] (=plural) ou [-pl] (=singular). Por fim, o atributo “pessoa” [eu] divide-se em mais ou menos marcado: [+eu] e [-eu].



a ausência do traço de número plural (uso de *gente* apenas no singular) apresentava um percentual de 74%, atingindo 100% no século XX. Contudo, acrescenta Lopes (2004), mesmo com a perda da distinção gramatical, o traço semântico se mantém como [+PL].

Quanto ao traço de gênero, as mudanças foram tanto no plano formal quanto no semântico. No primeiro plano, o traço [+fem] do substantivo *gente* (“muita gente”) desaparece e torna-se neutro [⊖fem] na forma gramaticalizada *a gente* (agrupamento de pessoas [+genérico]). Já no plano semântico, a especificação de gênero que não existia no substantivo [⊖FEM] passa a ser semanticamente especificada no pronome [αFEM], a depender do adjetivo (“a gente está cansada” / “a gente está cansado”). Os resultados trazidos pela pesquisadora evidenciam, no período arcaico, entre o século XIII e o XV, uma grande frequência (73%) da combinação do substantivo *gente* com formas sintáticas com traços [+fem], contudo, no início do século XVI, esse tipo de concordância apresenta significativa queda e o traço [⊖fem] torna-se categórico nos séculos XIX e XX.

Em relação ao plano formal do traço de pessoa, Lopes (2004) demonstra que a forma gramaticalizada *a gente* manteve o traço neutro do substantivo *gente*, cuja concordância padrão deve ser realizada na P3. A mudança ocorre, portanto, apenas no plano semântico, pois o pronome *a gente* passa a compreender o “eu-ampliado” [+EU], incluindo o falante. Assim, a forma gramaticalizada deixa de ter o traço neutro, ou seja, não representa apenas uma interpretação semântica com a terceira pessoa do singular, mas também com a primeira pessoa do plural. Este fato pode ser confirmado por meio do uso do possessivo, dado que, na análise da autora, no período em que (*a gente*) era utilizada apenas como substantivo (séc. XIII ao XVIII) foram registradas 21 ocorrências co-indexadas às formas de P3 (seu/dele), mas com o início da pronominalização de *a gente* (séc. XIX), a combinação com o possessivo *nossa* começa a ser implantada. Lopes (2004) verificou, ainda, na amostra com falantes cultos, a presença, ou não, de elementos na primeira pessoa do plural combinados com *a gente* (pronome *nós* e forma verbal em P4 em orações coordenadas ou possessivas), já que os falantes cultos não costumam estabelecer a concordância de *a gente* com P4. Seus resultados sugerem que a interpretação semântica [+EU] está cada vez mais presente em termos formais, devido ao aumento na presença dos traços formais de P4 com *a gente* na década de 90.

A proposta de Lopes (2004) confirmou, portanto, alguns dos princípios da gramaticalização como, por exemplo, o da *persistência* de algumas propriedades do nome *gente*, bem como a *descategorização*, mudanças e adoções de propriedades tipicamente pronominais na forma gramaticalizada. Além disso, ficou claro que as mudanças observadas ao longo do processo de gramaticalização não ocorrem de forma abrupta, podendo levar anos ou até mesmo décadas para se concretizarem.

Conforme observamos em Lopes (2004), o percurso histórico da pronominalização de *a gente* começou nos séculos XVIII e XIX, tendo se efetivado no século XX; contudo a autora não especifica em que período do século XX tal inserção efetivamente ocorreu. Nesse sentido, Borges (2004) preenche esta lacuna ao traçar o percurso de *a gente* no Rio Grande do Sul, a partir da fala de personagens de onze peças de teatro de autores gaúchos, correspondente a um período de cem anos (1896 até 1995). O segundo tipo de dados utilizado pelo autor são falas de entrevistas realizadas, em 2000 e 2001, com 60 indivíduos das cidades gaúchas de Jaguarão e Pelotas.

O percentual de uso de *a gente*, comparativamente com *nós* (expresso e não-expresso), nas onze peças de teatro analisadas, revela um forte declínio da forma *nós* não-expressa em média de 65% dos casos, entre os anos de 1890 e 1950, para menos de 20% nas décadas de 60 e 90. Em contrapartida, a forma inovadora *a gente* ascendeu de forma significativa a partir dos anos de 1960, com percentuais sempre superiores a 36%, bem acima dos percentuais obtidos nas décadas anteriores, superando, inclusive, a forma tradicional *nós*. Esta, por sua vez, se manteve estável por todo o período, com porcentagens entre 20% e 35%.

Quanto à pessoalização, Borges (2004) verificou que a mudança que torna *a gente* um pronome pessoal ocorre, a partir dos anos 40, com a especificação da referência, pois até a década de 1930 não havia nenhum registro de *a gente* com referência específica e o tipo de referência associada à forma *a gente* era indeterminada/genérica. Ainda, ao analisar o aspecto da referência específica, se exclusivo (“eu” + não-pessoa) ou inclusivo (“eu” + pessoa), o autor concluiu que, da década de 50 até 70, o uso de *a gente*, com referência semanticamente determinada, estava associado ao plural exclusivo; já a partir da década de 80, transparece o processo de pessoalização em curso, com a maior utilização da forma *a gente* associada ao plural inclusivo.

Para Borges (2004), a constituição de *a gente* como pronome é um fenômeno, relativamente, novo, porém crescente, cujos resultados indicam uma mudança em progresso, sobretudo, pelos resultados sociais que apontam as mulheres e os mais jovens como os que mais utilizam a variante.

Os resultados do uso de *a gente* indicam, portanto, que a gramaticalização de *a gente* decorre de vários processos de mudança simultâneos e inter-relacionados – mudança semântica, sintática, morfológica, fonológica (mudança em direção à redução da forma para a ‘ente/ ‘ente) e também social.

Para entender melhor essa metamorfose linguística, abordamos, no capítulo seguinte, alguns aspectos da diacronia dos pronomes, dando ênfase aos pronomes pessoais retos, que cumprem a função de sujeito, e aos pronomes pessoais do caso oblíquo tônico, com função de adjunto adverbial. Ainda, elencamos alguns trabalhos de cunho laboviano acerca dos fenômenos investigados nesta dissertação.

## CAPÍTULO II

### OBJETO DE ESTUDO

### **3 CONSIDERAÇÕES SOBRE AS MUDANÇAS OCORRIDAS NOS PRONOMES INVESTIGADOS E A TRAJETÓRIA DE A GENTE NA LÍNGUA PORTUGUESA**

Como vimos até agora, a forma *a gente* sofreu um processo de gramaticalização, ou seja, o nome *gente*, devido ao seu sentido semântico de coletividade, passou a ser incorporado no sistema de pronomes. A inclusão desta variante no paradigma pronominal ocorre com mais força, como apontam os estudos linguísticos, na função sintática de sujeito, porém, vem sofrendo significativos avanços na função de complemento e adjunto, conforme comprova o estudo de Vianna e Lopes (2012).

Neste capítulo, tratamos das mudanças ocorridas na estruturação e formação dos pronomes pessoais do latim clássico ao português atual; também verificamos o estágio de inserção da variante *a gente*, como pronome pessoal reto e como pronome oblíquo tônico, na língua Portuguesa.

#### 3.1 O SISTEMA DE PRONOMES PESSOAIS LATINOS E SUA TRANSFORMAÇÃO

Para compreender a formação, estruturação e transformação dos pronomes pessoais, buscamos as obras de Nunes (1956), Coutinho (1962), Said Ali (1964) Williams (1975) e Câmara Junior (1985).

Como sabemos, o Português é uma língua originária do Latim, sobretudo, do Latim Vulgar, cuja característica principal é o seu sistema flexional, ou seja, os nomes sofrem alterações morfológicas que visam indicar as relações de casos, a posição sintática que assumem. Os casos, que em Latim Clássico eram seis – nominativo (sujeito e predicativo do sujeito), vocativo (vocativo), acusativo (objeto direto e adjunto adverbial), genitivo (adjunto adnominal e complemento nominal), dativo (objeto indireto e complemento nominal) e ablativo (adjunto adverbial e agente da passiva) – foram se reduzindo pouco a pouco por questões fonético-fonológicas e sintáticas.

Conforme Nunes (1956), enquanto os nomes conservaram apenas o caso acusativo em português, os pronomes são os que mais se mantêm fiéis ao tipo latino, pois os pronomes apresentam vestígios não só do acusativo, como também dos demais casos, nominativo, dativo, etc. Essa resistência dos pronomes quanto à perda de casos deve-se, principalmente, à necessidade de distinguir as pessoas dos verbos que, em alguns casos, com a eliminação da desinência verbal, acabavam por se confundir. Williams (1975) ressalta, porém, que nem sempre os pronomes, em português, mantêm a função original do Latim, pois “algumas formas de acusativo são usadas como dativo e algumas de nominativo e dativo são usadas como objeto de preposição”.

Para o autor, as formas pronominais se desenvolveram em posição acentuada – *eu, mi, tu, ti, nós, vós* – ou em posição não acentuada – *me, te, nos e vos*.

O português literário moderno conhece duas séries de formas oblíquas que se correspondem respectivamente. Uma, não podem ser regidas de preposição e figuram sempre como vocábulos átonos, a saber: *me, te, nos, vos, lhe, lhes, o, a, os, as, se*; as outras são sempre tônicas e dependentes de preposição: *mim* (outrora *mi*), *ti, nós, vós, êle, ela, eles, elas*, e o reflexivo *si*. (SAID ALI, 1964)

Já para Câmara Jr. (1985, p. 96), cada pronome pessoal possui três formas: uma forma isolada, tônica e livre, uma forma dependente adverbial, clítico que pode ficar em próclise ou ênclise em relação ao verbo e, por último, uma forma com preposição regente, tônica e também “porque só aparece, em enunciação autônoma, associada a uma preposição”.

Os pronomes pessoais são indicadores da posição que o falante ocupa no momento de uma mensagem linguística. No Latim clássico, havia apenas quatro formas de pronomes pessoais do caso nominativo: *ego, tu, nos* e *vos*. As formas *ego* e *nos* representavam a primeira pessoa, ou seja, aquele que fala e *tu* e *vos* a segunda pessoa, para quem se fala, respectivamente, no singular e plural.

De acordo com a categoria de casos, a forma pronominal varia morfologicamente como nominativo, acusativo, genitivo, dativo, etc. Assim, as formas nominativas *ego* e *tu*, cuja desinência aparecia na forma verbal, em latim, não sendo necessário utilizá-las, alternavam-se com o genitivo (*mei* e *tui*), com o dativo (*mihi* e *tibi*) e com o acusativo-ablativo (*me* e *te*), formas que precisavam ser

usadas com frequência para demarcar a pessoa verbal. Já para as formas nominativas plurais, *nos* e *vos*, havia somente o genitivo (*nostrum* e *vestrum*) e o dativo-ablativo (*nobis* e *uobis*), pois o acusativo coincidia com o nominativo.

Como podemos observar, não existia, no sistema dos pronomes pessoais do latim clássico, um pronome pessoal de terceira pessoa, fora do eixo falante-ouvinte. Tal falta era suprida ora com a flexão verbal, que indicava quando o sujeito não era nem falante nem ouvinte, ora com o uso do substantivo ou de pronomes demonstrativos.

Os pronomes demonstrativos, por sua vez, situam os elementos exteriores ao falante ou ouvinte, o pronome *hic*, por exemplo, indicava algo que estava próximo ao falante e *iste* próximo ao ouvinte; para além dessa área, havia as formas *ille* de indicação precisa, *is* com indicação vaga e *ipse* como um reiterador. Todos os demonstrativos, além da desinência específica para cada um dos casos do latim, possuíam três gêneros – masculino, feminino e neutro – diferentemente dos pronomes pessoais, cujo gênero era apenas neutro.

Os dois fatos mais significativos na passagem do Latim Clássico ao Vulgar são a redução dos casos, de seis para dois – nominativo e acusativo, porém, como em algumas declinações eles se neutralizavam; a posição da palavra, e não mais a morfologia, passou a indicar a função sintática – e, no que se refere especificamente aos pronomes pessoais, o desenvolvimento de um pronome de terceira pessoa.

Em português, como nas demais línguas românicas, o sistema de pronomes pessoais se ampliou com a emergência de uma série de 3.<sup>a</sup> pessoa. O processo geral foi reservar para essa função um dos pronomes demonstrativos, esvaziado da sua significação dêitica. Ao pronome *ille* coube, desde a fase imperial de latim vulgar, esse novo papel. (CÂMARA JR, 1985, p. 92)

Na passagem ao português, o masculino *ille*, forma já empregada no latim vulgar para representar a terceira pessoa, passa a ser *el* (forma arcaica, plural *eis*) e *e/e*; e o feminino *illa* torna-se *ela*. Com a exigência do plural, na nossa língua, estes pronomes se pluralizaram, acrescentando um -s ao final, segundo a regra dos vocábulos terminados em vogal, abandonando assim o respectivo plural latino.

Assim, em português, esta nova série de pronome, os de 3.<sup>a</sup> pessoa, passa a concordar em gênero e número com o substantivo que substitui. Já os pronomes de 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> pessoa continuam a seguir a estrutura latina, com formas independentes

para o singular e o plural e ausência de gênero. Além disso, consoante Câmara Junior (1985, p. 93):

A diferença fundamental entre port. *ele* e lat. *ille*, em função de sujeito, por exemplo, é justamente que *ille*, como genuíno demonstrativo, podia se reportar diretamente ao mundo bio-social que envolvia a comunicação linguística: *ille* (“aquele que vês ali”, e não “ele”) *currit* (corre).

Uma vez que, no plano morfológico, o pronome pessoal *ille* apresenta flexão de terceira pessoa, com desinência número-pessoal tanto para o plural quanto para o singular, com a fixação dos pronomes pessoais de terceira pessoa na língua latina, não houve perda de marca morfológica nos verbos. Esta perda morfológica nos verbos ocorre posteriormente, no português atual, com o aparecimento de novas formas pronominais como *você*, *vocês* e *a gente* (PINHO, 2012).

Dessa forma, o quadro de pronomes do latim clássico, que era reduzido, sofreu grande ampliação e mudanças em seu percurso histórico até os dias de hoje, como mostra o quadro 1<sup>4</sup>:

**Quadro 1** – Transformação do paradigma pronominal

<b>Pessoa</b>	<b>Latim clássico</b>	<b>Latim vulgar</b>	<b>Português arcaico e popular</b>	<b>Português</b>	<b>PB formal</b>	<b>PB informal</b>
1ª p. sg.	<i>ego</i>	<i>Eo</i>	<i>Eu</i>	<i>eu</i>	<i>eu</i>	<i>eu, a gente</i>
2ª p. sg.	<i>tu</i>	<i>Tu</i>	<i>Tu</i>	<i>tu</i>	<i>tu, você, o senhor, a senhora</i>	<i>você/ocê, tu</i>
3ª p. sg.	—	<i>ille, illa</i>	<i>ele/el, ela</i>	<i>ele, ela</i>	<i>ele, ela</i>	<i>ele/ei, ela</i>
1ª p. pl.	<i>nos</i>	<i>Nos</i>	<i>Nós</i>	<i>nós</i>	<i>nós</i>	<i>a gente</i>
2ª p. pl.	<i>vos</i>	<i>Vos</i>	<i>Vós</i>	<i>vós</i>	<i>vós, os senhores, as senhoras</i>	<i>vocês/ocês/cês</i>

<sup>4</sup> O quadro dos pronomes foi realizado a partir dos livros citados neste tópico, acrescentando-se o paradigma do PB formal e informal apresentado por Castilho (2010, p. 477).

3ª p. pl.	—	—	<i>eles/eis, elas</i>	<i>eles, elas</i>	<i>eles, elas</i>	<i>eles/eis, elas</i>
-----------	---	---	-----------------------	-------------------	-------------------	-----------------------

**Fonte:** Organizado pela autora com base nas obras consultadas para a pesquisa.

Segundo Coutinho (1962), apenas o pronome da primeira pessoa do singular teria resistido aos processos de variação e mudança da língua, não apresentando nenhuma variante até aquele momento. Porém, como consta do quadro 1, atualmente, conforme o paradigma proposto por Castilho (2010), o pronome *eu* possui uma variante no PB informal, a forma *a gente*.

Nesse sentido, cabe ressaltar que, antes da implementação da forma *a gente* como variante da primeira pessoa do singular, esta representação semântica já existia em latim, assim como perdura no português atual (com o uso tanto de *a gente* quanto de *nós*), pois o falante pode utilizar um pronome de natureza plural para representar um só falante ou um só ouvinte. Tanto que, no latim clássico, existia no genitivo uma forma específica com desinência de singular, *nostrī* e *vestrī*, para ser usado no lugar do genitivo *nostrum* e *vestrum*, quando se referia a um único falante ou ouvinte.

As motivações para utilizar um plural com significado de singular eram: majestática ou modéstia. O plural majestático era utilizado pelo rei ou prelado; representava sinal de modéstia quando o plural era utilizado por algum escritor. De igual maneira, para se dirigir a uma pessoa de autoridade, como prova de respeito e polidez, também se utilizava um pronome no plural, a forma *vós*.

Quanto ao meio de tratamento indireto, era de praxe “fingir que se dirigia a palavra a um atributo ou qualidade eminente da pessoa de categoria superior, e não a ela própria” (SAID ALI, 1964), como, por exemplo, *vossa senhoria*, *vossa majestade*, *vossa alteza*, *vossa mercê*, etc. Ademais, com a implementação de tais usos e com o surgimento da variante *ocê(s)*, o pronome *vós* foi caindo em desuso, tanto para denotar pluralidade de pessoas, quanto como tratamento de polidez, restringindo-se o seu uso apenas em preces religiosas, obras literárias e em algumas escritas formais.

De resto, o pronome pessoal sujeito é, em princípio, esporádico em português, como vimos ser em latim. A pessoa do sujeito continua primariamente expressa na desinência verbal. Ao contrário do que sucede em francês (ou, fora das línguas românicas, em inglês ou



alemão), o pronome pessoal sujeito só aparece ao lado do verbo, na língua portuguesa, quando há para isso motivação estilística. (CÂMARA JR, 1985, p. 95)

Porém, com a entrada dos pronomes inovadores *a gente* e *você*, há uma grande redução nas distinções entre as desinências verbais de pessoa, fato que contribui com a presença do pronome pessoal sujeito em português, mais do que em latim.

### 3.1.1 Os Pronomes Sujeito e a Inserção da Variante a Gente

Como vimos no tópico anterior, os pronomes pessoais que cumprem a função de sujeito são tradicionalmente: *eu*, *tu*, *ele*, *nós*, *vós*, *eles*. Os pronomes *eu*, *tu*, *nós* e *vós* têm origem nos pronomes latinos *ego*, *tu*, *nos* e *vos*. Logo, não havia na língua latina um pronome de terceira pessoa, este pronome provém do demonstrativo latino *ille* que começou a ser utilizado ainda no Latim Vulgar, evoluindo em português para *ele*, com a devida distinção de gênero e número.

Said Ali (1964) assevera que o pronome não pode ser definido apenas como uma palavra supridora do nome substantivo, pois há um conjunto de nomes e adjetivos gerais, em oposição aos clássicos nomes e adjetivos especiais, que, muitas vezes, são quase equivalentes a um pronome.

Pouco importa que num livro o autor, falando de si, diga *eu* ou o *autor* e, referindo-se ao leitor, o trate de *vós* ou o *leitor*. E tanto é correta esta observação que vemos certos nomes transformados em verdadeiros pronomes só por adquirirem um sentido geral. Assim *homem* em português antigo era muitas vezes usado como pronome nos mesmos casos que o francês *on* (o qual é a própria palavra *homme* alterada). *Senhor* com sentido especial é nome, mas o *Senhor*, referido geralmente a qualquer pessoa a quem dirigimos a palavra, é pronome. O latim *rem*, pela sua aplicação geral, passou a ser pronome em românico. E quantas vezes não nos serve a expressão *a cousa*, como equivalente de *isto*? (SAID ALI, 1964, p. 92)

Portanto, apesar de o tradicional paradigma dos pronomes pessoais dar a ideia de estaticidade, esta classe é muito mais aberta e flexível do que parece, pois, uma vez que os nomes gerais – como, por exemplo, *senhor*, *homem* e *gente* – se

constituem como pronomes e o seu uso passa a ser constante nessa posição, expande-se o leque de possibilidades pronominais.

Dessa forma, inferimos que o processo de inserção das formas inovadoras, como *você*, *a gente* e *o senhor*, na língua portuguesa, deve-se à existência de nomes semanticamente generalizadores que passam a ser utilizados para determinar a pessoa do discurso.

Etimologicamente, a palavra *a gente* provém do latim *gēns*, *gēntis*, substantivo feminino que designa “gente, raça, espécie, família, nação, povo” e traz consigo, portanto, o conceito de coletividade. Assim, o inserto *a gente*, no quadro pronominal do PB, é uma forma advinda do nominal *gente*, que, devido a sua pronominalização, passa a fazer parte de outra categoria, com propriedades, valores e funções distintas.

O nome *gente*, oriundo do substantivo latino *gens*, *gentis*, constitui um SN que nomeia de forma coletiva, indeterminadora, mais ou menos geral, um agrupamento de seres humanos, identificados entre si por objetivos, idéias, qualidades, nacionalidade ou posição. Determinado pelo artigo feminino *a*, é a forma originária de *a gente* que, através de um processo de gramaticalização passou a integrar o sistema de pronomes pessoais do português, concorrendo com *nós*, forma de primeira pessoa do plural. (OMENA, 2003, p. 64)

De acordo com Borges (2004), segundo Hopper (1991, *apud* BORGES, 2004, p. 9), no processo de gramaticalização, os traços do significado lexical original tendem a permanecer na nova forma gramaticalizada, conforme o princípio da persistência (*principle of persistence*). Por isso, as formas *você* e *a gente* devem ser conjugadas com a 3ª pessoa do singular, uma vez que o traço original pertencente a tais formas é o de um substantivo (*mercê* e *gente*).

Além disso, no caso específico da forma *a gente*, Menon (1996) constatou que tal forma pronominal também mantém a referência indeterminada do substantivo *gente* que transmite a noção de coletividade. Em vista disso, a forma *a gente* pode ser um autêntico sinônimo de *nós* e representar o falante e outras pessoas específicas, como também exercer sua função indeterminadora e representar o falante e as pessoas em geral. Nesse sentido, legitimar a forma *a gente* como pronome vai além da mera variação com *nós*, pois esta inovação pronominal abarca uma nova representação quanto à pessoa do discurso.

Assim como *vós*, segundo Said Ali (1964), costumava ser empregado para se referir a pessoa única, como prova de respeito e polidez, o pronome *nós*<sup>5</sup> era utilizado como plural majestático ou de modéstia, o inovador *a gente*, semanticamente plural, serve também para designar apenas o falante, contudo de maneira menos comprometedora, posto que outras pessoas devem compartilhar da mesma opinião.

Benveniste (1991) caracteriza a terceira pessoa (*ele*) do discurso como uma não-pessoa, pois, diferentemente, do *eu* e *tu*, que fazem referência direta às pessoas do discurso, o *ele* pode ser uma infinidade de sujeitos ou nenhum. A forma pronominalizada *a gente* herda, portanto, o traço formal do substantivo, ao realizar concordância verbal com a terceira pessoa; em relação à pessoa semântica, *a gente* se torna uma espécie de “eu-ampliado”, pois passa a incluir o falante. Por esse ângulo, segundo Lopes (2003), a forma *a gente* perde o traço formal [⊖EU] e passa a adquirir o traço [+EU], cuja pessoalização pode apresentar diferentes graus.

Outro aspecto importante é a realização da concordância verbal que, antes do advento de *a gente*, era regra categórica e, posteriormente, torna-se regra variável, pois, conforme um dos princípios fundamentais da Sociolinguística Quantitativa (Labov, 2008), a sistematicidade linguística não está somente em contextos categóricos, mas também em contextos de variação. Portanto, verificamos que a concordância da 1ª pessoa do plural segue, atualmente, o respectivo esquema:

- i. *nós vamos/vamo*
- ii. *nós vai*
- iii. *a gente vai*
- iv. *a gente vamos/vamo*

Quanto à diacronia, Lopes (2003) constatou que a inserção do substantivo *gente* como pronome foi lenta e gradual, pois as primeiras ocorrências de *gente* como pronome, em um período de XIII a XX, datam do século XVIII. Antes disso, as ocorrências apresentavam ambiguidades e poderiam ser interpretadas como sinônimo de “pessoas” (não inclui o falante) ou variante de *nós* (inclui o falante). A partir do século XIX, o uso como substantivo sofre uma queda e os casos de

---

<sup>5</sup> Fenômeno que ainda pode ocorrer nos dias atuais, porém em menor frequência devido à introdução de *a gente*

variante *a gente* aumentam. Este processo se intensifica, no século XX, quando, concomitantemente, a ambiguidade se desfaz.

No tocante à presença de traço de número (“gente”, “gentes”) no substantivo *gente*, a referida autora verificou que, no século XIII, a presença do traço de plural era mais frequente do que o singular. Já, no século XVI, há uma significativa redução do traço de plural, que desaparece por completo, no século XX, momento em que o uso de *gente* no singular ganha terreno e firma-se como categórico.

Aparentemente o traço formal de número, registrado na sintaxe, se perdeu com o tempo. Tais resultados podem evidenciar que o substantivo *gente* apresentava com nitidez as propriedades caracterizadoras do nome por ser empregado com a subespecificação de número [ $\alpha$ pl], ou seja, podia ser usado tanto no singular (*esta gente*) quanto no plural (*estas gentes*). (LOPES, 2003, p. 67)

Por último, a pesquisadora investigou a alteração nos traços formais e semânticos de gênero que também demarcam cronologicamente a gramaticalização do substantivo *gente*. De acordo com seus dados, é a partir do século XVI que as possibilidades de concordância começam a diminuir e, apenas nos séculos XIX e XX, o feminino singular torna-se categórico. Segundo Lopes (2003, p. 70), com pronominalização “a especificação positiva de gênero formal [+fem] do substantivo desaparece, tornando-se [ $\ominus$ fem]”, além disso, o traço [ $\ominus$ FEM], que não esclarecia o sexo do referente passa a ser “semanticamente subespecificado [ $\alpha$ FEM]”.

Em suma, o substantivo *gente*, que vigorou do século XIII ao XVI, servia somente para se referir às pessoas, sem incluir o falante. Por extensão de uso, do século XVI em diante, a forma *a gente* começa a incluir o falante e a perder os traços de gênero e número, adquirindo, por completo, *status* de pronome nos séculos XIX e XX. Ademais, a forma gramaticalizada apresenta diferentes níveis de pessoalização, pois pode se referir ao falante e outras pessoas específicas, ao falante e às pessoas em geral, como também representar o próprio falante sozinho.

### 3.1.2 Os Pronomes Oblíquos Tônicos e a Inserção de *com a Gente* e *com Nós*

Visando entender como se deu o desenvolvimento do paradigma pronominal dos oblíquos tônicos em função de adjunto adverbial de companhia, bem como as mudanças de *nobiscum*, no Latim, para *conosco*, *com nós* e o surgimento de *com a*

*gente*, fizemos um breve levantamento do percurso histórico dessa mudança, com base nas obras de Silva Neto (1956), Nunes (1956), Coutinho (1962) e Câmara Junior (1985).

Segundo os referidos autores, um longo caminho foi percorrido desde o Latim Clássico até o Português Brasileiro atual no que diz respeito, especificamente, aos pronomes oblíquos tônicos *comigo*, *contigo*, *consigo*, *conosco* e *convosco*.

Originários dos pronomes pessoais latinos no caso ablativo mais a partícula *cum* (preposição posposta) – *mecum*, *tecum*, *secum*, *nobiscum* e *vobiscum* – tal classe gramatical sofreu drásticas mudanças fonéticas e morfológicas.

No Latim clássico, os pronomes pessoais do caso oblíquo *me* e *te*, singular, eram iguais tanto no acusativo quanto no ablativo. Assim, a divergência formal ocorria apenas no plural, em que *nos* e *vos* do acusativo se opunham a *nobis* e *vobis* do ablativo, como demonstra o quadro a seguir:

**Quadro 2** – Realização dos pronomes pessoais do caso oblíquo.

CASOS	1ª pessoa	2ª pessoa	3ª pessoa
<b>Plural</b>			
<b>Nominativo</b>	<i>me</i>	<i>te</i>	<i>se</i>
<b>Genitivo</b>	<i>mei</i>	<i>tui</i>	<i>sui</i>
<b>Dativo</b>	<i>mihi</i>	<i>tibi</i>	<i>sibi</i>
<b>Acusativo</b>	<i>me</i>	<i>te</i>	<i>se</i>
<b>Ablativo</b>	<i>me</i>	<i>te</i>	<i>se</i>
<b>Singular</b>			
<b>Nominativo</b>	<i>nos</i>	<i>vos</i>	<i>se</i>
<b>Genitivo</b>	<i>nostrī</i>	<i>vestri</i>	<i>sui</i>
<b>Dativo</b>	<i>nobis</i>	<i>vobis</i>	<i>sibi</i>
<b>Acusativo</b>	<i>nos</i>	<i>vos</i>	<i>se</i>
<b>Ablativo</b>	<i>nobis</i>	<i>vobis</i>	<i>se</i>

**Fonte:** Disponível em: <<http://alunodacamarilla.spaceblog.com.br/9776/Pronomes-do-Latim/>>. Acesso em: 26 ago. 2015.

Entretanto, na passagem do Latim Clássico ao Latim Vulgar, o sistema latino perdeu o dativo-ablativo *nobis, vobis*, que o Latim vulgar substituiu pelo nominativo-acusativo *nós, vós*. Segundo Silva Neto (1956, p. 181), “em 1888 Suchier atinava com a verdade, escrevendo: ‘O dativo (ablativo) *nobis, vobis*, saiu muito cedo do Latim vulgar, pois já no Appendix Probi *noscum* substituiu *nobiscum*’”. Ainda, a mudança de *nobiscum/vobiscum* para *noscum/voscum*, não está ligada a forças fonéticas, mas à substituição de um caso por outro, como bem afirma o autor, “o que realmente aconteceu foi a predominância do acusativo, cujas funções se dilataram imensamente. Houve, portanto, câmbio morfológico e não fonético” (SILVA NETO, 1956, p. 182).

A transição do Latim Vulgar para o Português arcaico foi permeada por diversas mudanças fonológicas tais como: a) perda da nasal bilabial /m/ no final da palavra (*noscum>noscu*); b) metafonia do /u/ para /o/ (*noscu>nosco*), c) metafonia do /e/ para /i/ por causa do /u/ final (*mecum>mecu>micu*) e d) lenização (sonorização) do /k/ intervocálico (*micu>migo*). Logo, *migo, tigo, sigo, nosco* e *vosco* constituem as formas ablativas do Português arcaico (CÂMARA JUNIOR, 1985, p. 97).

Por conseguinte, é a partir das formas ablativas do Português arcaico que o paradigma dos pronomes oblíquos tônicos do Português clássico se desenvolveu. Todavia, em Português, a preposição já contida (*go* e *co*) pareceu não ser suficiente, então, inseriu-se uma preposição *com* antes dos pronomes, resultando, de acordo com Nunes (1956, p. 239), nas “expressões pleonásticas” *comigo, contigo, consigo, conosco*, convosco. Sobre o tema, Coutinho assevera que:

No antigo Português empregou-se *nosco* sem o refôrço de *com* porque ainda estava presente ao espírito de todos que a terminação *-co* representava a preposição latina *cum*. Obliterada essa idéia, tornou-se necessário o refôrço, o que deu em resultado a forma atual *conosco*. (COUTINHO, 1962, p. 298)

Em Pinho e Cardoso (2010), tratando da história do pronome *conosco*, encontramos possíveis explicações para a mudança de *nobiscum* para *conosco* e, conseqüentemente, *com nós* e *com a gente*. Os autores apontam que as mudanças linguísticas atuam no sentido de apagar as desinências, processo que ocorreu no Latim (*nobiscum>noscum*) e continua ocorrendo no Português.

Portanto, a passagem do *conosco*, disposto pelas normas culta e padrão, para as formas *com nós* e *com a gente*, pode ser explicada por esse processo histórico de perda das marcas de caso no sistema morfológico da língua, uma vez que o pronome *nosco*, que sempre ocorre aglutinado à preposição *com*, nada mais é que um resquício do caso ablativo no sistema pronominal do Português.

A segunda explicação salientada se deve à tendência de regularização dos paradigmas gramaticais, consequência do processo anteriormente citado, que ocorre por analogia, pois, se o falante usa variantes como *nós cantávamos* > *a gente cantava*; *isso é nosso* > *isso é da gente*; *ele nos viu* > *ele viu a gente*, certamente, por analogia, ele também pode colocar o pronome *a gente* em posição de adjunto adverbial de companhia precedido pela preposição *com*. Do mesmo modo, se existe *nós cantávamos* e *ele viu nós*, nada impede a frase *ele saiu com nós*, pois, de acordo com Pinho e Cardoso (2010):

O falante, por analogia, regulariza o seu paradigma pronominal de primeira pessoa do plural, apagando as marcas de caso acusativo (Ele viu *nós*) ao colocar o pronome do caso reto em posição de objeto direto, e, também, ao eliminar os resquícios de ablativo substituindo *nosco* por *nós*, do caso nominativo. Entretanto, levando em conta a avaliação social das variantes, a variedade não-padrão, que utiliza *nós*, encontra-se em desvantagem, já que muito possivelmente conta com estigma. (PINHO; CARDOSO, 2010, p. 60).

Nunes (1956, p. 239), assim como os autores citados, discorre sobre a existência da variante *com nós*, “Em vez de *conosco*, também o povo diz *com nós*, expressão que se usa igualmente em galego [...]”, destacando que a forma não é aceita pelos compêndios gramaticais, “É escusado advertir que a língua literária emprega do mesmo modo *com nós* e não *com nosco*, quando o pronome *nós* (e *vós*) está seguido ou precedido de outra palavra, dizendo *com nós* todos (*com vós* todos), *com ambos nós*, etc.”. Em vista disso, podemos inferir que, provavelmente, em Portugal no início do século XX, a variante *com nós* era utilizada, sobretudo, pelos falantes menos escolarizados e com menor poder aquisitivo, ao passo que os mais escolarizados e de classes sociais mais altas usavam *conosco*.

A última explicação é a mudança sintática – SOV para a atual SVO – ocorrida na passagem do Latim para o Português, migrando, assim, de uma estrutura que privilegiava a ocorrência de posposições para uma que privilegia a preposição.

Portanto, a mudança sintática ocasionou um rearranjo no sistema dos pronomes em função de adjunto adverbial de companhia, tornando-se necessária a introdução da preposição *com* diante dessas formas pronominais.

Isto posto, é possível localizar no Português contemporâneo a presença de três variantes para o pronome oblíquo tônico da primeira pessoa do plural: *conosco*, *com nós* e *com a gente*. Verificamos, pois, que há uma tendência no estágio atual da língua à eliminação dos resquícios de caso herdados do Latim. Com essa progressiva simplificação da morfologia, processo pelo qual as formas vão se neutralizando, a função sintática passa a ser indicada pelas preposições e posição da palavra na frase e não mais pela morfologia.

### 3.2 O QUE DICIONÁRIOS E GRAMÁTICAS DIZEM ACERCA DESSES PRONOMES

Visamos observar, nesta seção, se e como as gramáticas e os dicionários abordam os fenômenos não tradicionais – mas recorrentes na língua portuguesa, sobretudo, na língua falada – investigados nesta pesquisa, tais como: *a gente* (pronome sujeito), *com a gente* e *com nós* (pronome oblíquo tônico).

Para tanto selecionamos as obras gramaticais<sup>6</sup> de Nicola e Infante (1993), Bechara (2001), Cunha e Cintra (2001), Almeida (2004), Castilho (2010) e Rocha Lima (2014). E, os dicionários de Aulete (1980), Michaelis (1998), Ferreira (2009) e Houaiss (2009).

#### 3.2.1 A Gente nos Compêndios

Segundo Almeida (2004), o pronome *nós* refere-se ao plural do pronome *eu*, representando as pessoas que falam. No tópico de pronomes de tratamento, a forma *a gente* aparece quando o autor cita algumas palavras e expressões que substituem a terceira pessoa gramatical como *fulano*, *a gente*, *ocê*, *vossa excelência*, entre outras. Em nota, consta também uma referência ao uso de *a gente* como pronome, salientando que se deve escrever *a gente* com os elementos separados. Em sua

---

<sup>6</sup> Ordem cronológica quanto ao ano da primeira publicação: Almeida (1951), Rocha Lima (1958), Nicola e Infante (1967), Cunha e Cintra (1984), Bechara (1999), Castilho (2010).



gramática, a palavra *gente* aparece como sinônimo de pessoas entre os substantivos coletivos.

Não encontramos, na “Gramática normativa da língua portuguesa” de Rocha Lima (2014), nenhuma menção à forma *a gente*. O autor divide os pronomes em seis classes: pessoais, possessivos, demonstrativos, indefinidos, relativos e interrogativos. Nessa gramática, é oferecido somente o paradigma tradicional, embora o autor inclua a forma *você(s)* no rol dos pronomes pessoais retos, que se empregam como sujeito e, ainda, explica que:

O pronome *você* pertence realmente à 2ª pessoa, isto é, àquela com *quem se fala*, posto que o verbo com ele concorde na forma da 3ª pessoa. Tal ocorre em virtude da origem remota do pronome (*Vossa mercê*). A concordância faz-se com o substantivo *mercê*, como nos tratamentos de reverência (*Vossa Majestade*, *Vossa Excelência*, *Vossa Senhoria*, etc.); é com os substantivos e não com o possessivo (*vossa*) que se estabelece a concordância. (LIMA, 2003, p. 316)

À vista disso, podemos considerar que a forma *a gente* seguiu praticamente o mesmo processo de *você*, pois, a forma *a gente* que, do ponto de vista semântico-discursivo, funciona como pronome de 1ª pessoa do plural, muda quanto ao plano formal, uma vez que a concordância, feita com o substantivo *gente*, ocorre na terceira pessoa do singular.

Nicola e Infante (1993) corroboram as afirmações de Rocha Lima (2014) à medida que inclui o *você* como um pronome, mas como pronome de tratamento, explicando de igual modo que a concordância é nominal. Encontramos, ainda, no apêndice, uma referência à forma *a gente* exemplificando a “silepse de pessoa” e a “silepse de número”. O autor cita o trecho da música do Ultraje a Rigor “*a gente* somos inútil”, em que *a gente* representaria o *nós* e, por isso, o verbo está na 1ª pessoa do plural, já o *inútil* que deveria concordar, portanto, com a 1ª pessoa do plural acaba concordando com o substantivo *gente*, no singular. Contudo, não há nenhuma explicação, apenas os exemplos para que o leitor observe e tire suas próprias conclusões.

Ao discorrer sobre os pronomes pessoais, Cunha e Cintra (2001) consideram que os pronomes apresentam funções correspondentes às exercidas pelos elementos nominais, servindo para representar um substantivo ou acompanhá-lo. Os autores citam brevemente o uso do *você* como um pronome de tratamento usado no

lugar do *tu*, mencionando que a forma consagrada perdeu espaço para o inovador e ocorre, ainda, apenas em alguns lugares da região Sul<sup>7</sup>.

Quanto ao uso de *a gente*, Celso Cunha e Lindley Cintra (2001) fazem referência a essa forma, embora não a classifiquem como um pronome pessoal, mas como uma “fórmula de representação da 1ª pessoa”, ressaltando seu uso “no colóquio normal” para substituir tanto o *nós* quanto o *eu* (CUNHA e CINTRA, 2001, p. 290). Os referidos autores acrescentam que, ao utilizá-la, o verbo deve sempre permanecer na terceira pessoa do singular:

- (i) Houve um momento entre nós / Em que *a gente* não falou.  
(Fernando Pessoa)
- (ii) Você não calcula o que é *a gente* ser perseguida pelos homens. Todos me olham como se quisessem devorar-me.  
(Ciro dos Anjos)

O pronome pessoal reto *nós*, segundo a gramática, pode ainda ser utilizado para representar semanticamente valor de singular como, por exemplo, no plural de modéstia, no qual escritores e oradores empregavam o *nós* no lugar de eu para evitar o tom impositivo ou pessoal e dar a impressão de que a ideia exposta era compartilhada.

Evanildo Bechara (2001) foi o único a afirmar, mesmo em nota, que *nós* indica *eu* mais outra pessoa ou outras pessoas, e não *eu + eu*; não há, portanto, vários *eus* compreendidos pelo próprio eu que fala, já que *nós* não é multiplicação de objetos idênticos, mas a união do *eu + não eu*. Dessa forma, segundo o autor, assim como é possível utilizar a segunda pessoa fora da alocação e fazê-la entrar numa variedade impessoal, ou seja, as formas *você* ou *tu* para se referir ao próprio falante, também é possível usar o *a gente* para representar o *eu*, como cita no exemplo: “Sem falar nos que já morreram, porque morreram muitos à medida que *a gente* fica mais velha” (BECHARA, 2001, p. 162).

Em uma observação, no subtópico Pronome de Tratamento, o autor explica que “o substantivo *gente*, precedido do artigo *a* em referência a um grupo de pessoas em que se inclui a que fala, ou a esta sozinha, passa a pronome e se

---

<sup>7</sup> Informação equivocada, pois, segundo o ALiB, no Pará e no Maranhão, por exemplo, o uso do *tu* é frequente.

emprega fora da linguagem cerimoniosa. Em ambos os casos o verbo fica na 3.<sup>a</sup> pessoa do singular” (BECHARA, 2001, p.166).

Verifica-se, então, que Bechara (2001) admite a inclusão de *a gente* no sistema pronominal, porém isso é feito de forma ainda discreta, em notas e observações. Nesse sentido, vale asseverar as palavras de Faraco e Moura (2003, p. 287) quando afirmam que “a norma culta da língua tende a rejeitar essas construções, comuns da fala coloquial”.

Diferentemente das anteriores, a “Nova Gramática do Português Brasileiro”, de Castilho, tem um caráter inovador, que se manifesta também no estudo dos pronomes. Para Castilho (2010), os pronomes pessoais são facilmente suscetíveis a mudanças, o que se evidencia, sobretudo, na modalidade falada, com diversas consequências em sua estrutura sintática. “A centralidade desses pronomes no sistema das línguas explica porque a reorganização do quadro dos pronomes repercute nos demais pronomes, na morfologia verbal, na concordância verbal e na estrutura funcional da sentença” (CASTILHO, 2010, p. 477). Vejamos a seguir, no quadro 3, a reorganização dos pronomes pessoais do PB, de acordo com a atualidade:

**Quadro 3** – Classificação dos pronomes segundo Castilho (2010)

PESSOA	PB FORMAL		PB INFORMAL	
	Sujeito	Complemento	Sujeito	Complemento
1 <sup>a</sup> pessoa sg.	eu	me, mim, comigo	eu, a gente	eu, me, mim, prep. + eu, mim
2 <sup>a</sup> pessoa sg.	tu, você, o senhor, a senhora	te, ti, contigo, prep. + o senhor, a senhora	você/ocê, tu	você/ocê/cê, te, ti, prep. + você/ocê
3 <sup>a</sup> pessoa sg.	ele, ela	o/a, lhe, se, si, consigo	ele/ei, ela	ele, ela, lhe, prep. + ele, ela
1 <sup>a</sup> pessoa pl.	nós	nós, conosco	a gente	a gente, prep. + a gente
2 <sup>a</sup> pessoa pl.	vós, os senhores, as	vos, convosco, prep. + os	vocês/ocês/cês	vocês/ocês/cês, prep. +

	senhoras	senhores, as senhoras		vocês/ocês
3ª pessoa pl.	eles, elas	os/as, lhes, se, si, consigo	eles/eis, elas	eles/eis, elas, prep. + eles/eis, elas

**Fonte:** Nova gramática do português brasileiro (CASTILHO, 2010 p. 477).

Nessa classificação, além da inclusão de pronomes como *você* e *o(s)* *senhor(s)/a(s)* *senhora(s)*, o autor apresenta uma divisão entre o PB formal e PB informal. A forma *a gente* é classificada como um pronome sujeito, mas está inserida apenas no PB informal. Fica evidente que a nova reorganização abrange um maior número de pronomes sujeito utilizados pelos falantes, contudo no que se refere à formalidade, o uso do *nós* prevalece.

Outro fato interessante é a inserção de *a gente* não apenas como 1ª pessoa do plural, mas também como 1ª pessoa do singular. Ou seja, a forma inovadora pode ser utilizada tanto para representar *eu + você(s) + ele(s)*, significado básico do pronome de 1ª pessoa do plural, quando inclui o falante, pessoas específicas e o receptor, quanto *eu + eu*, quando o falante se refere a si mesmo. Podemos pensar, portanto, que o inovador *a gente* não é mera variante do pronome *nós*, mas é uma nova forma de representação no discurso a partir do fator de referência.

Mesmo com as grandes mudanças já ocorridas no sistema dos pronomes, muitas gramáticas ainda conservam os paradigmas tradicionais e, quase sempre, nem mencionam as inúmeras formas não convencionais existentes na língua. Em relação à segunda pessoa, os compêndios analisados incluem apenas a forma *tu* como pronome pessoal reto, classificando o *você* somente como um pronome de tratamento.

Da mesma forma, há uma inadequação quanto à classificação do pronome *nós* como sendo único para designar a primeira pessoa do plural, dado que a forma inovadora *a gente* mostra-se igualmente produtiva no português brasileiro, conforme evidenciamos no capítulo I.

Dessa maneira, observamos que a maioria das gramáticas analisadas não inclui a forma *a gente* na relação dos pronomes pessoais, fixando-se apenas *eu*, *tu*, *ele/ela*, *nós*, *vós*, *eles/elas*. A classificação desses pronomes se dá a partir das três pessoas gramaticais: quem fala (primeira pessoa), com quem se fala (segunda

pessoa) e de quem se fala (terceira pessoa), nesta ordem, no singular ou plural. Além disso, a maioria das gramáticas interpreta os pronomes *nós* e *vós* apenas como formas plurais do *eu* e *tu*.

Quanto ao tratamento que as gramáticas tradicionais dão à primeira pessoa do plural, constatamos uma grande divergência na classificação da expressão *a gente*, pois, em algumas delas, não se faz nenhuma menção a tal forma, enquanto outras ainda tentam uma classificação, mesmo que restringindo o uso desta variante apenas ao discurso coloquial e a formas de tratamento.

### 3.2.2 A Gente nos Dicionários

Aulete (1980) registra *a gente* no verbete *gente* como sinônimo de *nós*, a ou as pessoas que falam e acrescenta que “neste sentido, o povo emprega este nome singular fazendo-o concordar com o verbo no plural: *a gente* fomos ali; *a gente* mandamos, etc., o que é contra o bom senso gramatical”. Na entrada *nós*, como esperávamos, não encontramos nenhuma menção ao *a gente*.

O *nós*, aparece em Michaelis (1998) tradicionalmente definido como pronome que designa a primeira pessoa do plural de ambos os gêneros e serve de sujeito ou regime de preposição. Contudo, este dicionário acrescenta que a forma *nós* pode ser empregada no singular, “quando alguém fala como órgão de uma coletividade, ou quando o escritor, por modéstia, quer tornar menos saliente a sua individualidade”. Por fim, no verbete *gente*, o autor menciona que “na linguagem familiar, precedido do artigo *a*, exprime o agente indeterminador e equivale a *se, nós etc.*”.

Ao consultar o dicionário de Ferreira (2009), verificamos que no verbete *gente* – substantivo feminino que indica quantidade maior ou menor de pessoas indeterminadas – consta o registro da forma *a gente* significando “a(s) pessoa(s) que fala(m); *eu, nós...*”. Já em relação ao verbete *nós* – pronome pessoal da 1ª pessoa do plural de ambos os gêneros que funciona como sujeito, como predicativo ou como regime de preposições – não observamos qualquer menção à forma *a gente*.

Segundo Houaiss (2009), a entrada *nós* é definida como a primeira pessoa do plural que indica *eu* mais outra ou outras pessoas, podendo funcionar como sujeito (*nós já vamos embora*), como predicativo (*os vencedores somos nós*) ou como

complemento, precedido de preposição (*não houve discórdia entre nós*). Quanto à forma *a gente*, aparece, assim como em Ferreira (2009), apenas na entrada *gente* (número indeterminado de pessoas) como “a pessoa que fala em nome de si própria e de outro(s); *nós*”.

Os quatro dicionários consultados não apresentaram discrepâncias relevantes quanto ao rol dos pronomes sujeito ou sua forma de classificação. Nenhum deles mencionou a forma inovadora *a gente* na entrada *nós*, mesmo com a vasta utilização dessa forma como sinônimo do pronome *nós*. A variante *a gente*, sequer se encontra dicionarizada, aparecendo somente no verbete do substantivo feminino *gente*.

### 3.2.3 Com a Gente nos Compêndios

Quanto à função, as formas do pronome pessoal podem ser retas ou oblíquas. Retas quando funcionam como sujeito da oração e oblíquas quando nela se empregam fundamentalmente como objeto (direto ou indireto). Já quanto à acentuação, distinguem-se os pronomes pessoais em formas tônicas e átonas.

Praticamente todas as gramáticas analisadas, com exceção de Castilho (2010), mantêm o quadro dos pronomes nos moldes tradicionais, como segue:

**Quadro 4** – Classificação dos pronomes segundo as gramáticas analisadas

Pessoa gramatical	Pronomes pessoais retos	Pronomes pessoais oblíquos	
		átonos	tônicos
Singular	1 <i>eu</i>	<i>me</i>	<i>mim, comigo</i>
	2 <i>tu</i>	<i>te</i>	<i>ti, contigo</i>
	3 <i>ele, ela</i>	<i>o, a, lhe, se</i>	<i>ele, ela, si, consigo</i>
Plural	1 <i>nós</i>	<i>nos</i>	<i>nós, conosco</i>
	2 <i>vós</i>	<i>vos</i>	<i>vós, convosco</i>
	3 <i>eles, elas</i>	<i>os, as, lhes, se</i>	<i>eles, elas, si, consigo</i>

**Fonte:** Elaboração da autora a partir das gramáticas analisadas, com exceção da obra de Castilho (2010).

Os pronomes oblíquos, por sua vez, podem vir acompanhados de preposições como em *de mim, por mim, comigo, contigo, dele, por ele, de nós, por vós, entre nós, com ele, conosco, convosco, consigo*. A maioria dos autores não

inclui o *conosco*, o *convosco* no elenco de pronomes oblíquos deixando somente os oblíquos *migo*, *tigo*, *sigo*, *nosco* e *vosco* que, ao serem combinados com a preposição, passam a se apresentar como *comigo*, *contigo*, *conosco* e *convosco*.

Ao explicar sobre os pronomes oblíquos que são acompanhados por preposição, Almeida (2004) cita *de nós*, *por vós*, *com ele*, *conosco* e *convosco*, não acrescentando as formas variantes inovadoras *da gente*, *com a gente* e *com vocês*. Explica, ainda, que as formas *migo*, *tigo*, *sigo*, *nosco* e *vosco* provêm do latim *mecum*, *tecum*, *secum*, *nobiscum*, *vobiscum*, cuja preposição *cum* passa a ser *co* e *go*. E que, em português, tais formas vêm outra vez acompanhadas da preposição *com* formando *comigo*, *contigo*, *consigo*, *conosco* e *convosco*.

O autor não comenta sobre o uso da forma variante *com a gente*, nem menciona a analogia não padrão que ocorre quanto ao uso do pronome, gerando o estigmatizado *com nós*. Segundo o autor, uma vez que a eufonia exige que se diga *com nós mesmos* ou *com nós próprios*, em vez de *conosco mesmos* e *conosco próprios*, espera-se o uso estendido, pelos falantes da língua, de *com nós* a outros contextos.

Da mesma maneira, Bechara (2001, p. 165) expõe que, se a preposição é *com*, dizemos *comigo*, *contigo*, *consigo*, *conosco*, *convosco*, e não *com mi*, *com ti*, *com si*, *com nós*, *com vós*. Completando, entretanto, a pertinência de dizer *com nós* e *com vós*, no lugar de *conosco* e *convosco*, quando estes pronomes tônicos vêm seguidos de *mesmos*, *próprios*, *todos*, *outros*, *ambos*, numeral ou oração adjetiva, a fim de evidenciar o antecedente.

Para Rocha Lima (2014) e Cunha e Cintra (2001), também se diz *comigo*, *contigo*, *conosco* e *convosco*, quando os pronomes oblíquos vêm aglutinados à preposição *com*. Porém, se estes pronomes forem ampliados por determinativos como *outros*, *todos*, *mesmos*, *próprios*, deve-se dizer *com nós*, *com vós*, e não *conosco*, *convosco*. Cunha e Cintra (2001) destacam, ainda, ser regular a construção *com ele* (*com ela*, *com eles*, *com elas*).

Em Nicola e Infante (1993), bem como nas demais gramáticas mencionadas, não há qualquer menção à variante inovadora *com a gente*, nem à ocorrência da forma não padrão *com nós*. Quanto ao último caso, os autores deixam claro apenas que não pode ocorrer *com nós* sem ser acompanhado de *outros*, *todos*, *próprios*, etc.

Somente Castilho (2010) apresenta, em sua gramática, o uso, específico no PB informal, da preposição + o inovador *a gente* (*com a gente*), quanto ao complemento de primeira pessoa do plural. Entretanto, os comentários realizados, pelo autor, restringem-se aos pronomes pessoais em função de sujeito.

### 3.2.4 Com a Gente nos Dicionários

A forma inovadora *com a gente* não aparece dicionarizada, nem mesmo mencionada como forma alternativa ao uso do pronome padrão *conosco* em nenhum dos dicionários pesquisados.

Aulete (1980) traz somente a variante *conosco* definida como a flexão do pronome *nós* para o caso em que se emprega com a preposição *com*; significando em companhia de *nós*. Da mesma maneira, Michaelis (1998) traz apenas o verbete *conosco* como sendo em nossa companhia, ao nosso respeito ou de *nós* para *nós*. Ex.: “conosco o caso é diferente”.

Também na entrada do consagrado *conosco*, Ferreira (2009) o define, tradicionalmente, como um pronome que indica: “com a(s) pessoa(s) ou à(s) pessoa(s), que fala(m); em nossa companhia; ao mesmo tempo que nós”. Além disso, o dicionarista acrescenta que, geralmente, tanto o *conosco* quanto o *convosco* não admitem depois de si o uso de pronomes demonstrativos, como *mesmo* e *próprio*, nem numerais, nem aposto, etc. Portanto, ao invés do *conosco*, deve-se utilizar a preposição e o pronome pessoal do caso reto. Ex.: “com nós mesmo(s), com nós dois, com vós próprio(s), com vós outro(s), e assim por diante”. Quanto ao verbete *nós*, “se a preposição é com, emprega-se, normalmente, com nós, em vez de *conosco*, se em seguida ao nós vier mesmo ou próprio”.

Houaiss (2009) também assevera na entrada *nós* que, segundo a norma gramatical, “quando a preposição que antecede o pronome é *com*, emprega-se a forma *conosco*, exceto se em seguida a *nós* vier *mesmos*, *todos*, ou *próprios*”. *Conosco*, por sua vez, está definido como o locutor mais outra(s) pessoa(s), excluindo-se o(s) interlocutor(es) ou o locutor mais o interlocutor. No campo da gramática “normalmente não se empregam depois de *conosco* pronomes demonstrativos (*mesmo*, *próprio*, etc.), nem numerais”, contudo, caso o locutor vá usá-los, deve empregar o pronome *nós* precedido da preposição *com*. Ex.: “com nós mesmos; com nós três”.



Há, de modo geral, um receio, por parte das gramáticas e dos dicionários arrolados neste estudo, de tratar de fatos inerentes à oralidade, posto que, normalmente, os autores se voltam para as formas tradicionais e deixam de lado as variantes inovadoras e/ou não padrão, mesmo com a grande difusão e amplitude de tais formas na fala dos brasileiros. Esta rigidez às inovações linguísticas tem contribuído ainda mais com preconceito, pois, ainda que o interesse principal da gramática normativa seja a norma padrão, deve ser esclarecido que, na oralidade, é possível, até mesmo na fala culta, a utilização de algumas dessas formas.

#### 4 ESTUDOS VARIACIONISTAS ACERCA DOS PRONOMES SUJEITO NÓS E A GENTE

Devido à gama de estudos desenvolvidos a respeito deste fenômeno, selecionamos alguns que julgamos pertinentes quanto às variáveis linguísticas e extralinguísticas utilizadas para embasar esta pesquisa. Elegemos investigações com datas entre 1986 e 2007 que contemplam dialetos de diversas localidades do território brasileiro.

A pesquisadora Omena (1986) foi a pioneira no estudo sobre a alternância entre o uso de *nós* ou de *a gente*, cuja análise foi realizada a partir das entrevistas de 48 falantes do Rio de Janeiro, que constam no banco de dados do Projeto Censo Lingüístico do Rio de Janeiro. Quanto ao perfil dos informantes, o projeto estabelece três faixas etárias (entre 15 e 25 anos, 26 e 49 anos e 50 anos ou mais), três níveis de escolaridade (primário, ginásio e 2º grau) e dois sexos (masculino e feminino). Dentre os fatores mais significativos daquela pesquisa em relação à variação de *nós* e *a gente* na função de sujeito, selecionamos: a) variáveis linguísticas: disposição das formas na sequência do discurso e indeterminação e número de referentes e b) variáveis extralinguísticas: faixa etária e escolaridade. Na avaliação geral, a forma pronominal *a gente* apresentou 73% dos dados, na função sujeito, enquanto o pronome padrão *nós* obteve apenas 27% do total. Quanto à disposição das formas na sequência do discurso, a análise de Omena revelou que:

A escolha de uma das formas, ao se nomear pela primeira vez um referente na sequência de um discurso, deve-se a outros fatores. No entanto, uma vez escolhida a forma, essa escolha atua sobre o uso das formas subsequentes, até que um novo fator atue, provocando nova escolha. (OMENA, 1986, p. 197)

Portanto, a probabilidade do uso da forma *a gente* aumenta quando o pronome anteriormente utilizado é também *a gente* e a referência continua a mesma, ocorrendo o mesmo em relação ao uso de *nós*. Além disso, a autora detectou que os casos com antecedentes de *sujeito nulo* favorecem a ocorrência de *a gente* quando a forma verbal anterior estiver na terceira pessoa do singular e o referente for o mesmo. Já com a mudança do referente, o uso de *nós* ganha força,

assim como nos casos em que o antecedente verbal apresentar a desinência *-mos* e com o mesmo referente; com a mudança do referente, porém, será o *a gente* o favorecido. No tocante à indeterminação e número de referentes, a autora estabeleceu quatro grupos para facilitar a análise semântica: 1) grupo grande e indeterminado; 2) grupo pequeno/médio e indeterminado; 3) grupo grande e determinado e 4) grupo pequeno/médio e determinado. A variante *a gente* foi predominante no grupo com maior número de pessoas e de referência indeterminada, enquanto que o *nós* foi favorecido no grupo grande e determinado. Já os grupos pequeno/médio determinado ou indeterminado apresentaram dados neutros. A escolaridade, segundo a autora, foi um fator externo muito influente no processo de alternância das formas, pois os dados apontam os informantes com ginásio (fundamental II) como os favorecedores do pronome *nós*. Contudo, no 2º grau (ensino médio), o quadro volta a ser igual ao do primário (fundamental I) e a forma *a gente* é a favorecida. A variável idade revelou a predominância da forma inovadora na fala dos informantes jovens e, com o avanço da idade, ocorreu a preferência pelo uso de *nós*, forte indicativo, segundo a Sociolinguística Variacionista, de um processo de mudança em progresso.

Com objetivo maior de contrapor dados de informantes pouco escolarizados com falantes que possuem ensino superior, Lopes (1993) investigou, em seu trabalho quanto ao uso do *nós* e *a gente*, três localidades do Brasil: Rio de Janeiro, Porto Alegre e Salvador. O *corpus* da pesquisa foi constituído por 18 entrevistas do banco de dados sonoro do Projeto NURC/Brasil. Em cada localidade foram entrevistados um homem e uma mulher com as seguintes faixas-etárias: 25 a 35 anos, 36 a 55 anos e mais de 56 anos. Dos 972 dados, obtidos pela autora 562 foram casos de *nós* (58%) e 410 da forma *a gente* (42%). Ainda, os resultados mostraram que as variáveis linguísticas que condicionam o uso de *nós* ou *a gente*, em falantes cultos, são, geralmente, iguais aos dos falantes pouco escolarizados. O processo de mudança linguística ocorre, entretanto, de forma diferenciada, pois, a substituição do pronome *nós* pela forma inovadora *a gente* nos falantes pouco escolarizados é mais evidente do que nos falantes cultos. De acordo com a autora, o paralelismo discursivo favorece o uso de ambas as formas, ou seja, a forma *a gente* ocorrerá mais vezes em uma sequência discursiva quando sua antecessora também for *a gente* ou um verbo na terceira pessoa do singular; o mesmo fato se aplica ao uso de *nós*. Lopes (1993) verificou também que o falante tende a utilizar o *nós*

quando inclui ele mesmo mais o receptor ou outras pessoas específicas e, a forma *a gente* quando o referente é indeterminado. Em relação à faixa etária, a pesquisadora destaca que o inovador *a gente* costuma ser mais empregado pelos jovens e a forma consagrada *nós* pelos idosos, os adultos, por sua vez, utilizam ambas as formas. Quanto ao sexo, as mulheres utilizam mais o inovador *a gente* do que os homens. No que se refere à localidade, Porto Alegre e Salvador empregaram com mais frequência o sujeito *nós*, ao passo que o Rio de Janeiro foi a cidade onde mais se verificou a forma *a gente*.

Tamanine (2002) realizou uma investigação sobre a variação dos pronomes *nós* e *a gente* com *corpus* proveniente do Banco de Dados do Projeto VARSUL (Variação Lingüística Urbana da Região Sul), abrangendo as cidades catarinenses de Lages, Chapecó e Blumenau, cujos informantes são estratificados segundo as variáveis sexo, escolaridade (nível fundamental I - de 1 a 4 anos de escolaridade, nível fundamental II - de 5 a 8 anos de escolaridade e nível médio - de 9 a 11 anos de escolaridade) e idade (de 25 até 50 anos e acima de 50). A distribuição geral apurou 5 235 dados da amostra, como referência à primeira pessoa do plural. Em percentual, o uso do pronome *a gente* foi mais recorrente, com 55% do total. Segundo a autora, a essa diferença de apenas cinco pontos percentuais indica que a tendência de uso entre uma e outra forma é quase aleatória, o que demonstra o alto nível de incorporação de *a gente* na fala desses informantes. O fator que mais revela a substituição de *nós* por *a gente* é a variável faixa etária, apontando para uma mudança em progresso da forma inovadora. Quanto à escolaridade, o ensino fundamental<sup>8</sup> favoreceu o uso de *a gente* (52), opondo-se aos resultados obtidos por Omena (1986). Em relação ao fator localidade, Blumenau, de formação étnica alemã, mostrou maior tendência ao uso de *a gente*, enquanto Chapecó, construída por gaúchos e descendentes de italianos, apresentou um maior uso de *nós*, já Lages, fundada por paulistas, ocupou uma posição intermediária. O fator sexo não se mostrou relevante na alternância, mas nos resultados das sequências binárias e ternárias foram os homens que apareceram na vanguarda da mudança. Para a autora:

Tal fato poderia indicar que *a gente* não sofre qualquer marca social, estando bem incorporado na norma padrão falada, já que os homens protagonizariam mudanças naturais, enquanto as mulheres o fariam

---

<sup>8</sup> Segundo a autora: 5ª a 8ª série do ginásio.

no caso do uso de formas resultantes da influência da variedade socialmente aceita”. (TAMANINE, 2002, p. 104)

O princípio do paralelismo também foi confirmado em seu trabalho, uma vez que, nas sequências binárias e ternárias, segundo a pesquisadora, as marcas sempre levam a marcas e os zeros sempre levam a zeros, ou seja, a primeira forma usada pelo falante vai, em grande maioria, se manter no mesmo turno de fala.

Ao investigar a alternância entre *nós* e *a gente* no linguajar popular, Bueno (2003) fez um recorte do banco de dados do Projeto “A Linguagem do Bóia-Fria”, no qual foram analisadas 14 horas de fala gravada de 70 falantes radicados em alguns pontos da região de Assis/SP. A autora levantou cinco possibilidades para o uso de *nós* e *a gente*. O resultado geral apontou 35% da forma inovadora *a gente*, na função de sujeito presente; 22% do consagrado *nós*, como sujeito ausente e verbos na 1ª pessoa do plural; 19% do pronome *nós*, na função de sujeito presente; 19% do *nós* como sujeito presente e verbos no singular e apenas 5% de *a gente* na função de sujeito ausente. Em seguida, a investigadora fez a amálgama dos dados que revelou a predominância do *nós* na função de sujeito explícito ou não, com 59%, seguido pela forma *a gente* como sujeito explícito ou não, com 41%. De acordo com a pesquisadora, o paralelismo discursivo se aplica tanto para a forma *nós* quanto para a forma *a gente*. No que diz respeito ao uso mais restrito e mais genérico, o falante usa o *nós* para se referir a ele mesmo mais o interlocutor (não-eu), ou a não-pessoa, quando o referente está determinado no texto. Já a forma *a gente* será usada quando se referir a si próprio, e no momento em que amplia a referência, indeterminando-a. O fator idade mostrou que os mais jovens empregam com maior frequência a forma *a gente* e os mais idosos a forma *nós*. Com relação à variável sexo, Bueno (2003) verificou uma pequena tendência ao uso do *nós* entre os homens e a forma inovadora entre as mulheres. No que concerne à mudança linguística, a substituição de *nós* por *a gente* está mais avançada nos falantes com pouca escolaridade do que nos falantes mais cultos. Quanto à concordância, predominam as realizações de *nós* mais desinência de primeira pessoa do plural e a de *a gente* mais desinência de terceira pessoa do singular, concordância tradicionalmente “correta”.

Mendes (2007) investigou a alternância pronominal das formas *nós* e *a gente* na posição de sujeito, em Santo Antônio de Jesus. O corpus utilizado é um recorte do Projeto Vertentes, da Universidade Federal da Bahia. De acordo com os

resultados, 93% das 1.970 ocorrências são do pronome inovador *a gente*. Quanto às variáveis selecionadas pelo VARBRUL<sup>9</sup>, a realização e posição do pronome permitiram atestar que a realização verbal de primeira pessoa do plural é favorecida quando o sujeito é nulo. A autora não verificou, em relação ao nível de referência do pronome, favorecimento da forma *a gente* com traço semântico [-específico]. Entretanto, o *nós* predominou nos casos em que o falante se refere a ele e outras pessoas específicas e o *a gente* quando o falante se refere a si mesmo. O paralelismo discursivo confirmou a predominância do pronome, seja *nós* ou *a gente*, quando, em oração anterior, tenha sido utilizado. Além disso, o uso de *a gente* também é favorecido quando precedido de uma realização verbal não marcada. Em contrapartida, a ocorrência do pronome *nós* é favorecida quando antecedida por uma forma verbal marcada e, ainda, este pronome foi o mais utilizado como primeira referência. Quanto ao tipo de discurso, é o monitorado que contribui para as ocorrências do pronome *nós*. Por fim, a variável social idade, selecionada pelo programa, revelou os falantes de 40 a 60 anos como os que beneficiam o uso de *a gente*.

A partir dos resultados arrolados, em distintas cidades de algumas regiões do Brasil (Rio de Janeiro; Salvador, Rio de Janeiro e Porto Alegre; Santa Catarina; São Paulo e Salvador) e, sobretudo, com informantes pouco escolarizados, podemos concluir, em relação à alternância de *nós* e *a gente* na posição de sujeito, que, via de regra, a variante inovadora *a gente* está ganhando espaço e se tornando mais produtiva entre os falantes. O desfavorecimento desta variante, por sua vez, ocorre somente em altos níveis de escolarização e em contextos determinados.

No subtópico seguinte, comentamos sobre os únicos trabalhos encontrados que investigaram a alternância e a implementação da forma *a gente* como pronome oblíquo tônico, antecedida pela preposição *com*, em função de adjunto adverbial de companhia.

---

<sup>9</sup> Programa estatístico que quantifica a ocorrência (número e percentual) das variantes em relação às variáveis linguísticas ou extralinguísticas, como também cruza os dados e aponta (peso relativo) qual grupo é o maior condicionador.

## 5 ESTUDOS VARIACIONISTAS ACERCA DOS PRONOMES OBLÍQUOS TÔNICOS

A realização variável dos pronomes oblíquos tônicos – *conosco*, *com nós* e *com a gente* –, em função de adjunto adverbial de companhia, não é um fenômeno tão investigado quanto o dos pronomes pessoais – *nós* e *a gente* –, em posição de sujeito. Diante disso, apenas duas pesquisas serviram, por sinal, como motivação para incluir este fenômeno, além de constituírem a base para um possível confronto entre os dados.

O trabalho de Pinho (2012), intitulado “Aspectos da história da língua: um estudo diacrônico e sincrônico dos pronomes oblíquos tônicos”, realiza uma investigação histórica do sistema pronominal do português, com o intuito de verificar as alterações, do latim clássico ao português atual, nos pronomes oblíquos tônicos precedidos da preposição *com*.

Os dados quantitativos sincrônicos, utilizados pelo autor, fazem parte do Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS). Por ser o primeiro atlas linguístico brasileiro de âmbito regional, sua rede de ponto possui 294 localidades (maioria rural), sendo 106 no Paraná, 86 em Santa Catarina e 102 no Rio Grande do Sul. Seus informantes têm idade entre 28 e 58 anos e pouca escolaridade, foram entrevistados dois informantes por localidade nas áreas rurais e três nas áreas urbanas.

Os resultados gerais mostram o predomínio da variante não padrão *com nós* (72,36%), na Região investigada, ainda que, com maior intensidade em Santa Catarina, a distribuição foi uniforme. Já o pronome conservador *conosco* apresentou 16% no total. Ao comparar os três estados, o autor enfatiza, porém, que quanto mais ao sul maior é a frequência da variante *conosco*. Por sua vez, a variante *com a gente* apresentou somente três ocorrências no ALERS, sendo uma no Paraná e duas no Rio Grande do Sul (1,1%).

Ao confrontar os dados de fala urbana e da fala rural, o pesquisador constatou que, em meio urbano, a forma padrão *conosco* ganha espaço sobre a não padrão *com nós*. Segundo o autor, esses resultados são reflexos da própria característica dos informantes urbanos, dado que nos pontos de zonas rurais

apenas um informante com pouca ou nenhuma escolarização é entrevistado, enquanto nas áreas urbanas três informantes estratificados segundo a escolarização, um não escolarizado, um com no máximo a 8ª série e outro com ensino médio são entrevistados (PINHO, 2012, p. 260).

A escolaridade, portanto, faz com que o falante evite certos usos linguísticos avaliados negativamente pelos estratos sociais mais elevados. Sendo menores os níveis de escolarização em regiões rurais, entende-se o porquê da maior frequência da variante não padrão com nós nas zonas rurais do que nas zonas urbanas, quando comparadas as porcentagens. (PINHO, 2012, p. 261-262)

Silva (2015) verifica, com dados do ALiB (Atlas Linguístico do Brasil), o estágio atual no uso dos pronomes oblíquos no falar de 200 informantes, das 25 capitais brasileiras, os quais foram estratificados quanto ao sexo (feminino e masculino), faixa etária (18 a 30 e de 50 a 65 anos) e a escolaridade (Ensino Fundamental e Superior).

No cômputo geral, o levantamento apurou um total de 179 ocorrências válidas, das quais 92 (51%) foram casos de *conosco*, 64 (36%) de *com a gente* e 23 (13%) casos de *com nós*. Porém, segundo a autora, há uma diferença de cunho valorativo, visto que o pronome *conosco* tem maior prestígio do que *com a gente* e *com nós*. Este fato foi confirmado por meio do discurso dos informantes, como aponta Silva (2015, p. 1120):

[...] muitos dos informantes, respondiam “vem tomar café conosco” e, em seguida, acrescentavam essa é a forma correta, mas que existe a popular com a gente. Ou ainda, o faziam quando o entrevistador questionava o uso da variante conservadora. Assim, acreditamos que os casos de *conosco* ocorrem em maiores proporções devido à formalidade do estilo entrevista, mas na comunidade dificilmente os falantes usariam essa variante.

A variável extralinguística escolaridade foi a mais significativa. Os resultados apontaram os informantes de nível superior com um percentual bem mais elevado da variante *conosco* do que os informantes menos escolarizados. Quanto à variante *com nós*, a diferença foi acentuada, pois os informantes com maior escolaridade quase não registraram a forma estigmatizada, já na fala dos informantes, com nível escolar inferior, houve um considerável aumento dessa variante. Em relação à variante *com a gente*, o nível de escolarização não se mostrou muito significativo,



pois ambos os grupos apresentaram índices semelhantes, com pequeno aumento de ocorrências dessa variante entre os mais escolarizados. Nesse sentido, Silva (2015) assevera que a variante *com a gente* não é estigmatizada pelos informantes, sobretudo, porque apresenta certa estabilidade quanto ao seu uso.

De acordo com a variável idade, a faixa II (50-65 anos) favoreceu o uso da variante conservadora *conosco* e a faixa etária I (18-30 anos) o uso da inovadora *com a gente*. Para a autora, os resultados revelam tendência à mudança em progresso, visto que os jovens revelaram preferir a forma inovadora. Apesar da pouca incidência, é na faixa etária II que a variante *com nós* se destacou, fato que evidencia a tendência ao desaparecimento desta variante, por ser evitada pelos mais jovens e não ser considerada forma padrão pelas gramáticas tradicionais.

Diferentemente dos demais fatores analisados, os valores da variável sexo não apresentaram discrepâncias consideráveis, com apenas 2% a mais de frequência da variante *conosco* e *com a gente* na fala feminina. Dessa maneira, os dados apontaram as mulheres como as mais conservadoras e, ao mesmo tempo, precursoras da variante inovadora. Ainda, tal fato sugere que esta variante (*com a gente*) não é estigmatizada, porém, pela proximidade dos resultados, a afirmação não é comprovada de forma contundente.

Por fim, no que concerne à variável localidade, o estudo evidenciou a variante *conosco* como a mais frequente em todo o território nacional. Silva (2015) afirma, concluindo, que a alternância no uso dos pronomes oblíquos tônicos – *conosco*, *com nós* e *com a gente* – configura muito mais uma variação diafásica e diastrática do que diatópica, isto é, o fator geográfico tem menor importância em relação aos fatores situacionais e sociais.

### CAPÍTULO III

#### ASPECTOS METODOLÓGICOS

Como já mencionado, os pressupostos teórico-metodológicos que regem a presente pesquisa emanam da Sociolinguística Quantitativa (LABOV, 2008). Caracterizada por seu método empírico, com formas produzidas por falantes reais e adquiridos por meio de entrevistas *in loco*, a maior preocupação da Sociolinguística é ser o menos formal possível para que o falante revele o vernáculo da comunidade de fala.

Nesse sentido, apresentamos neste capítulo o Projeto Atlas Linguístico do Brasil, responsável pela coleta e disponibilização dos dados utilizados neste estudo; a constituição do *corpus* estabelecido, bem como o perfil dos informantes e os critérios para a seleção da amostra; as variáveis dependentes e independentes investigadas; o programa computacional usado no tratamento estatístico dos dados e, por fim, um breve histórico das regiões selecionadas.

#### 6 O PROJETO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL

Segundo Cardoso et al. (2013, p. 13), aproximadamente em 1952, surge a primeira manifestação positiva para a realização de um atlas linguístico do Brasil, “através do Decreto n°. 30.643, de 20 de março, assentava-se, no seu Art. 3º, como principal finalidade da Comissão de Filologia da Casa de Rui Barbosa *a elaboração do atlas linguístico do Brasil*”. A partir dessa ideia, os passos iniciais para tal elaboração foram dados, sobretudo, por Serafim da Silva Neto, Celso Cunha e Antenor Nascentes. Contudo, devido às dificuldades para alcançar o objetivo final da produção de um atlas nacional, os dialetólogos brasileiros iniciaram o mapeamento linguístico do Brasil com a realização dos atlas regionais.

O Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) ganhou forma em fins de 1996, em Salvador-BA, durante o Seminário *Caminhos e Perspectivas para a Geolinguística no Brasil*, realizado na Universidade Federal da Bahia, em que representantes das Universidades Federais da Bahia, Paraíba, Juiz de Fora, Rio Grande do Sul e da Estadual de Londrina constituíram um Comitê Nacional para a efetiva elaboração do Projeto ALiB.

Para levar à prática o Projeto ALiB, foi criado o Comitê Nacional que vem cumprindo as etapas traçadas no Projeto inicial de acordo com um cronograma, seguido por todas as regionais, inclusive a do ALiB-Paraná.

Entre seus objetivos destacam-se: (i) descrever a realidade linguística do Brasil, no que tange à língua portuguesa, com enfoque na identificação das diferenças diatópicas (fônicas, morfossintáticas, léxico-semânticas e prosódicas) consideradas nas perspectivas da Geolinguística; (ii) oferecer aos estudiosos da língua portuguesa (linguistas, lexicólogos, etimólogos, filólogos), aos pesquisadores de áreas afins (história, antropologia, sociologia, dentre outras) e aos pedagogos (gramáticos, autores de livros-texto para o ensino fundamental e o ensino médio, professores) subsídios para o aprimoramento do ensino/aprendizagem e para melhor interpretação do caráter multidialetal do Brasil; (iii) estabelecer isoglossas com vistas a traçar a divisão dialetal do Brasil, tornando evidentes as diferenças regionais por meio de resultados cartografados em mapas linguísticos e de estudos interpretativos de fenômenos considerados.

Fundamentado nos princípios da Geolinguística contemporânea, o ALiB prioriza a variação diatópica, porém, a relaciona com as implicações de natureza social. Cardoso (2006, p. 29) evidencia que o ALiB estabeleceu como dimensão “documentar o país de Norte a Sul, de Leste a Oeste, e lembrando Nascentes, ‘do Oiapoque ao Chuí’”, assim, totalizando 250 pontos que reuniram 1.100 informantes distribuídos por dois sexos, duas faixas etárias e dois níveis de escolarização apenas nas capitais.

Atualmente, de acordo com o site do projeto, todas as 250 localidades visitadas, incluindo as capitais e as cidades interioranas já concluíram seus inquéritos. Foram 257,851 quilômetros percorridos, 3.500 horas de gravações para que os 1.100 informantes fossem documentados.

Em outubro de 2014, durante o III Congresso de Dialetologia e Sociolinguística (III CIDS), realizado em Londrina, em homenagem às Professoras Suzana Cardoso e Jacyra Mota, parte do tão sonhado atlas nacional se concretizou com o lançamento dos dois primeiros volumes (volume I: Introdução e volume II: 159 cartas linguísticas, com dados das capitais) do Atlas Linguístico do Brasil, cuja publicação foi realizada pela EDUEL. O volume 1 integra a parte introdutória, com a história da construção do Atlas linguístico do Brasil, a metodologia seguida, a rede de pontos, os questionários e os informantes, bem como a informação sobre a

cartografia dos dados. Já o volume 2 traz 159 cartas linguísticas, com dados fonéticos, morfossintáticos e semântico-lexicais, das 25 capitais brasileiras investigadas.

O projeto ALiB, além de ser também um motivador para a elaboração de atlas locais, contribui para a geração de novas equipes de pesquisadores em diferentes partes do país, além de oferecer um banco de dados que possibilita e estimula diversos trabalhos científicos, desde artigos a monografias, dissertações e teses.

## 7 A CONSTITUIÇÃO DO *CORPUS*

Os dados utilizados nesta investigação fazem parte de um *corpus* maior que constitui o banco de dados do Projeto ALiB – Atlas Linguístico do Brasil. Seleccionamos, para este estudo, apenas a Região Sul do Brasil, exceto as capitais, com seus 41 municípios, distribuídos da seguinte maneira: 16 cidades no Paraná<sup>10</sup>, 09 em Santa Catarina e 16 no Rio Grande do Sul, como segue:

**Quadro 5** – Distribuição da rede de pontos da Região Sul

<b>PARANÁ</b>	207. Nova Londrina, 208. Londrina, 209. Terra Boa, 210. Umuarama, 211. Tomazina, 212. Campo Mourão, 213. Cândido de Abreu, 214. Piraí do Sul, 215. Toledo, 216. Adrianópolis, 217. São Miguel do Iguaçu, 218. Imbituva, 219. Guarapuava, 221. Morretes, 222. Lapa e 223. Barracão.
<b>SANTA CATARINA</b>	224. Porto União, 225. São Francisco do Sul, 226. São Miguel do Oeste, 227. Blumenau, 228. Itajaí, 229. Concórdia, 231. Lajes, 232. Tubarão e 233. Criciúma
<b>RIO GRANDE DO SUL</b>	234. Três Passos, 235. Erechim, 236. Passo Fundo, 237. Vacaria, 238. Ijuí, 239. São Borja, 240. Flores da Cunha, 241. Santa Cruz do Sul, 242. Santa Maria, 244. Osório, 245. Uruguaiana, 246. Caçapava do Sul, 247. Santana do Livramento, 248. Bagé, 249. São José do Norte e 250. Chuí

Fonte: Banco de dados do projeto ALiB.

O perfil geral dos informantes do ALiB procura atender a questões espaciais, por isso, os informantes devem ser naturais da localidade perscrutada e terem pais também nascidos na mesma área, além de possuírem uma profissão que não exija grande mobilidade mas esteja inserida no contexto social local. Os mais jovens têm idade compreendida entre 18 e 30 anos e os mais velhos entre 50 e 65 anos, representados, equitativamente, pelo sexo masculino e feminino. Quanto à escolaridade, todos devem ser alfabetizados com ensino fundamental completo ou

<sup>10</sup> O presente estudo dá continuidade à pesquisa realizada no Curso de Especialização com dados do interior do Paraná. Para esta dissertação acrescentamos as cidades do interior de Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

incompleto nas cidades do interior, e, nas capitais, quatro dos oito informantes têm que possuir nível universitário.

Apenas os informantes do interior, ou seja, os que possuem só o grau de escolaridade fundamental foram destacados para esta dissertação. O *corpus* constitui-se, pois, de quatro informantes por localidade, somando, no total dos três estados, 164 entrevistados na Região Sul.

O questionário linguístico, elaborado pela equipe do Projeto e utilizado como instrumento de coleta de dados, aborda diferentes aspectos da língua em seções específicas, para isso, sua estrutura é composta por Questionário Fonético-Fonológico (QFF), Questionário Semântico-Lexical (QSL) e Questionário Morfossintático (QMS), bem como questões de Pragmática, temas para discursos semidirigidos (relato pessoal, comentário, descrição e relato não pessoal), perguntas de Metalinguística e um texto para leitura (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001).

Para apurar a alternância dos pronomes *nós* e *a gente*, optamos por utilizar dois tipos de discurso, retirados do questionário ALiB, um mais formal (Discurso Dirigido) e outro mais informal (Discurso Semidirigido), que apresentam as seguintes questões:

- **Discurso Dirigido:** nº 26 do Questionário Morfossintático (QMS) “O que vocês fazem no fim-de-semana?”.
- **Discurso Semidirigido:** nº 1 Relato pessoal “Relate um acontecimento marcante em sua vida (casamento, namoro...)”.

Já para levantar a ocorrência das formas pronominais oblíquas, *conosco*, *com nós* e *com a gente*, utilizamos somente as respostas da pergunta nº 28 do Questionário Morfossintático (QMS) – “E se nós dois estamos tomando café e queremos mais uma pessoa na mesa, dizemos que essa pessoa venha tomar café \_\_\_\_\_?” – do discurso dirigido.

## 7.1 AS VARIÁVEIS DEPENDENTES E INDEPENDENTES

Uma vez que nossa análise se debruça sobre dois fenômenos linguísticos distintos, as variáveis dependentes e independentes também podem não ser as

mesmas. Assim, teremos como variáveis dependentes as formas em função de sujeito *nós*, *a gente* e *sujeito nulo*, cujas variáveis independentes são linguísticas (*concordância verbal*, *determinação do referente* e *paralelismo formal*) e extralinguísticas (*sexo*, *faixa etária*, *localidade* e *estilo de fala*); e extralinguísticas (*sexo*, *faixa etária*, *localidade* e *estilo de fala*); No tocante às variáveis independentes linguísticas, nos ancoramos em diversos estudos sobre o tema. Assim, selecionamos as seguintes variáveis independentes linguísticas:

**a) Paralelismo discursivo:**

A variável paralelismo define-se como a tendência de o falante repetir a mesma forma em uma sequência discursiva. Assim, a preferência por determinada forma linguística deve exercer influência sobre as demais.

Segundo Bueno (2003, p.52), Scherre (1992, p. 48-49) faz um levantamento dos estudos linguísticos que abordam tal variável e estabelece as seguintes hipóteses para a ocorrência deste fenômeno: a) facilidade no processamento (lei do menor esforço), b) funcionamento imediato da memória (tendência à repetição de formas semelhantes, concordância formal, automonitoração) e c) devido ao processamento não mecânico das formas gramaticais semelhantes, a mente humana opera criando uma harmonia discursiva e coesão textual.

Portanto, de acordo com a autora, para Scherre (1992), o paralelismo é mais de natureza formal, enquanto muitos autores, como Lopes (1993) e Omena (1998) têm comprovado que, além do aspecto formal, a escolha de uma das variantes implica também questões funcionais. No caso específico das variáveis *a gente* e *nós*, Omena (1998, p. 195) afirma que “a probabilidade de se usar *a gente*, ao invés de *nós*, é maior quando o antecedente formal for *a gente* e a referência for igual à anterior”. Portanto, o falante tende a repetir sua escolha ao longo do discurso, no interior da oração, o que consiste no paralelismo formal, como também em uma sequência de orações, compreendido como paralelismo discursivo. Ou seja, a repetição de uma forma é um fator de coerência textual, mas também de manutenção de referente, uma vez que, ao mudar de referente, geralmente, o falante também muda de pronome.

Após observar diversos trabalhos, optamos por seguir o modelo adotado por Nascimento (2013, p. 53 e 60) que, inicialmente, contemplava as seguintes possibilidades para a variável linguística paralelismo formal:

- i. primeira referência;
- ii. referência igual à anterior feita por *a gente* ou forma verbal não marcada;
- iii. referência igual à anterior feita por *nós* ou forma verbal marcada;
- iv. referência diferente em relação à anterior

A autora, entretanto, alterou seu quadro, pois o programa excluiu a variável paralelismo pelo fato de a variação existente não ser relevante do ponto de vista estatístico. No entanto, especificamente neste trabalho, ao gerar os dados, o programa já nos indica se a forma em manutenção é *a gente*, *nós* ou *sujeito nulo*, uma vez que elas participam da decodificação como variável dependente. Diante disso, amalgamamos (ii- referência igual à anterior feita por *a gente* ou forma verbal não marcada + iii- referência igual à anterior feita por *nós* ou forma verbal marcada) e estabelecemos os seguintes casos:

- a) primeira ocorrência pronominal;
- b) ocorrência pronominal igual à anterior feita por *a gente*/forma verbal não marcada ou *nós*/forma verbal marcada;
- c) ocorrência pronominal diferente em relação à anterior

Dessa forma, analisamos as sequências de fala desta maneira:

### Exemplo 1:

INF.- **A gente** se conheceu quando ele, porque eu mudei aqui em cinquenta e três e ele em cinquenta e cinco, né, aí logo que ele mudô aqui ele tinha namorada, que ele veio de... não sei se é Marialva ou Mandaguari, aí eu conheci ele, aí ele demanchô o namoro e **a gente** começô a namorá, mai **nói** namoramo cinco meses e **desmanchamo**, aí levô dois anos **a gente** começô a namorá em agosto quando foi em outubro **a gente** casô (Terra Boa, informante 04).



Nesse exemplo, o inovador *a gente* é a primeira ocorrência e o segundo caso de *a gente* é uma ocorrência igual à anterior, na qual se repete a forma anteriormente usada. O próximo pronome que aparece é o *nós*, ao contrário do que ocorreu na sequência anterior que foi *a gente*, já na seguinte temos a presença do sujeito nulo que denota um paralelismo, uma vez que houve a manutenção com o uso da forma verbal marcada. Em seguida, *a gente* seria considerada uma ocorrência diferente da anterior que foi *nós* e assim, sucessivamente.

#### b) Determinação do referente:

O fator determinação do referente, ou “eu ampliado” (LOPES, 1993), é de grande relevância para os estudos de variação entre *nós* e *a gente* como apontam Omena (1998) e Lopes (1993). Entretanto, estabelecer o referente do sujeito é bastante complexo, uma vez que há certos níveis que determinam os referentes.

Bueno (2003, p. 59 a 61), em seu trabalho, estabelece três níveis quanto à noção do “eu-ampliado”. O primeiro é o aspecto inclusivo [+ determinado] que abrange o emissor *eu* e o receptor não-*eu*, correspondendo ao eu sozinho comprovado e, também, ao eu + você. O segundo aspecto é o dos exclusivos [+ determinado] que abrange o emissor *eu* e alguém, que não é o interlocutor, mas sim outra pessoa ou outras pessoas e estão fora do discurso, correspondendo a *eu + ele/ela* ou *eles/elas* (não-pessoa). O último aspecto é o genérico [-determinado] abrangendo o emissor (*eu*), o receptor (não-*eu*) e outras pessoas (não-pessoa), o que corresponde ao *eu + você(s) + ele(s) /elas(s)*.

Já Lucchesi (2009, p. 460) apresenta um modelo diferente que contempla quatro níveis de referencialidade:

(i) eu + (você(s)) + (ele(s)) [+ específico].

Ex.: Aí **nós** foi tirá foto, **nós** tava em quatro, mas só tirô **nós** três.  
(Cinzento-01)

(ii) eu + (você(s)) + (ele(s)) [+/- específico].

Ex.: E *a gente*, quando teve televisão, **a gente** assistia e no ôto dia *a gente* já saía preocupado com trabalho. (Helvécia-04)

(iii) indeterminação circunscrita [-específico]

Ex.: Quando é bom de chuva aqui, a vez **a gente** faz aquelas bêrada, a vez o povo roça, faz aquelas bêrada pra plantá feijão, enche de milho, inda dá. (Cinzento-09)

(iv) indeterminação universal [-específico]

Ex.: Num adianta **a gente** insisti num caminho que não tem saída. (Helvécia-12)

Visando facilitar a visualização e compreensão da determinação do referente, se específica ou genérica, fizemos amálgamas e abordamos, nesta pesquisa, dois aspectos:

(i) eu + (você(s)) + ele(s) [+específico]. Portanto, consideramos como **+determinado** os pronomes que nos possibilitam identificar os referentes.

#### Exemplo 1 [+determinado]:

INF.- Ah, **nóis** vamo pra casa dele lá no... lá na onde eu falei que fica o sítio, lá em baxo, **ficamo** lá conversano, brincano de baraió. (Nova Londrina, informante 01). Ao se tratar do significado básico do pronome de 1ª pessoa do plural, quando inclui o falante, pessoas específicas ou o receptor.

(ii) eu + (você(s)) + ele(s) [+específico] e (iii) eu + (você(s)) + ele(s) [-específico]. Levará o traço de **-determinado** quando não conseguirmos identificar, com precisão, os referentes do pronome.

#### Exemplo 2 [+/-determinado]:

INF.- Ah, **a gente** fica muito feliz demais... primero filho, né... Primero casamento, né, depois o primero filho, né... cê fica ansioso... é fica muito... **a gente** fica muito **a gente** fica muito feliz nessa época. (Londrina, informante 03). Classificado como plural de modéstia consiste no uso do pronome de 1ª pessoa do plural em detrimento da 1ª pessoa do singular, ou seja, o falante se refere a si mesmo.

### Exemplo 3 [-determinado]:

INF.- Ah, é estranho, assim, **a gente** explicar. (Terra Boa, informante 02). A indeterminação universal apoia-se no significado mais genérico, como índice de indeterminação do sujeito, quando o traço semântico é menos específico, ou seja, contempla um universo mais amplo.

No primeiro exemplo, temos a presença do pronome *nós* que contém traço menos genérico, uma vez que a falante se refere especificamente a ele e seu amigo e sobre o que “eles” fazem nos finais de semana. No exemplo 2, a variante *a gente* carrega um traço +-determinado, pois a informante utiliza o pronome de 1ª pessoa do plural, mas referindo-se a ela mesma, no singular. Já no terceiro exemplo, o uso da forma *a gente* é mais genérico, pois pode se referir tanto à falante “eu”, quanto a qualquer outra pessoa que sinta o mesmo que ela sentiu. Lembrando que, na análise, estes dois últimos exemplos também podem ocorrer com o pronome *nós*, porém com menor frequência, já que esse pronome não abarca, semanticamente, indeterminação.

### c) Concordância verbal:

A expressão da primeira pessoa do discurso no plural, no português brasileiro, pode se dar por meio das formas *nós* e *a gente*, explícitos ou não, com ou sem concordância verbal referendada pelos compêndios gramaticais.

Para o estudo dessa variável, consideramos seis tipos de ocorrência: (i) a forma *a gente* com verbo na 3ª pessoa do singular, (ii) *a gente* com verbo na 1ª pessoa do plural, (iii) a forma *nós* com verbo na 1ª pessoa do plural, (iv) *nós* com verbo conjugado na 3ª pessoa do singular e (v) o *sujeito nulo* com verbo na 3ª pessoa do singular ou (vi) *sujeito nulo* com verbo na 1ª pessoa do plural.

As passagens seguintes ilustram esses tipos de ocorrência:

### Exemplo 1 [*a gente*+3ªPS e *nós*+1ªPP]:

INF.- Mas de tarde geralmente **a gente sai**, **nós vamos** lá na casa do pai dela, vamos na casa da minha família, vou nos meu amigos.

(Bagé, informante 03)

**Exemplo 2 [a gente+1ªPP]:**

INF.- Avenida Luiz Leônia, parece..., sempre fica, daí esse rádio, tem um amigo, daí chega outro, tem um amigo, daí chega outro, daí liga o som dentro dos carros, **a gente** sempre **ficamo** escutano e ali. (Lapa, informante 01)

**Exemplo 3 [sujeito nulo+1ªPP]:**

INF.- Quase todos os domingos. Tipo, de manhã, se eu jogo bola de manhã, de tarde eu saio, vô pro um, sempre **saímo**, passiaá cos amigo, primo... (Lapa, informante 01)

**Exemplo 4 [nós+3ªPS e sujeito nulo+3ªPS]:**

INF.- **Nóis** num **tinha** uma casa pra morá, agora a gente tem, né, num **tinha** um carro pra andá, **tinha** que andá de ônibus, agora a gente tem, então já tá mais... a vida tá bem melhor do que era antes né, mas foi muito sofrida a minha vida. (risos). (Campo Mourão, informante 04)

Além dos fatores linguísticos, é preciso verificar se as variantes selecionadas são sensíveis a fatores extralinguísticos. Neste sentido, tentamos mostrar qual o peso desses fatores para a ocorrência da variação aqui estudada. As variáveis sociais estabelecidas pelo ALiB estão assim distribuídas:

- a) **Sexo:** feminino e masculino
- b) **Faixa etária:** faixa etária I - de 18 a 30 anos; faixa etária II – de 50 a 65 anos.
- c) **Estilo de fala:** formal (Discurso dirigido, menos espontâneo) e informal (Discurso semidirigido, mais espontâneo).
- d) **Localidade:** Nova Londrina, Londrina, Terra Boa, Umuarama, Tomazina, Campo Mourão, Cândido de Abreu, Piraí do sul, Toledo, Adrianópolis, São Miguel do Iguaçu, Imbituva, Guarapuava, Morretes, Lapa e Barracão; Porto União, São Francisco do Sul, São Miguel do Oeste, Blumenau, Itajaí, Concórdia, Lajes, Tubarão e Criciúma; Três Passos, Erechim, Passo Fundo, Vacaria, Ijuí, São Borja, Flores da Cunha, Santa Cruz do Sul, Santa Maria, Osório, Uruguaiana, Caçapava do Sul, Santana do Livramento, Bagé, São José do Norte e Chuí.

## 7.2 O PROGRAMA DE ANÁLISE QUANTITATIVA VARIACIONISTA

Além de produzir resultados numéricos, o maior objetivo final de qualquer estudo quantitativo em pesquisa dialetal é identificar e explicar os fenômenos linguísticos, atestando ou não as hipóteses pré-estabelecidas. Nesse sentido, para analisar os dados, utilizamos o programa GoldVarb 2001, versão para ambiente Windows do pacote de programas computacionais de análise multivariada VARBRUL, elaborado e aprimorado por Rousseau e Sankoff em 1978 (PINTZUK, 1988).

Após levantar as variáveis dependentes de acordo com as independentes, o *corpus* deve ser codificado, ou seja, criam-se símbolos para identificar as variantes e os contextos condicionadores. Assim, o primeiro passo para a utilização do programa é criar um arquivo (.txt) com a especificação dos símbolos e com os dados codificados conforme os símbolos previamente estabelecidos. Em seguida, abrimos o arquivo no programa como ilustrado, respectivamente, pelas figuras 1 e 2<sup>11</sup>.

**Figura 1** – Especificação dos símbolos utilizados para codificar as variáveis dependentes e independentes



```

Tokens - C:\Users\Desktop\Nós x a gente.txt
File Edit Action Stop Help
Data
;Variável dependente:
;N nós
;G a gente
;0 sujeito nulo

;Variável independente:
;Paralelismo:
;# primeira ocorrência|
;P paralelismo
;% ocorrência diferente da anterior
;realização morfológica da pessoa verbal:
;1 primeira pessoa do plural
;3 terceira pessoa do singular
;fator de referência:
;s específico
;g genérico
;sexo:
;F feminino
;H masculino
;faixa etária:
;J jovem
;V idoso
;estilo de fala:
;f formal
;i informal
;Localidade:
;7 Nova Londrina
;8 Londrina
;9 Terra Boa

```

<sup>11</sup> Colocamos a especificação e os dados no mesmo arquivo para facilitar a busca pelo símbolo na hora de codificar. Portanto, a figura 1 e 2 pertencem ao mesmo arquivo.

Fonte: *Print screen* do programa GoldVarb 2001.

**Figura 2** – Codificação dos dados conforme os símbolos estabelecidos

```

Tokens - C:\Users\Desktop\Nós x a gente.txt
File Edit Action Stop Help
Data

;207 - Nova Londrina
;Inf. masculino jovem
;Discurso formal
(N#1sHJf7 ;INF.- Ah, nós vamos pra casa dele
;Inf. feminina jovem
(G#3gFJi7 ;Discurso informal
;INF.- A gente sofre um pouco, mais depois...
;Inf. masculino idoso
;Discurso informal
(G#3gHVi7 ;INF.- É a gente já, já é tarimbado né.
(GP3sHVi7 ;Então a gente já aluga um clube

;208 - Londrina
;Inf. masculino jovem
;Discurso informal
(G#3sHJi8 ;INF.- a gente tava vindo do serviço de bicicleta
;Inf. feminina jovem
;Discurso informal
(G#3sFJf8 ;INF.- o meu pai a gente brigava muito
(GP3sFJf8 ;Aí a gente conversô
;Inf. masculino idoso
;Discurso informal
(G#3gHVi8 ;INF.- a gente fica muito feliz primeiro filho, né..
(GP3gHVi8 ;a gente fica muito
(GP3gHVi8 ;a gente fica muito feliz nessa época.
(G#3sHVi8 ;a gente ficou conhecendo ali o destino da vida, né.
;Inf. feminina idosa
;Discurso formal
(N#1sFVf8 ;nós fomos pra praia.
;Discurso informal
(G#3sFJf8 ;INF.- a gente conversava muito com os amigos

```

Fonte: *Print screen* do programa GoldVarb 2001.

Posteriormente, ao nosso comando, o programa gera uma gama de resultados estatísticos e, cabe ao pesquisador, “armazenar, editar e manusear tamanha quantidade de informação” (GUY e ZILLES, 2007, p. 40). Dessa forma, o resultado da figura 3, por exemplo, possibilita uma análise a partir do número de ocorrência e percentual de cada variante segundo o grupo de fatores.

**Figura 3** – Resultado geral: número de ocorrência e percentual das variantes por grupo de fatores

Results - Untitled.res  
File Edit Action Options Stop Help

Group		G	N	Total	%
-----					
1 (2)					
#	N	138	65	203	37
	%	67	32		
P	N	171	67	238	44
	%	71	28		
%	N	55	41	96	17
	%	57	42		
Total	N	364	173	537	
	%	67	32		
-----					
2 (3)					
1	N	6	108	114	21
	%	5	94		
3	N	358	65	423	78
	%	84	15		
Total	N	364	173	537	
	%	67	32		
-----					
3 (4)					
s	N	263	166	429	79
	%	61	38		
g	N	101	7	108	20
	%	93	6		
Total	N	364	173	537	
	%	67	32		
-----					
4 (5)					
H	N	150	86	236	43
	%	63	36		
F	N	214	87	301	56
	%	71	28		
-----					
Line:1	Char:1	Total lines:215			

Fonte: *Print screen* do programa GoldVarb 2001.

É possível ainda, por meio do programa, amalgamar fatores, excluindo contextos que não queremos que sejam cruzados ao mesmo tempo, assim como cruzar apenas um fator de uma variável com outro fator de outra variável em questão de segundos. Além disso, se houver algum erro de codificação, há um comando que encontra o erro para que possamos corrigi-lo (KAILER, 2008, p. 110).

Naro (2003, p. 25) afirma que:

A metodologia da Teoria da Variação constitui uma ferramenta poderosa e segura que pode ser usada para o estudo de qualquer fenômeno variável nos diversos níveis e variações lingüísticas. As suas limitações são as do próprio lingüista, a quem cabe a responsabilidade de descobrir quais são os fatores relevantes, de levantar e codificar os dados empíricos corretamente, e, de interpretar os resultados numéricos dentro de uma visão teórica da língua. O progresso da ciência lingüística não está nos números em si, mas no que a análise dos números pode fazer para nosso entendimento das línguas humanas.

Tais programas de análise quantitativa condizem com o modelo postulado por Labov (2008) no qual pressupõe que as motivações internas e externas em competição denotam o uso de um ou outro fenômeno linguístico. Logo, por ser um facilitador, o programa disponibiliza o peso relativo dos fatores de cada variável independente em relação às variáveis dependentes, apresentando a influência que cada um desses fatores tem sobre o uso da variante em estudo.

Para isso, é necessário rodar a binominal e escolher a variante que será analisada quanto ao peso relativo. O programa, por sua vez, cruza todos os dados e estabelece a rodada cujos grupos favorecem a ocorrência da variante selecionada. A figura 4 ilustra as rodadas com os grupos e os pesos relativos, ao final consta qual rodada foi a mais significativa, que neste exemplo foi o *Run # 23*.

**Figura 4 – Resultado da análise binomial**

```

Binomial Varbrul
File Edit Action Stop Close Help
Data
Group # 2 -- 1: 0,015, 3: 0,766
Group # 3 -- s: 0,388, g: 0,857
Group # 4 -- H: 0,495, F: 0,504
Group # 7 -- 7: 0,737, 8: 0,868, 9: 0,372, U: 0,849, T: 0,199, 2: 0,456, C: 0,136, 4: 0,235, 5: 0
Log likelihood = -153,020 Significance = 0,907

Run # 22, 163 cells:
Convergence at Iteration 12
Input 0,742
Group # 2 -- 1: 0,015, 3: 0,767
Group # 3 -- s: 0,387, g: 0,859
Group # 5 -- J: 0,436, V: 0,552
Group # 7 -- 7: 0,744, 8: 0,862, 9: 0,359, U: 0,820, T: 0,201, 2: 0,459, C: 0,122, 4: 0,202, 5: 0
Log likelihood = -152,088 Significance = 0,178

Run # 23, 169 cells:
Convergence at Iteration 13
Input 0,742
Group # 2 -- 1: 0,012, 3: 0,776
Group # 3 -- s: 0,381, g: 0,871
Group # 6 -- f: 0,637, i: 0,408
Group # 7 -- 7: 0,733, 8: 0,859, 9: 0,387, U: 0,869, T: 0,176, 2: 0,532, C: 0,141, 4: 0,239, 5: 0
Log likelihood = -149,054 Significance = 0,007

Add Group # 6 with factors fi
----- Level # 5 -----

```

**Fonte:** *Print screen* do programa GoldVarb 2001.

Quanto à interpretação dos pesos relativos, em análise binária, Guy e Zilles (2007, p. 41) esclarecem que:

Esses valores são interpretados conforme o seguinte padrão: um valor acima de 0,5 corresponde a um fator que favorece a aplicação da regra, um valor abaixo de 0,5 indica um fator que desfavorece a regra e um valor exatamente igual a 0,5 corresponde a um fator que essencialmente não tem efeito na regra (ou seja, em nada contribui



para sua maior ou menor aplicação). Ademais, um valor próximo de 0 indica que a regra relevante (ou escolha) nunca se aplica no contexto daquele fator (um “nocaute negativo”), e um valor próximo de 1 indica que a regra sempre se aplica no contexto daquele fator (um “nocaute positivo”).

Além disso, o programa seleciona os grupos de fatores por ordem de relevância, indicando a probabilidade e a interatividade entre os fatores. Segundo Guy e Zilles (2007, p. 41), o “programa utiliza um algoritmo baseado no procedimento de máxima verossimilhança (ing.: *maximum likeli hood*) para estimar os efeitos dos fatores”.

Munidos desses resultados, indicadores empíricos, o trabalho do pesquisador passa a ser a interpretação e explicação desses dados, a fim de comprovar ou refutar as questões iniciais. Organizar esses números em tabelas auxilia no processo de análise, bem como permite a junção de porcentagens, peso relativo, fatores que facilitam a visualização da conclusão final.

### 7.3 BREVE HISTÓRICO DAS REGIÕES SELECIONADAS

As 41 cidades investigadas nesta dissertação pertencem à Região Sul do Brasil, formada por três estados: Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Esta região apresenta-se de maneira bastante individualizada, em comparação com as demais regiões brasileiras, devido as suas características físicas, climáticas e culturais.

Apesar de ser a menor região brasileira em extensão territorial (576.774 km<sup>2</sup>), em termos populacionais, a Região Sul ocupa o terceiro lugar com o maior número de habitantes, 27.389.891, segundo o censo 2010 do IBGE. Quanto aos estados, Rio Grande do Sul e Paraná são os mais habitados, porém, é Santa Catarina que abriga, em termos percentuais, maior quantidade de moradores rurais.

**Quadro 6** – Total de habitantes por estado da Região Sul (1996 e 2010)

<b>Estado</b>	<b>Ano - 1996</b>	<b>Ano - 2010</b>
Paraná	9.003.804 (22% rural)	10.444.526 (15% rural)
Santa Catarina	4.875.244 (27% rural)	6.248.436 (16% rural)
Rio Grande do Sul	9.634.688 (21% rural)	10.693.929 (15% rural)

Fonte: IBGE.

Antes de elencarmos alguns aspectos importantes da história e colonização de cada estado, vale ressaltar que ambos, assim como todo o território brasileiro, eram ocupados, inicialmente, por grupos indígenas. Além disso, grande parte do território da região foi ocupado também por descendentes negros trazidos contra a vontade para realizar serviços braçais.

O surgimento do Paraná, em 1557, está ligado, sobretudo, à coroa espanhola. Por sua vez, o Paraná português teve raízes no Ciclo do Ouro, século XVIII, com a fundação de Paranaguá e, posteriormente, com a criação das vilas de Antonina, Morretes e Curitiba. O Tropeirismo foi um importante ciclo de formação local, pois o franco comércio alimentício entre Viamão, no Rio Grande do Sul, e Sorocaba, em São Paulo, para Swain (1988, p. 22) contribuiu para a fundação das mais antigas cidades do Paraná, como Lapa, Ponta Grossa, Castro, Piraí do Sul, Guarapuava, entre outras, situadas nos segundo e terceiro planaltos.

A Emancipação Política do Paraná, em 1853, teve início com o ciclo econômico da erva-mate. Este momento foi responsável pelas navegações fluviais nos rios Iguazu e Paraná e a construção da Estrada da Graciosa, bem como da Ferrovia Paranaguá/Curitiba que ligava, assim, o Planalto e o Litoral. Essa ligação permitiu a exploração da madeira, maior atividade econômica, que influenciou a história, a cultura, os hábitos e a gastronomia paranaenses, pois acabou atraindo muitos ingleses para povoar as regiões vazias pelas derrubadas.

Em 1854, quando o tráfico de escravos foi proibido, a colonização de áreas menos habitadas passou a ser incentivada pelo governo, fato que ocasionou um grande e diversificado aumento do número de imigrantes. Os imigrantes, ao adentrarem o Paraná, se instalavam em colônias (BALHANA, 1996).

O maior movimento de migração interna ocorreu entre as décadas de 30 e 50, do século XX, pela Companhia de Terras do Norte do Paraná, constituída por paulistas, mineiros, catarinenses, nordestinos, paranaenses de outras regiões, atraídos pela cultura do café. Assim, graças à fértil terra roxa, ocorreu o povoamento do Norte Pioneiro, Norte Novo e do Norte Novíssimo, originando as cidades de Cambará, Cornélio Procópio, Londrina, Maringá, Apucarana, Araçongas, Rolândia, Cianorte, entre tantas outras.

A ocupação territorial e econômica no oeste e sudoeste paranaense deu-se com a vinda de migrantes, sobretudo, do Rio Grande do Sul, responsáveis pela

introdução da cultura de soja, que, juntamente com o trigo, alargaram as fronteiras agrícolas do estado.

O Paraná começa a dar início às atividades industriais em meados de 1970, com a implantação de empresas automobilística, de comunicações, de material elétrico, refino de petróleo, além da agroindústria, contudo, sua principal matéria-prima continua sendo agrícola.

Além da importante contribuição dos portugueses, indígenas e negros para a formação local, o Paraná abriga descendentes de diversas etnias como espanhóis, italianos, alemães, holandeses, poloneses, ucranianos e japoneses que se espalharam e se fixaram em alguns municípios específicos do estado. Por conta dessa colonização rica e diversificada em cultura e etnias, o estado do Paraná ficou sendo considerado “a terra de todas as gentes” (LAZIER, 2003).

Santa Catarina<sup>12</sup> também se tornou rota dos navegadores europeus devido a suas ricas terras. A primeira expedição significativa foi a do português Juan Dias Solis, em 1515, que nomeou o litoral catarinense de "Baia dos perdidos", por conta do naufrágio de uma embarcação no local. Porém, a ilha fica conhecida, em 1526, como "Porto dos Patos", com a chegada, a serviço da Espanha, do italiano Sebastião Caboto. Em 1529, o nome Santa Catarina aparece no mapa-múndi de Diego Ribeiro.

Com a chegada dos bandeirantes em 1637, o estado começou a ser povoado, sobretudo, a capital. A vila Nossa Senhora da Graça, hoje conhecida como São Francisco do Sul, foi fundada em 1660 e o município de Santo Antônio dos Anjos da Laguna, hoje apenas Laguna, foi criado em 1714.

A partir de 1739, a ilha passou a ser o posto português mais avançado da América do Sul, fato que ambicionou a invasão dos espanhóis, em 1777. Contudo, no mesmo ano, após o Tratado de Santo Idelfonso, a ilha é devolvida para Portugal.

Diversas colônias foram instaladas em Santa Catarina: a primeira, em São Pedro de Alcântara, com a chegada dos alemães, precisamente 523 colonos católicos vindos de Bremen, em 1829. Posteriormente, em 1877, chegam os italianos. Hermann Blumenau, em 1850, funda, no Vale do Itajaí, a colônia de Blumenau.

---

<sup>12</sup> Dados extraídos do site do Governo de Santa Catarina.

Os dois principais acontecimentos do estado foram a Revolução Farroupilha (eclodida no Rio Grande do Sul, em 1835), em 1839, com o intuito de transformar Santa Catarina em República, durante a qual a cidade de Laguna foi tomada para sediar o governo, contudo, em 1845, os farrapos foram derrotados. E também a Guerra do Contestado, em 1912, conflito sócio-político contra governo e multinacionais, responsável pela instituição de vários povoados autônomos que não aceitavam as ordens da República, cujo término foi em 1916.

Os municípios da então Capitania de Santa Catarina começam a surgir a partir da primeira subdivisão política criada, em 1660, a Nossa Senhora da Graça do Rio São Francisco do Sul (atual São Francisco do Sul). Assim, por meio de sucessivos desmembramentos, diversas cidades foram formadas, entre os anos de 1930, 1944 e 1954.

Santa Catarina é dividida em oito principais regiões: Litoral, Nordeste, Planalto Norte, Vale do Itajaí, Planalto Serrano, Sul, Meio-Oeste e Oeste; e, apesar de ser o menor estado do Sul do Brasil, possui grande diversidade geográfica, climática, linguística e cultural.

O Estado faz fronteira com o Paraná, Rio Grande do Sul, Oceano Atlântico e Argentina. Além disso, a localização geográfica, em posição estratégica no Mercosul, confere a Santa Catarina o posto de um dos maiores estados em desempenho econômico do país. Destacam-se como as maiores cidades Joinville, que por sinal é também o município mais populoso, Blumenau, Itajaí, Balneário Camboriú, Chapecó, Criciúma, Jaraguá do Sul e Lages, este o maior município do estado.

O chamado Continente de São Pedro do Rio Grande do Sul, segundo Luvizotto (2010), foi permanentemente disputado pela Espanha e Portugal, desde o século XVII. A ocupação no estado começou com a chegada dos padres jesuítas espanhóis, cujo objetivo era catequisar os índios que viviam na região. Porém, em 1641, os bandeirantes expulsam os jesuítas, estes levam os índios, mas acabam deixando grande parte do gado que criavam, o que se tornou a base econômica do local.

Em 1682, os jesuítas conseguem retornar ao solo gaúcho e fundam o primeiro núcleo urbano do estado, a atual São Borja. Somente em 1752, os imigrantes açorianos chegam à província e se fixam na área conhecida hoje por Porto Alegre. A agricultura, comum no local, é impulsionada com a vinda dos açores e as plantações

de trigo, porém, em 1820, a atividade perde espaço por conta da ferrugem e falta de apoio do governo. Dessa forma, as principais atividades dos açores passam a ser a pecuária e o charque.

Em 1824, chegam ao estado os primeiros imigrantes alemães e se fixam na região do atual município de São Leopoldo. Em seguida, outras colônias alemãs começaram a se formar e o Rio Grande do Sul se torna a “segunda pátria” para os alemães, cujo fluxo imigratório é constante, até a Segunda Guerra Mundial (LUVIZOTTO, 2010, p. 24).

Os imigrantes italianos, por sua vez, começaram a chegar a partir de 1875, porém, tiveram que se instalar nas regiões serranas como, por exemplo, Caxias do Sul, pois a capital já estava povoada pelos alemães.

É, no século XIX, com as colônias alemãs e italianas que a agricultura e a criação de suínos e aves se estabelecem no estado, bem como as primeiras técnicas industriais. Apesar do crescimento industrial, a agricultura continuou forte no local até os dias de hoje, “o Rio Grande do Sul, juntamente com o Paraná, é um dos grandes responsáveis pela produção nacional de grãos” (LUVIZOTTO, 2010, p. 27).

Em suma, para Luvizotto (2010), a configuração histórico-cultural do Rio Grande do Sul tem por base a junção de três momentos: a) a presença de lavradores matutos, sobretudo, açorianos, cujo objetivo era criar um núcleo de ocupação lusitana para justificar a ocupação da área ao governo espanhol; b) os gaúchos, população mestiça de varões espanhóis e lusitanos com mulheres guaranis e c) a formação gringo-brasileira, constituída com a vinda dos imigrantes de origem germânica, italiana, polonesa, japonesa, libanesa, entre outras, no século XIX.

De modo geral, a Região Sul é caracterizada, sobretudo, pela herança da colonização de etnias europeias, como alemães e italianos, fato que, inclusive, a diferencia das demais regiões brasileiras.

No próximo capítulo, apresentamos os resultados estatísticos dos grupos de fatores selecionados como significativos pelo Pacote Estatístico Goldvarb 2001, sob a perspectiva variacionista abordada em capítulos anteriores.

## CAPÍTULO IV

### APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

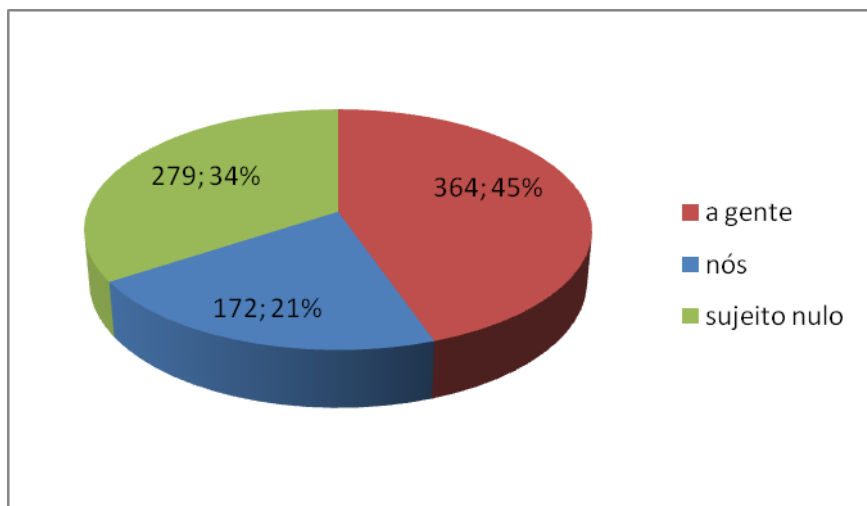
Constam, deste capítulo, exposições e interpretações dos dados obtidos junto aos informantes da Região Sul. Para facilitar a compreensão dos dois fenômenos pesquisados, dividimos a análise em duas partes: a primeira refere-se aos pronomes sujeito *nós* e *a gente* e a segunda aos pronomes oblíquos tônicos *conosco*, *com nós* e *com a gente*. Os resultados de ambas as variáveis dependentes são revelados em percentual e/ou em peso relativo segundo as variáveis independentes linguísticas e/ou extralinguísticas.

Foram realizadas várias rodadas com os dados, selecionadas aquelas apontadas pelo programa estatístico Goldvarb 2001 como relevantes, bem como as que consideramos essenciais para a pesquisa.

#### 8 ANÁLISE DA VARIAÇÃO DE NÓS E A GENTE

No cômputo geral, o levantamento apurou um total de 815 ocorrências, das quais 364 (45%) foram da variante inovadora *a gente*, 172 (21%) do conservador *nós* e 279 (34%) foram casos de *sujeito nulo*, tanto com verbos na 1ª pessoa do plural quanto na 3ª pessoa do singular.

**Gráfico 1** – Ocorrências de *nós*, *a gente* e *sujeito nulo* no interior da Região Sul.

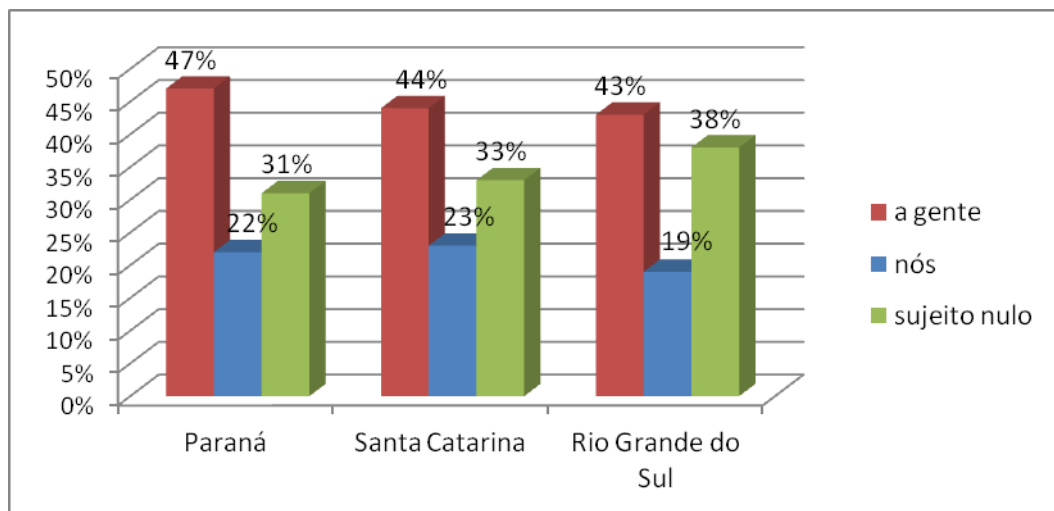


**Fonte:** Gráfico elaborado pela própria autora com os dados obtidos nas entrevistas do ALiB.

De acordo com o gráfico 1, a variante de maior uso foi a forma *a gente*, em segundo lugar, vem o *sujeito nulo*, enquanto o pronome *nós* apresentou o menor número de ocorrências em relação às outras duas variantes. Este resultado responde afirmativamente a nossa questão central de que a introdução de *a gente* no quadro dos pronomes pessoais, como variante do pronome de 1ª pessoa do plural, está se efetivando na língua. Esses dados confirmam, ainda, os de outras pesquisas (OMENA, 1986, 1998 e 2003; BOTASSINI, 1998; FERNANDES, 2004), que têm apontado para o uso cada vez mais frequente do pronome *a gente* em substituição ao *nós*.

Verificamos, comparando os resultados obtidos no interior de cada um dos três estados investigados, como consta do gráfico 2, comportamento semelhante na ocorrência das variantes. Ainda que com percentuais relativamente próximos, a forma *a gente* teve maior percentual no Paraná, com 47%, o pronome *nós* se destacou em Santa Catarina, com 23% e os casos de *sujeito nulo* tiveram relevância no Rio Grande do Sul, com 38%.

**Gráfico 2** – Ocorrências de *a gente*, *nós* e *sujeito nulo* por Estado



**Fonte:** Gráfico elaborado pela própria autora com os dados obtidos nas entrevistas do ALiB.

Preliminarmente, podemos afirmar, a partir desses dados, que a forma inovadora *a gente* ocorre de maneira generalizada e com índices aproximados, independentemente do estado investigado, portanto, não se apresenta este fator como um condicionador no uso da variante.

## 8.1 VARIÁVEIS INDEPENDENTES LINGUÍSTICAS

As variáveis independentes linguísticas – isto é, intrínsecas à língua – verificadas quanto ao fenômeno variável dos pronomes sujeito *nós* e *a gente* foram: concordância verbal, determinação do referente e paralelismo formal.

### 8.1.1 Concordância verbal

A variável *concordância verbal* mostrou-se muito relevante no interior da Região Sul, assim como em Rocha (2009), Maia (2009) e Vianna (2011), cujos resultados foram praticamente iguais aos observados neste estudo. Apresentamos, na tabela 2, os resultados em número de ocorrências (NO), total de ocorrências no *corpus*, percentual (%) e peso relativo (PR) quanto à aplicação da regra de uso dessa variável.

**Tabela 2** – *A gente versus nós* quanto à concordância verbal no interior da Região Sul<sup>13</sup>

Realização verbal	<i>a gente</i>		<i>nós</i>	
	NO/ total/ %	PR	NO/ total/ %	PR
1 <sup>a</sup> p.pl.	6/ 114/ 5	.021	108/ 114/ 94	.979
3 <sup>a</sup> p.sg.	358/ 423/ 84	.739	65/ 423/ 15	.261

**Fonte:** Tabela elaborada pela própria autora com os dados obtidos nas entrevistas do ALiB.

Em relação à concordância verbal, conforme resultados da tabela 2, notamos que a forma inovadora *a gente* é a mais utilizada pelos informantes, apenas quando seguida de um verbo na 3<sup>a</sup> pessoa do singular (.739). Assim, esta variante favorece, em 84% dos casos, a harmonia dos traços entre pronome e verbo, tanto é que houve apenas seis casos de *a gente* com o verbo na 1<sup>a</sup> pessoa do plural (*a gente fomos* –.021). Para Menon (1996), o falante, ao usar o pronome *a gente* com verbo

<sup>13</sup> Optamos por fazer duas rodadas invertendo a variante de aplicação da regra (uma com *a gente* e outra com *nós*), por considerar mais esclarecedor. Nas demais tabelas, seguimos o mesmo procedimento.



em 1ª pessoa do plural, faz um tipo de concordância por hipercorreção: “(...) o traço de primeira pessoa do plural estaria tão completamente assimilado pelo falante que, por insegurança linguística, faria a concordância de *a gente* com forma verbal de morfema *-mos*, como forma de demonstrar ‘erudição’.”

Apesar do pronome conservador *nós* também se mostrar favorável à realização da concordância padrão, pois em 94% dos casos a forma verbal na 1ª pessoa do plural foi precedida pelo *nós* (.979), notamos que, diferentemente do inovador *a gente*, o pronome *nós* apresenta uma tendência maior à quebra dessa harmonia, com 65 casos de *nós* com verbo na 3ª pessoa do singular (*nós* foi – .261). Como podemos ver no exemplo a seguir, em “*nói tava*” e “*nóis tem*”:

INF.- [...] o finado pai sempre teve gaita em casa, então **nói** quando **peguemo** uma idadezinha, o mais véi que é ele que já faleceu, ele pegava arrombava com uma chave de fenda, ele arrombava o cadeado e quando ele viu **nói tava** tocando [...] agora **a gente tá** parado que é longe num tem um carro para ir, mas tem uns colegas que eles pedem, não passo lá levar [...] mas **a gente** não **gosta** de tá dependendo dos outros e agora que eu parei e depois aconteceu mais isso aí com ela... tem o meus amigos que **nóis toquemo** junto [...] hoje **nóis tem** duas gaita lá. (Passo Fundo, informante 03)

Diante disso, verificamos que os informantes tendem a manter a concordância com as duas formas, *a gente* ou *nós* e que a escolha entre uma das duas variantes, principalmente, a preferência pela variante *a gente*, pode estar relacionada com o “erro”, pois fica claro que, ao utilizarem o conservador *nós*, os falantes têm mais chances de não conjugar de forma padrão o verbo do que com o pronome *a gente*.

No que concerne aos casos de *sujeito nulo*, ou seja, quando há apenas a realização verbal, sem a presença do pronome sujeito, verificamos que os casos de *sujeito nulo* são mais favorecidos pela 1ª pessoa do plural (.801) do que em 3ª pessoa do singular (.327), segundo a tabela 3.

**Tabela 3 – Sujeito nulo versus sujeito preenchido** quanto à concordância verbal no interior da Região Sul

Realização verbal	<i>sujeito nulo</i>		<i>sujeito preenchido</i>	
	NO/ total/ %	PR	NO/ total/ %	PR
1 <sup>a</sup> p.pl.	164/ 278/ 58	.801	114/ 278/ 41	.199
3 <sup>a</sup> p.sg.	115/ 537/ 21	.327	422/ 537/ 78	.673

**Fonte:** Tabela elaborada pela própria autora com os dados obtidos nas entrevistas do ALiB.

Assim, em geral, quando o falante utiliza o verbo na 3<sup>a</sup> pessoa do singular faz uso do sujeito explícito (.673), sobretudo, de *a gente* (.739), como ilustrado na tabela 2. Contrariamente, nos casos em que o informante usa a 1<sup>a</sup> pessoa do plural, a utilização do *sujeito nulo* é mais favorável, posto que esta conjugação verbal já abarca implicitamente o pronome *nós*, tornando-se desnecessário seu uso explícito.

Logo, a omissão de sujeito ocorre, principalmente, com os verbos em 1<sup>a</sup> pessoa do plural, por conta da determinação do referente, uma vez que verbos conjugados em 1<sup>a</sup> ou 2<sup>a</sup> pessoa possuem categoria de pessoa e, por si só, determinam o referente, entretanto os verbos conjugados em 3<sup>a</sup> pessoa (não-pessoa) não permitem determinar o referente, sendo então necessário o preenchimento do sujeito.

Dessa forma, inferimos, ainda, ser mais provável casos de “*a gente vai*” do que “*nós vamos*”, pois o falante costuma omitir o pronome *nós*, utilizando apenas a forma verbal “*vamos*”. Exemplo:

INF.- Eu namorava com uma guria que morava aqui e a gente tinha tratado até de se casar e tudo, entendeu? [...] daí nós ficemo de fazer uma despedida de solteiro [...] daí chegou uns amigos meu, bah, vamo dar uma volta e coisarada, aí eu digo não, então vamo, aí **saímo, compramo** um litro de uísque e **saímo**, né, **fomo** pra avenida. (Vacaria, informante 1)

### 8.1.2 Determinação do Referente

Outro fator relevante foi a *determinação do referente*, se + *determinado* (eu + você(s) + ele(s) [+específico]) que possibilita identificar os referentes ou se - *determinado* (eu + você(s) + ele(s) [+ específico]) e (eu + você(s) + (ele(s) [- específico])) que não possibilita, claramente, a identificação dos referentes.

**Tabela 4** – *A gente versus nós* quanto à determinação do referente no interior da Região Sul.

Grau de determinação	<i>a gente</i>		<i>nós</i>	
	NO/ total/ %	PR	NO/ total/ %	PR
+ determinado	236/ 429/ 61	.387	166/ 429/ 38	.613
- determinado	101/ 108/ 93	.861	7/ 108/ 6	.139

**Fonte:** Tabela elaborada pela própria autora com os dados obtidos nas entrevistas do ALiB.

A tabela 4 indica que o pronome inovador é amplamente utilizado para se referir às pessoas ou coisas específicas (236 casos), fato que comprova mais uma vez a implementação de seu uso em substituição ao antecessor *nós*. Contudo, os traços de indeterminação do nome *gente* ainda residem no pronome *a gente*, dado que, como hipotetizamos, a forma inovadora é a mais usada para se referir às pessoas ou coisas de modo geral (.861). No discurso abaixo, por exemplo, a forma pronominal *a gente* refere-se a ela e também a todos os que passam por situação semelhante.

INF.- [...] faz um ano e meio que ela faleceu e ela ficou oito dias na UTI e foi um sofrimento assim que **a gente** não esquece, né, isso marcou. (Erechim, informante 4).

Já, ao utilizar com o pronome *nós*, notamos que o referente é + *determinado* (.613). Nesse sentido, este pronome desfavorece a indeterminação do referente, pois apenas sete dos 108 casos de - *determinado* ocorreram com o pronome *nós*.

Isto posto, nossa hipótese encontra eco nos resultados obtidos por Lopes (1993) que mostra a existência de uma diferença no emprego das formas em relação ao uso mais restrito ou mais genérico.

O falante utiliza preferencialmente o pronome *nós* para se referir a ele mesmo e mais o interlocutor (eu+você) (.91), ou a (eu+ele) “não-pessoa” (.87): referente [+perceptível] e [+determinado]. No momento em que o falante amplia a referência, indeterminando-a, há maior favorecimento para a forma “*a gente*” (.65). (Lopes, 1993, p.119)

Os casos de *sujeito nulo* contemplam tanto verbos com terminação da 3ª pessoa do singular quanto da 1ª pessoa do plural, mas, como vimos no fator concordância verbal, os casos de *sujeito nulo* ocorrem com maior frequência em 1ª pessoa do plural (.801), o que confirma os resultados da tabela a seguir.

**Tabela 5 – Sujeito nulo versus sujeito preenchido** quanto à determinação do referente no interior da Região Sul

Grau de determinação	<i>sujeito nulo</i>		<i>sujeito preenchido</i>	
	NO/ total/ %	PR	NO/ total/ %	PR
+ determinado	270/ 698/ 38	.556	428/ 698/ 61	.444
- determinado	9/ 117/ 7	.209	108/ 117/ 92	.791

**Fonte:** Tabela elaborada pela própria autora com os dados obtidos nas entrevistas do ALiB.

Segundo esses dados, o *sujeito nulo* desfavorece a indeterminação do referente (.209), ocorrendo em apenas 9 dos 117 casos e, por consequência, beneficia referentes + determinados (.556).

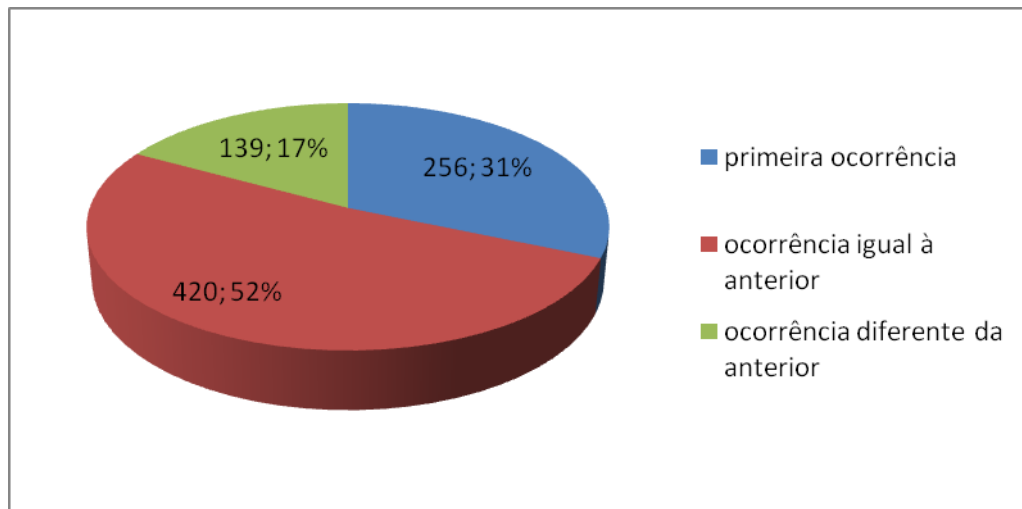
Em suma, a generalização do referente exige, em sua maioria, um sujeito preenchido (.791), sobretudo, pelo pronome inovador *a gente* (.861), como ilustra a tabela 4. Em contrapartida, a especificação do referente ocorre, principalmente, com o pronome explícito *nós* (.613 – tabela 4) e com *sujeito nulo* (.556 – tabela 5), cujo peso relativo .801, de acordo com a tabela 3, favorece verbos na 1ª pessoa do plural.

### 8.1.3 Paralelismo Formal

O princípio de que o falante tende a repetir a mesma forma na mesma sequência discursiva, chamado de paralelismo formal, vem se tornando um contexto bastante relevante de acordo com diversos estudos linguísticos. Em suas pesquisas, Abraçado (1991), Omena (1998) e Lopes (1999) revelaram o paralelismo como um dos fatores que facilitam o uso das formas *a gente* ou *nós* quando antecedidas pela mesma variante, ou seja, a possibilidade de ocorrer a mesma forma é bem maior do que uma nova referência com um pronome diferente.

O gráfico, a seguir, reúne o total e percentual dos pronomes *nós*, *a gente* e *sujeito nulo* analisados de acordo com a *primeira ocorrência*, *ocorrência igual à anterior* (paralelismo) e *ocorrência diferente da anterior*. Em seguida, apresentamos uma tabela com os pesos relativos.

**Gráfico 3** – Ocorrências de *nós*, *a gente* e *sujeito nulo* quanto ao paralelismo formal no interior da Região Sul



**Fonte:** Gráfico elaborado pela própria autora com os dados obtidos nas entrevistas do ALiB.

O gráfico 3 comprova o princípio do paralelismo formal visto que um pouco mais da metade dos 815 casos (52%) são de ocorrências pronominais iguais à anterior. O excerto a seguir, por exemplo, apresenta três casos de pronome na função de sujeito, a *primeira ocorrência* é a forma *a gente*, na segunda ocorrência há um paralelismo, pois o mesmo pronome é utilizado, assim como no terceiro caso.

INF.- [...] daí eu e as minhas colegas **a gente** pega, daí tem as faquinhas ali na esteira, daí **a gente** sai destalando, assim, daí **a gente** puxa. (Santa Cruz do Sul, informante 2)

Deste total de 420 casos de paralelismo com as três variantes, destacam-se, com a maior porcentagem, os casos de sujeito nulo (43%), isto é, a repetição da mesma forma verbal. Em relação à primeira ocorrência, 53% dos 256 casos são da forma *a gente*, pronome mais utilizado pelos falantes no início do discurso. Apesar da proximidade percentual entre as três variantes, no que se refere à ocorrência diferente da anterior, o pronome *a gente* representa o maior número de casos (39%), e o pronome *nós*, o menor (29%), mostrando-se, o primeiro, favorável à mudança de pronome e o segundo, à manutenção.

Apresentamos, na tabela 6, os resultados dessa variável, selecionada como relevante pelo programa estatístico na rodada *sujeito nulo versus sujeito preenchido*.

**Tabela 6** – *Sujeito nulo versus sujeito preenchido* quanto ao paralelismo formal no interior da Região Sul

Verificação	<i>sujeito nulo</i>		<i>sujeito preenchido</i>	
	NO/ total/ %	PR	NO/ total/ %	PR
Primeira ocorrência	54/ 256/ 21	.279	202/ 256/ 78	.721
Ocorrência diferente da anterior	43/ 139/ 30	.402	96/ 139/ 69	.598
Ocorrência igual à anterior	182/ 420/ 43	.671	238/ 420/ 56	.329

**Fonte:** Tabela elaborada pela própria autora com os dados obtidos nas entrevistas do ALiB.

De um total de 815 ocorrências, 420 casos foram de ocorrência igual à anterior. É evidente, portanto, a tendência à manutenção do mesmo pronome em uma sequência de fala, principalmente, no que diz respeito ao *sujeito nulo*, com .671 de peso relativo.

A primeira ocorrência, com peso relativo de .721, tende a ser preenchida com um pronome, sobretudo, o *a gente* (53%). Assim, os poucos casos de *sujeito nulo* obtidos como primeira referência corroboram os resultados de Lopes (1993, p.119), que, segundo a autora, “isso nos sugere que o falante, a fim de identificar para o

ouvinte o referente, necessita explicá-lo formalmente, quando faz sua primeira alusão a ele, iniciando um tópico”.

Notamos também, a partir desses dados, que as formas preenchidas *nós* e *a gente* tendem ao favorecimento do não paralelismo (.598), sendo os casos de *sujeito nulo* menos propício à ocorrência de formas pronominais diferentes da anterior (.402). O trecho abaixo exemplifica essa afirmação, pois os casos de *sujeito nulo* (“sepultamo”, “enchemo”, “cubrimo”, “colocamo” e “entramo”) mantêm a forma verbal, ou seja, há um paralelismo; já o penúltimo caso (*a gente*) é uma ocorrência pronominal diferente da anterior, bem como o último (*nós*), sendo estes dois mais propícios ao não paralelismo.

INF.- [...] aí aquela chuva parô e ficô parada até **nós** sepultarmos a senhora. **Sepultamo, enchemo, cubrimo** com a terra tudo a sepultura, né, **colocamo** a cruz, quando **entramo** na ambulância pra... pra saí do cemitério, pra voltá pro asilo, né, **a gente** não conseguiu descê da ambulância de tanta chuva, pedra e vento, né. Isso durante somente aquela parada que deu naquele lugar ali e ali ficou até **nós** terminarmos.

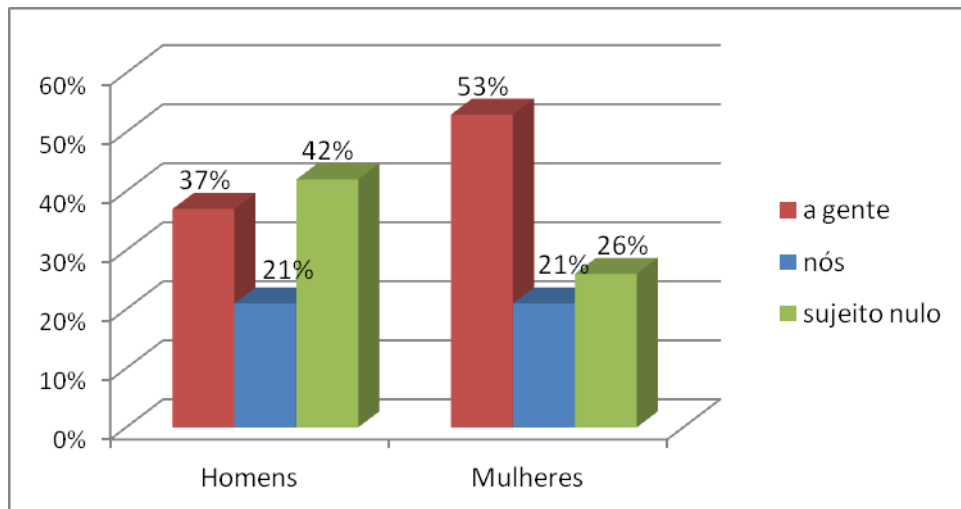
## 8.2 VARIÁVEIS INDEPENDENTES EXTRALINGUÍSTICAS

As variáveis independentes extralinguísticas – isto é, externas à língua, como, por exemplo, os contextos sociais – verificadas quanto ao fenômeno variável dos pronomes sujeito *nós* e *a gente* foram: sexo, faixa etária, estilo de fala e localidade.

### 8.2.1 Sexo

Quanto à variável extralinguística *sexo*, verificamos que tanto homens quanto mulheres fazem uso preferencial da forma *a gente*, em detrimento de *nós*, o que evidencia um indício de possível mudança linguística em progresso.

**Gráfico 4** – Ocorrência de *nós*, *a gente* e *sujeito nulo* quanto ao sexo do falante no interior da Região Sul



**Fonte:** Gráfico elaborado pela própria autora com os dados obtidos nas entrevistas do ALiB.

De acordo com o gráfico 4, é evidente a preferência de ambos os sexos pela forma contemporânea *a gente*, ao invés de *nós*; contudo, é na fala das mulheres que ela mais se destaca, posto que, das 406 ocorrências obtidas na fala feminina, 214 (53%) dos casos são da variante *a gente*.

Labov (2008) e Chambers e Trudgill (1994) afirmam que as mulheres tendem a empregar as formas de maior prestígio, evitando formas estigmatizadas. Todavia, quando se trata de processos de mudança linguística, segundo Labov (2008), ocorreria um fenômeno inverso, pois, nesse caso, as mulheres são as mais inovadoras.

Zilles (2007), em seu estudo sobre o uso de *a gente*, a partir de 39 informantes de Porto Alegre, apresenta resultados qualitativos semelhantes. A autora verificou que se trata de uma mudança liderada por mulheres, pois o sexo feminino favoreceu o uso de *a gente*. Tais resultados confirmam, ainda, pesquisas como as de Souza e Botassini (2009), realizada no interior de São Paulo e a de Seara (2000), em Florianópolis.

Apenas o estudo realizado por Tamanine (2002) aponta os homens na vanguarda da mudança, ou seja, favorecendo a variante *a gente*. Segundo a autora, tal fato revela que o uso de *a gente* é natural, sem qualquer estigma social, pois “os homens protagonizariam mudanças naturais, enquanto as mulheres o fariam no caso do uso de formas resultantes da influência da variedade socialmente aceita” (TAMANINE, 2002, p. 104).



Já a presença do pronome *nós* se mostrou neutra quanto ao fator sexo, embora saibamos que geralmente os casos de *sujeito nulo* se apresentam em 1ª pessoa do plural<sup>14</sup>. Diante disso, acreditamos que, ao iniciar um tópico, tanto os homens quanto as mulheres preferem utilizar a variante *a gente*, mas, ao longo do discurso, para evitar a redundância, os falantes fazem uso do *sujeito nulo*, em geral os homens, com 173 (42%) casos das 309 ocorrências na fala masculina.

Ainda, ao rodar os casos de *sujeito nulo versus sujeito preenchido*, o programa selecionou esta variável como significativa, na qual homens tendem ao favorecimento do *sujeito nulo*, cujo peso relativo foi de .565 e as mulheres ao favorecimento do *sujeito preenchido*, também com .565 de peso relativo.

Por fim, vale ressaltar que, no caso específico dos falantes da Região Sul, as mulheres são consideradas precursoras da forma *a gente*, mas não podemos afirmar que, por isso, os homens utilizam mais o conservador *nós*, pois o processo de inserção da variante inovadora já está presente também na fala masculina.

### 8.2.2 Faixa Etária

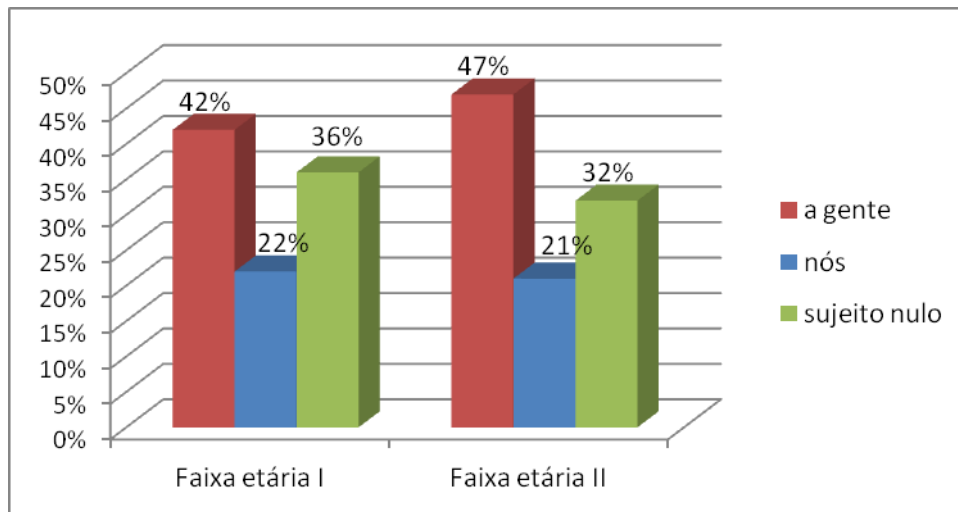
Em se tratando da variável *faixa etária*, diversos estudos sociolinguísticos apontam os falantes idosos como preservadores das formas antigas ou de maior prestígio e os mais jovens como os inovadores, o que, segundo Tarallo (1985), caracteriza uma forte tendência ao caso de mudança em progresso.

No entanto, os dados do interior da Região Sul revelam, como consta do gráfico 5, uma ampla expansão da variante inovadora *a gente* em ambas as faixas etárias (Faixa etária I: 18 a 30 e Faixa etária II: 50 a 65 anos), com praticamente o dobro da porcentagem de ocorrência em relação à variante conservadora *nós*.

---

<sup>14</sup> Fato confirmado na variável concordância verbal.

**Gráfico 5** – Ocorrência de *nós*, *a gente* e *sujeito nulo* quanto ao sexo do falante no interior da Região Sul



**Fonte:** Gráfico elaborado pela própria autora com os dados obtidos nas entrevistas do ALiB.

Tais resultados contrariam os estudos de Omena (1998), Seara (2000), Tamanine (2002), Nascimento (2013), entre outros que atestam o predomínio de *a gente*, sobretudo, na fala dos jovens. Contudo, observamos que a maior parte destes trabalhos faz uso de três faixas etárias geracionais, delimitação que não coincide com esta pesquisa.

Mendes (2007), por sua vez, aponta a faixa etária de 20 a 40 anos como favorável ao uso de *nós* (PR.66), tal qual os falantes que tenham acima de 60 anos (PR.69), enquanto a faixa etária intermediária (41 a 60 anos) estaria beneficiando o uso da forma inovadora *a gente* (PR.72). Tais resultados, relativamente ao uso de *a gente*, se aproximam aos deste trabalho, pois, nossa faixa etária II é de 50 a 65 anos, podendo ser igualada à faixa intermediária de Mendes (2007).

Ainda que haja, segundo o gráfico 5, uma diferença percentual entre uma faixa etária e outra, por exemplo, maior recorrência de *a gente* (47%) na faixa etária II e de *nós* (22%) e *sujeito nulo* (36%) na faixa etária I, os valores giram em torno de no máximo 5% de favorecimento. Assim, podemos concluir que, neste caso, a variável faixa etária do falante mostrou-se neutra quanto ao condicionamento da escolha da variante inovadora ou conservadora. Aliás, os dados reafirmam, independentemente da faixa etária do falante, a difusão da forma *a gente* no interior da Região Sul.

### 8.2.3 Estilo de Fala

De acordo com Chaica (1982, *apud* Monteiro, 2000, p. 68), o estilo de fala funciona como um sistema controlador da comunicação e interação social, que define a forma como os falantes devem produzir ou interpretar as mensagens, limitando os graus de formalidade ou informalidade, intimidade ou distanciamento, além de servir, também, para rituais como a saudação ou as formas de tratamento.

Para Monteiro (2000, p.70), o estilo refere-se ao *uso* que o falante faz da língua. Assim essa variação linguística depende e envolve, muitas vezes, “aspectos da situação ou contexto, os propósitos do emissor, o tipo de assunto e conteúdo da mensagem, bem como as relações entre os participantes do ato comunicativo”.

Nesse sentido, analisamos dois tipos de discurso, um dirigido e outro semidirigido. O primeiro, Discurso Dirigido, possui um caráter mais formal, composto por um estímulo de perguntas/respostas, no qual o falante, conseqüentemente, acaba policiando sua fala e ocultando, muitas vezes, a realidade linguística dos falantes da localidade. Ainda, essa questão incita que o falante, em sua resposta, inclua ele e mais outras pessoas, uma vez que a pergunta refere-se a “vocês” (“*O que vocês fazem nos finais-de-semana?*”).

O segundo, Discurso Semidirigido, é mais informal, ainda que o fato de ser uma entrevista leve os informantes a conter mais a fala. Por se tratar de um relato longo, essa questão (“*Relate um acontecimento marcante em sua vida (casamento, namoro...)*”) engloba relações de afetividade, que podem envolver o informante e fazê-lo não se policiar tanto, uma vez que, “o assunto sobre o qual se fala terá efeito na linguagem produzida” (MONTEIRO, 2000, p. 71).

**Tabela 7 – A gente versus nós quanto ao estilo de fala no interior da Região Sul.**

Estilo de fala	<i>a gente</i>		<i>nós</i>	
	NO/ total/ %	PR	NO/ total /%	PR
Formal	147/ 218/ 67	.604	71/ 218/ 32	.396
Informal	217/ 319/ 68	.428	102/ 319/ 31	.572

**Fonte:** Tabela elaborada pela própria autora com os dados obtidos nas entrevistas do ALiB.

Verificamos com essa variável que a forma *a gente* não constitui uma variante estigmatizada, pois ocorre tanto em situações formais quanto informais e, ainda, em quantidade maior do que o conservador *nós*. Segundo a tabela 7, das 218 ocorrências, no discurso formal, 147 (67%) são casos de *a gente* e dos 319 dados obtidos no estilo informal, 217 (68%) também são de *a gente*.

Todavia, em relação ao peso relativo, isto é, o indicador de favorecimento de determinado fator do grupo sobre uma variante, notamos uma divergência entre porcentagem e peso relativo. Neste caso, é o peso relativo o responsável por uma avaliação mais precisa dos efeitos dos fatores, pois sua análise é multivariada, ou seja, não considera apenas o número de ocorrência da variante em cada fator, mas sim a relação dessas ocorrências com outros grupos de fatores, neste caso o número de informantes<sup>15</sup>.

Assim, especificamente nesta pesquisa, determinados falantes podem ter utilizado mais de uma vez a variante *a gente* no estilo de fala informal (exatamente por ser um discurso longo), enquanto outros falantes não a utilizaram neste mesmo contexto. Já no estilo formal, pode-se inferir que a maior parte dos informantes fez uso do inovador *a gente*, por isso, o peso relativo de .604 aponta esse fator como relevante para a ocorrência dessa forma pronominal. Portanto, o peso relativo indica o grau de significância de um fator não apenas pelo total de ocorrências da variante e sim pela constatação geral dos informantes que costumam utilizar tal variante em determinado contexto.

Consoante os dados da tabela 8, levando-se em conta o uso do *sujeito nulo*, o discurso formal favorece o uso do *sujeito nulo*, com peso relativo de .716, enquanto no discurso informal há maior probabilidade da ocorrência de sujeito preenchido, com .714 de peso relativo.

---

<sup>15</sup> Os informantes não foram utilizados como grupo de fator, mas funcionam como tal.

**Tabela 8 – Sujeito nulo versus sujeito preenchido** quanto ao estilo de fala no interior da Região Sul

Estilo de fala	<i>sujeito nulo</i>		<i>sujeito preenchido</i>	
	NO/ total/ %	PR	NO/ total/ %	PR
Formal	188/ 405/ 46	.716	217/ 405/ 53	.284
Informal	91/ 410/ 22	.286	319/ 410/77	.714

**Fonte:** Tabela elaborada pela própria autora com os dados obtidos nas entrevistas do ALiB.

Logo, uma vez que a fala formal exige certa regularidade no discurso, visando a não causar redundância com as repetições de pronomes, o falante tende a manter a conjugação verbal e eliminar o sujeito, fato pouco frequente na fala informal.

Outro ponto bastante relevante dessa variável é a concordância verbal com o pronome. Para Mendes (2007, p.118), a utilização da variante inovadora *a gente* com uma forma verbal não marcada constitui “uma sentença que não sofre qualquer estigmatização social”. O falante, porém, pode fazer uso dessa variante juntamente com uma forma verbal marcada. Diante disso, realizamos uma rodada para verificar se o estilo de fala influencia a sentença não padrão *a gente* + forma verbal marcada e *nós*+ forma verbal não marcada.

A rodada referente ao pronome *a gente* não foi selecionada pelo programa como significante para a aplicação da regra, isto é, *a gente* + forma verbal marcada, pois ocorreram apenas seis casos desta concordância não padrão, dois deles no estilo formal e quatro no estilo informal, sendo este último mais propício à concordância não padrão.

Por sua vez, a rodada *nós* + forma verbal não marcada mostrou relevância na aplicação da concordância não padrão, conforme a tabela 9.

**Tabela 9** – Realização da concordância verbal com o pronome *nós* quanto ao estilo de fala no interior da Região Sul

Estilo de fala	<i>formal</i>		<i>informal</i>	
	NO/ total/ %	PR	NO/ total/ %	PR
Concordância padrão	54/ 108/ 50	.596	54/ 108/ 50	.404
Concordância não padrão	17/ 65/ 26	.344	48/ 65/ 73	.656

**Fonte:** Tabela elaborada pela própria autora com os dados obtidos nas entrevistas do ALiB.

O peso relativo de .656, segundo a tabela 9, evidencia o estilo informal como o beneficiador da concordância não padrão, pois, dos 65 casos de *nós* + forma verbal não marcada 48 (73%) ocorreram no discurso informal. E, como esperado, no discurso formal predomina a concordância padrão, com peso relativo de .596.

Especificamente, em relação à concordância verbal com *nós* e *a gente*, resultados semelhantes foram obtidos por Rubio (2012), no interior paulista. De acordo com o pesquisador, no tocante ao pronome *nós*, 85,5% das ocorrências foram de formas verbais marcadas e 14,5% de formas verbais não marcadas. E, junto à forma pronominal *a gente*, 94% das formas verbais foram não marcadas.

Acreditamos, portanto, que os resultados da concordância verbal justificam o discurso formal como facilitador da ocorrência de *a gente* (.604 conforme a tabela 7) à medida que esta variante, além de não sofrer estigma, é mais favorável à concordância padrão e, talvez por isso, este contexto favorece a forma inovadora.

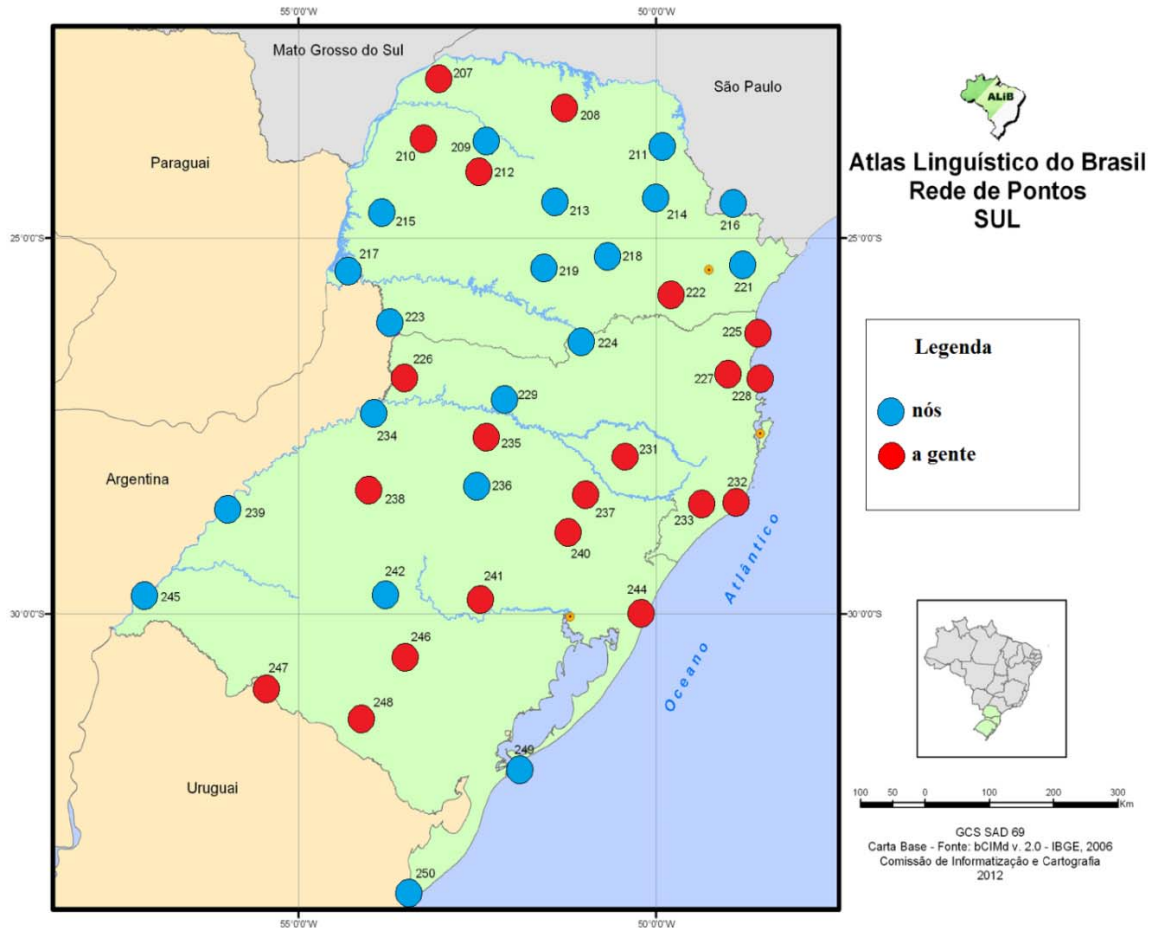
#### 8.2.4 Localidades

A fim de verificar em quais das 41 localidades do interior da Região Sul a forma inovadora se destaca, não em relação ao número de ocorrência, mas sim quanto ao favorecimento em peso relativo do local para a aplicação da regra, realizamos uma rodada *a gente versus nós* e o programa selecionou esta variável como significativa<sup>16</sup>. Assim, a carta experimental, da figura 5, traz as localidades

<sup>16</sup> Excluímos desta rodada Erechim e Caçapava do Sul, pois em 100% dos casos a forma *a gente* ocorreu nestas localidades. Mesmo assim, as incluímos na carta experimental.

favoráveis (pesos a partir de .500) e desfavoráveis (pesos abaixo de .500) ao uso de *a gente*, este último, conseqüentemente, favorável ao pronome conservador *nós*.

**Figura 5** – Distribuição diatópica das variantes *nós* e *a gente* na rede de pontos da Região Sul



**Fonte:** Carta elaborada pela própria autora com os dados obtidos nas entrevistas do ALiB.

Segundo a carta, no Paraná, as cidades 207. Nova Londrina (.725), 208. Londrina (.854), 210. Umuarama (.866), 212. Campo Mourão (.665) e 222. Lapa (.660) beneficiam a variante inovadora *a gente*. Em contrapartida, 209. Terra Boa (.463), 211. Tomazina (.171), 213. Cândido de Abreu (.140), 214. Piraí do Sul (.236), 215. Toledo (.098), 216. Adrianópolis (.213), 217. São Miguel do Iguçu (.092), 218. Imbituva (.156), 219. Guarapuava (.488), 221. Morretes (.441) e 223. Barracão (.328) favorecem o uso do conservador *nós*.

Em Santa Catarina, 225. São Francisco do Sul (.681), 226. São Miguel do Oeste (.860), 227. Blumenau (.858), 228. Itajaí (.709), 231. Lajes (.545), 232.

Tubarão (.723) e 233. Criciúma (.573) contribuem com a forma *a gente*. E, somente, 224. Porto União (.162) e 229. Concórdia (.412) propiciam o uso de *nós*.

No estado do Rio Grande do Sul, as cidades favoráveis à forma *a gente* foram: 235. Erechim (100% das ocorrências), 237. Vacaria (.794), 238. Ijuí (.871), 240. Flores da Cunha (.580), 241. Santa Cruz do Sul (.886), 244. Osório (.654), 246. Caçapava do Sul (100% das ocorrências), 247. Santana do Livramento (.817), 248. Bagé (.823). As localidades desfavoráveis ao *a gente*, isto é, que contribuem com o pronome *nós*, foram: 234. Três Passos (.229), 236. Passo Fundo (.342), 239. São Borja (.484), 242. Santa Maria (.087), 245. Uruguaiana (.127), 249. São José do Norte (.125) e 250. Chuí (.125).

Conseguimos concluir, por meio dos pesos relativos, que algumas localidades (Londrina, Umuarama, Nova Londrina, São Miguel do Oeste, Blumenau, Ijuí, Santa Cruz do Sul, Santana do Livramento, Bagé) são extremamente favoráveis à forma *a gente*, enquanto outras são desfavoráveis (Toledo, São Miguel do Iguaçu, Porto União, Santa Maria, São José do Norte, Chuí) e, ainda, algumas se mantêm neutras (Terra Boa, Guarapuava, Morretes, Lajes, Criciúma, Concórdia, Flores da Cunha, São Borja) quando ao uso.

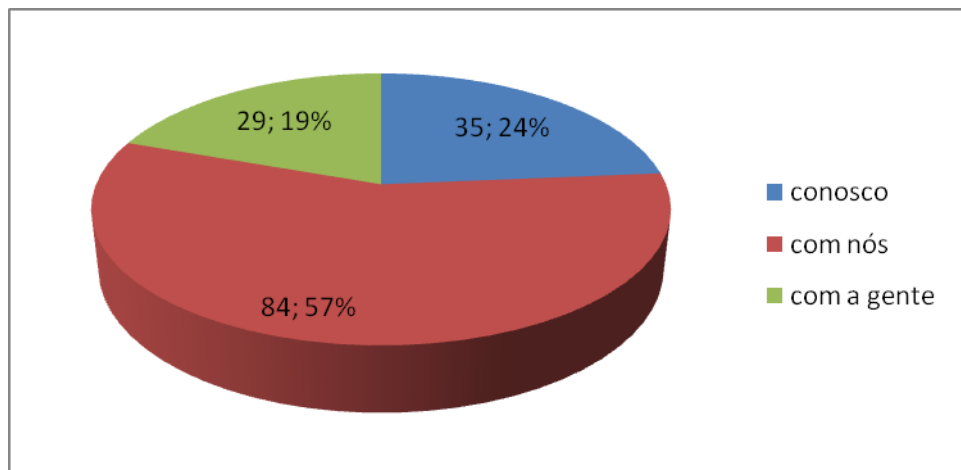


## 9 ANÁLISE DA VARIAÇÃO DE CONOSCO, COM NÓS E COM A GENTE

Nesta análise, apenas a primeira ocorrência dada foi computada, uma vez que nem todos informantes deram uma segunda resposta. Assim, por serem poucos casos, 148 ocorrências, optamos por apresentar os resultados apenas em percentuais.

De acordo com os dados, no cômputo geral, o levantamento apurou um total de 148 ocorrências, das quais 84 foram casos de *com nós*, 35 de *conosco* e 29 casos de *com a gente*. Descartamos 16 casos de respostas não formuladas ou não obtidas, quando os informantes respondem sem utilizar o pronome oblíquo (“*se junte a nós*”; “*vem fazer companhia pra nós*”).

**Gráfico 6** – Ocorrências de *conosco*, *com nós* e *com a gente* no interior da Região Sul



**Fonte:** Gráfico elaborado pela própria autora com os dados obtidos nas entrevistas do ALiB.

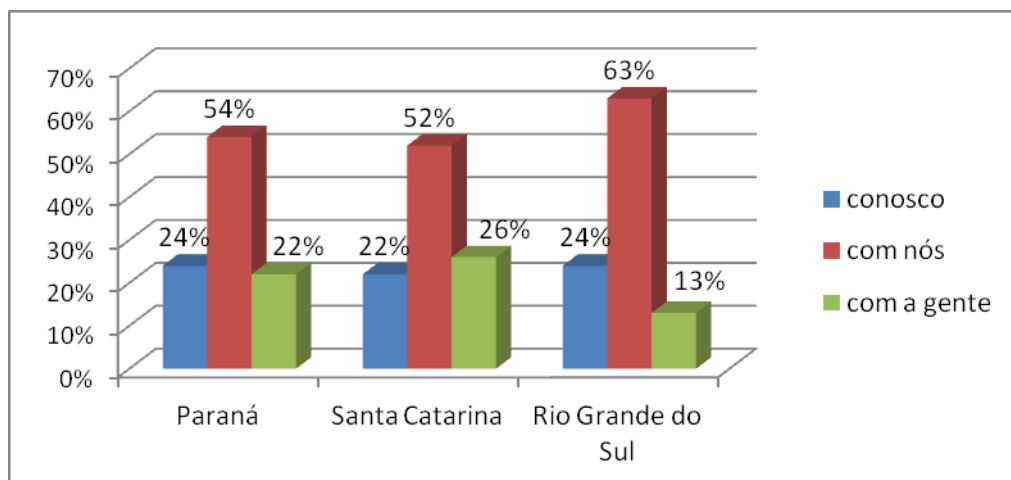
De acordo com o gráfico 6, a variante de maior uso foi a não-padrão *com nós*, com 57% dos casos, cujo total de ocorrência foi maior que o dobro em relação às demais variantes, o pronome conservador *conosco* (24%) e o inovador *com a gente* (19%). Os resultados atuais divergem dos obtidos por Silva (2015), nas capitais (dados do ALiB), no qual prevaleceu a variante culta *conosco* (51%), ficando em segundo lugar, a construção inovadora *com a gente* (36%), enquanto *com nós*

apresentou o menor número de ocorrências em relação às outras duas variantes (13%).

Essas divergências na variação entre interior e capital já eram esperadas, pois a norma linguística costuma se estabelecer em cidades grandes, para, *a posteriori*, irradiar para o interior. Além disso, metade dos informantes entrevistados, nas capitais, possui Ensino Superior, ao passo que todos os falantes do interior têm somente o Ensino Fundamental. Portanto, como diversos estudos sociolinguísticos revelam, quanto maior a escolaridade maior também será o domínio da norma padrão, dado que o falante tende a evitar as variantes estigmatizadas, sobretudo em contextos formais<sup>17</sup>.

Comparando os resultados obtidos no interior de cada um dos três estados investigados, como consta do gráfico 7, o Rio Grande do Sul foi o que mais destoou quanto ao uso das variantes *com nós* (63%) e *com a gente* (13%), favorecendo o uso da primeira e inibindo a presença inovadora da segunda.

**Gráfico 7** – Ocorrências de *conosco*, *com nós* e *com a gente* por Estado



**Fonte:** Gráfico elaborado pela própria autora com os dados obtidos nas entrevistas do ALiB.

Ao contrastar nossos dados com os revelados por Pinho (2012), em localidades rurais, do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul (dados ALERS), verificamos a semelhança quanto ao predomínio da variante não-padrão *com nós*, porém com maior intensidade, em pouco mais de 72% dos casos. A forma padrão

<sup>17</sup> Naquele estudo (SILVA, 2015), levantamos a hipótese de que os casos de *conosco* ocorreram em maiores proporções devido à formalidade do estilo entrevista, pois, muitos dos informantes que utilizaram o *conosco*, acrescentaram, em seguida, se tratar da forma correta, mas que existe a popular (mais comum) *com a gente*.

*conosco* contou com uma média de 16%, principalmente, no Rio Grande do Sul. Já a variante *com a gente* teve somente três ocorrências.

Diante disso, podemos inferir que o uso da variante não-padrão *com nós* e o da padrão *conosco* está relacionado tanto com o grau de escolarização do informante quanto com o nível de urbanização da localidade. As ocorrências do inovador *com a gente* foram mais relevantes nos dados das capitais (SILVA, 2015), sendo um meio alternativo, informal, para substituir o canônico *conosco*.

## 9.1 VARIÁVEIS INDEPENDENTES EXTRALINGUÍSTICAS

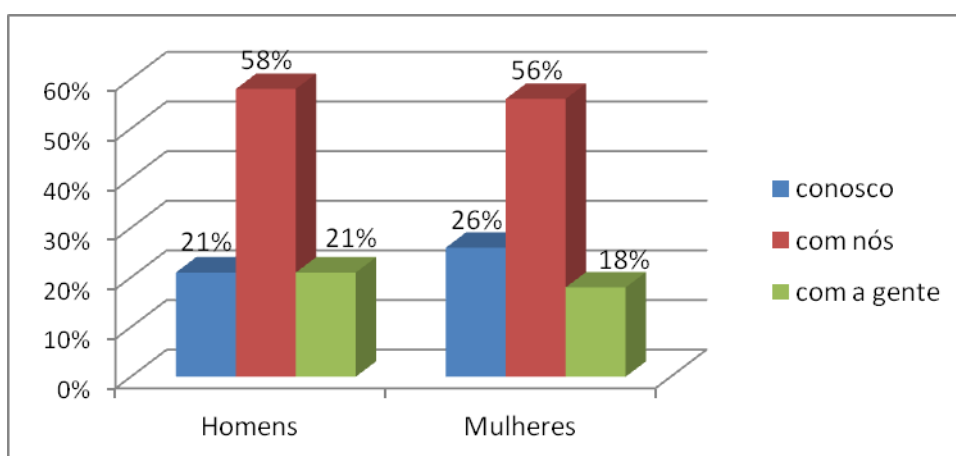
As variáveis independentes extralinguísticas verificadas quanto ao fenômeno variável dos pronomes oblíquos tônicos *conosco*, *com nós* e *com a gente* foram: sexo, faixa etária e localidade.

### 9.1.1 Sexo

Com relação à variável sexo do falante, conforme mencionado anteriormente, para Labov (2008) e Chambers e Trudgill (1994), as mulheres são, geralmente, mais conservadoras do que os homens e, por isso, evitam formas estigmatizadas. Entretanto, segundo Labov (2008), quando se trata de mudança linguística as mulheres costumam ser inovadoras.

Como podemos observar no gráfico a seguir, esta variável não se mostrou condicionadora, assim como em Silva (2015), pois, os valores não apresentam discrepâncias consideráveis em relação à porcentagem de ocorrência entre ambos os sexos.

**Gráfico 8** – Ocorrência das variantes quanto ao sexo do falante no interior da Região Sul



**Fonte:** Gráfico elaborado pela própria autora com os dados obtidos nas entrevistas do ALiB.

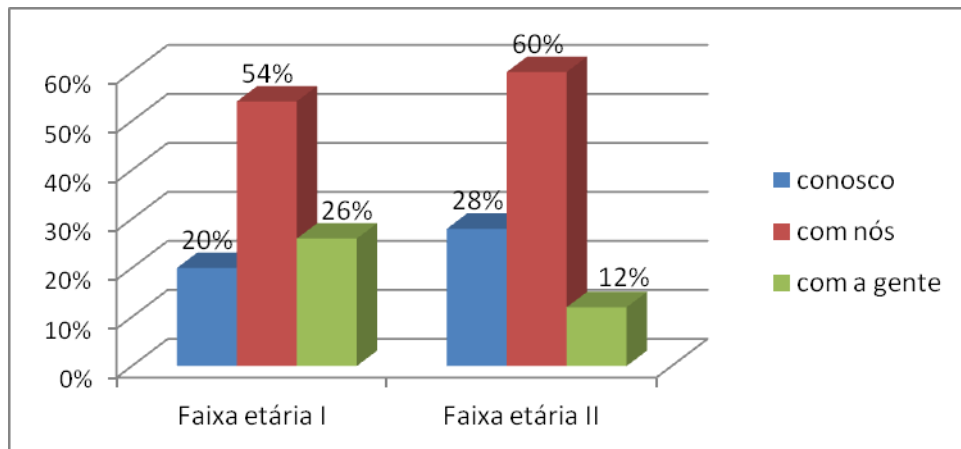
O gráfico 8 reforça o maior número de ocorrência da forma *com nós*, favorecida, sobretudo, pelos homens (58%), seguida pelas variantes *conosco*, que se sobressai na fala feminina (26%), revelando, mesmo que discretamente, o conservadorismo feminino e, por último, *com a gente*, com 3% a mais na fala masculina (21%).

Apesar de os resultados quanto ao uso do pronome *conosco* apontarem as mulheres como conservadoras, esta pesquisa vai ao encontro de diversos estudos sociolinguísticos que têm confirmado a redução na diferença linguística entre os sexos, devido à igualdade dos papéis sociais, principalmente, com a inserção da mulher no mercado de trabalho, ocupando posições que antes eram exclusivas do sexo masculino.

### 9.1.2 Faixa etária

Em se tratando da faixa etária do falante, Tarallo (1985) assevera que o condicionador idade é fundamental para investigar se o fenômeno pesquisado apresenta uma variação estável ou uma mudança em curso. Assim, se a variante inovadora estiver ocorrendo com mais frequência na fala dos jovens e a forma conservadora (cult) aparecer mais na fala dos informantes idosos, há uma forte tendência ao caso de mudança em progresso.

**Gráfico 9** – Ocorrência das variantes quanto à faixa etária do falante no interior da Região Sul



**Fonte:** Gráfico elaborado pela própria autora com os dados obtidos nas entrevistas do ALiB.

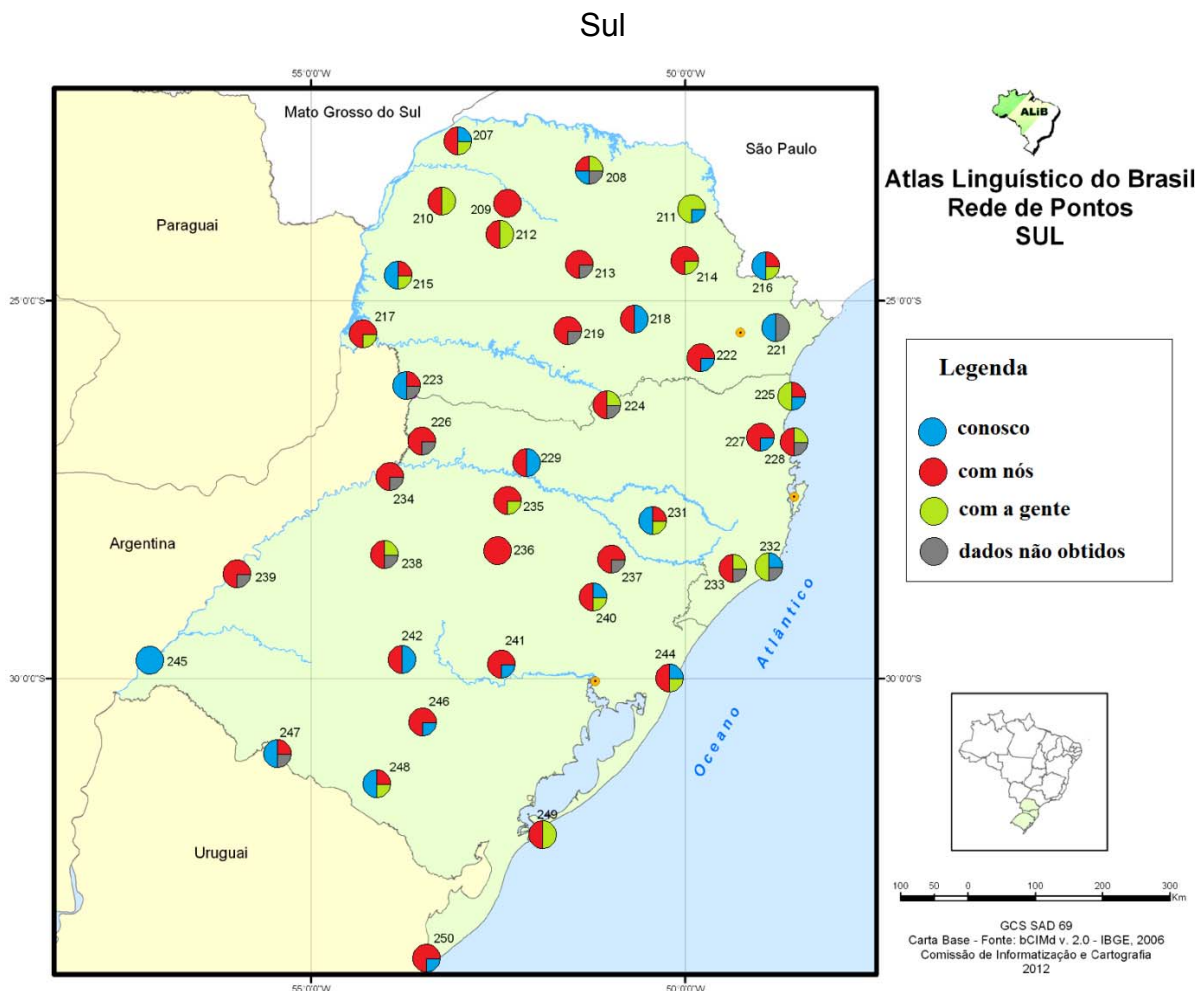
Conforme os dados do gráfico 9, a variante não-padrão *com nós* foi a mais recorrente em ambas as faixas etárias, com 6% a mais na fala dos idosos (60%). Da mesma maneira, apesar da pouca incidência de *com nós* em Silva (2015), é também na faixa etária II que ela se destaca, com 14 (16%) casos contra nove (10%) da faixa etária I.

Predomina, ainda, a variante conservadora, ou culta, *conosco* (20) na faixa etária II (50-65 anos) e o maior número de ocorrência da inovadora *com a gente* (20) na faixa etária I (18-30 anos), resultados que apontam mudança em progresso e corroboram os da pesquisa de Silva (2015). Porém, nos dados das capitais, conforme a referida autora, há forte tendência ao desaparecimento de *com nós*, por ser evitada pelos mais jovens e alvo de estigmatização, bem como forte avanço da forma *com a gente* sobre o *conosco*, no longo prazo. Os dados do interior evidenciam uma tendência ao desaparecimento da variante *conosco*, ficando, portanto, a variação polarizada entre o não-padrão *com nós* e o inovador *com a gente*. Contudo, o conservador *conosco* ainda ocorre em algumas localidades da Região Sul, conforme veremos na carta a seguir, representada pela figura 6.

### 9.1.3 Localidades

Para facilitar a visualização das ocorrências de *conosco*, *com nós* e *com a gente* em relação às cidades, elaboramos uma carta experimental com a distribuição das variantes em cada uma das 41 localidades do interior da Região Sul.

**Figura 6** – Distribuição diatópica das variantes *conosco*, *com nós* e *com a gente* na rede de pontos da Região Sul



**Fonte:** Carta elaborada pela própria autora com os dados obtidos nas entrevistas do ALiB.

A partir dos dados que constam da figura 6, é possível observar que a variante *conosco* e a variante *com nós* foram categóricas, em algumas localidades, respectivamente: 245. Uruguaiana (RS) e 209. Terra Boa (PR) e 236. Passo Fundo (RS).

Ainda, a construção *com nós*, não mencionada como pronome oblíquo tônico e que só pode ocorrer seguida, por exemplo, de *outros*, *todos* e *próprios*, conforme Nicola e Infante (1993), Bechara (2001) e outros gramáticos, foi a mais produtiva, ocorrendo quase que de forma categórica em todas as localidades, por pelo menos três dos quatro informantes entrevistados.

A variante conservadora *conosco*, por sua vez, mostrou-se neutra quanto aos estados analisados, pois em 14 das 16 cidades do Paraná e do Rio Grande do Sul,

notamos a presença dessa variante, assim como em sete das nove cidades de Santa Catarina, sobretudo, nas localidades de fronteiras como, por exemplo, 245. Uruguaiana (RS), 247. Santana do Livramento (RS), 229. Concórdia (SC) e 223. Barracão (PR).

Já a forma inovadora *com a gente* foi utilizada, em sua maioria, por um único informante, com exceção das seguintes localidades: 249. São José do Norte (RS), 232. Tubarão (SC), 225. São Francisco do Sul (SC), 210. Umuarama (PR) e 212. Campo Mourão (PR), que apresentaram duas ocorrências e 211. Tomazina (PR), única cidade com três ocorrências desta variante. O Rio Grande do Sul foi o estado com menor ocorrência por localidade, apenas sete das 16 cidades utilizaram a forma *com a gente*, totalizando oito ocorrências. Em Santa Catarina, seis das nove localidades apresentaram a variante inovadora, também totalizando oito ocorrências. O estado com maior número de ocorrências desta forma foi o Paraná, com 13 casos, contabilizados em nove das 16 cidades investigadas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As conclusões obtidas com este trabalho, de modo geral, corroboram os resultados de diversas pesquisas realizadas sobre ambos os fenômenos em outras localidades do Brasil. Observamos, ainda, que o avanço da forma gramaticalizada *a gente* está bem difundido na função de sujeito, contudo, alguns indícios apontam também a implementação da variante inovadora como adjunto adverbial de companhia.

No que concerne aos pronomes sujeito, como hipotetizamos, o resultado revela a preferência pelo uso da forma *a gente*, ao invés do consagrado pronome *nós*. Segundo as variáveis, os dados apontam que: 1) quanto ao paralelismo formal, o falante tende a repetir o pronome ou desinência verbal, principalmente, em caso de *sujeito nulo*; 2) a determinação do referente é fundamental na escolha de uma das formas, pois predomina *a gente* em frases cujo sujeito é indeterminado semanticamente e *nós* em contextos mais determinados; 3) a concordância verbal revela uma tendência à preservação harmônica dos traços entre o verbo e seu sujeito, sendo o pronome *nós* o mais propício ao rompimento da harmonia; 4) a variável sexo deixou clara a preferência de ambos pela forma *a gente*, porém, é na fala das mulheres que ela mais se destaca; 5) o fator idade demonstrou o predomínio do pronome sujeito *nós* na fala dos informantes da faixa etária I (18 a 30 anos) e da forma *a gente* na faixa etária II (50 a 65 anos); 6) o estilo de fala evidenciou a preferência pelo *sujeito nulo* no discurso formal, enquanto o pronome *nós* e a forma *a gente* foram mais produtivos no discurso informal e formal, respectivamente e 7) a localidade revelou as cidades favoráveis e desfavoráveis ao uso da variante inovadora *a gente*, sendo o Paraná o responsável pelo maior número de localidades em que predomina o *nós* e Santa Catarina e Rio Grande do Sul em qual predomina o *a gente*.

A realização variável dos pronomes oblíquos tônicos confirma que, na Região Sul do Brasil, o Português está caminhando no sentido da eliminação dos resquícios de caso em seus paradigmas pronominais, por isso, não é precipitada a hipótese de que o pronome *conosco* tende, mais cedo ou mais tarde, a se tornar uma forma



arcaica do Português brasileiro, principalmente, em falantes do interior e com pouca escolarização.

A variável *sexo* apontou a maior porcentagem de *com nós* na fala dos homens, seguida pela variante *conosco*, que se sobressai na fala feminina; já a forma inovadora *com a gente* teve porcentagem um pouco maior no sexo masculino. Em ambas as faixas etárias, predominou a variante não-padrão *com nós*, cuja porcentagem foi maior na faixa II. A variante conservadora *conosco* foi mais produtiva também na faixa etária II e a inovadora *com a gente* na faixa etária I. Em, praticamente, todas as localidades investigadas a forma *com nós* foi registrada e, quase sempre, por três ou dois dos quatro informantes entrevistados. Já o pronome conservador *conosco* e o inovador *com a gente* estiveram presentes em 22 das 41 localidades analisadas, o primeiro na resposta de um ou dois informantes, e o segundo em pelo menos um falante, cuja maior ocorrência foi no estado do Paraná.

Ademais, a análise sincrônica atesta que o processo de gramaticalização da variante inovadora *a gente* cumpre todos os estágios de mudança (estratificação, divergência, persistência, descategorização e especialização). Esta nova forma, além de ampliar o sistema pronominal e simplificar o paradigma verbal do português brasileiro, traz consigo uma representação referencial (indeterminada) diferente da contida no pronome *nós*.

Portanto, partindo do princípio de que a gramaticalização é motivada por “necessidades comunicativas não satisfeitas pelas formas existentes” (NEVES, 2008, p. 38), acreditamos que o inovador *a gente* não é apenas “mera” variante do pronome *nós*. Cabe ao falante, ao encontrar estas diferentes formas de dizer, “fazer a melhor escolha no sentido de adequar-se à exigência social da situação em que a construção deve ser empregada, uma necessidade de colocar a seu serviço os modos de expressar-se que a língua lhe faculta e de que ele tem posse” (NEVES, 2008, p. 41).

Por fim, vale destacar, a partir destas constatações, que a análise quanto ao uso dos pronomes sujeito indica uma variação motivada por fatores internos da língua e condicionada por fatores situacionais. Em contrapartida, a realização variável dos pronomes oblíquos tônicos indica uma variação muito mais diastrática, isto é, condicionada por fatores sociais, e diatópica, determinada pela localização geográfica, cuja variação está intimamente ligada à cultura local.

## REFERÊNCIAS

- ABRAÇADO, Maria Jussara de Almeida. **Mudanças no sistema pronominal do português brasileiro**: causas e conseqüências. 1991. Dissertação (Mestrado em Estudos Lingüísticos) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 1991.
- ALKMIN, Tânia Maria. Sociolingüística: parte 1. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Ana C. (Orgs.). **Introdução à Lingüística**: domínios e fronteiras. 2. ed.. São Paulo: Cortez, 2001.
- ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática metódica da língua portuguesa**: curso único e completo. 44. ed.. São Paulo: Saraiva, 2004.
- AULETE, Francisco Caldas. **Dicionário contemporâneo da língua portuguesa**. 3. ed.. Rio de Janeiro: Editora Delta, 1980.
- BALHANA, Altiva Pilatti. **Política imigratória do Paraná**. Revista paranaense de Desenvolvimento. Curitiba, n. 87, p. 39-50, jan./abr., 1996.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed.. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001.
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de lingüística geral I**. Campinas: Pontes, 1991.
- BORGES, Paulo Ricardo S. **A gramaticalização de a gente no português brasileiro**: análise histórico-social-lingüística da fala das comunidades gaúchas de Jaguarão e Pelotas. 2004. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2004.
- BOTASSINI, Jacqueline Ortelan Maia. **A elipse do sujeito pronominal na linguagem falada do Paraná**: uma análise variacionista. 1998. Dissertação (Mestrado em Lingüística) - Curso de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Paraná, Curitiba. 1998.
- BUENO, Elza Sabino da Silva. **Nós, a gente e o bóia-fria**: uma abordagem sociolingüística. São Paulo: Arte & Ciência, 2003.
- CÂMARA JUNIOR, Joaquim Matoso. **História e estrutura da língua portuguesa**. 4. ed.. Rio de Janeiro: Padrão, 1985.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino et al. (Orgs.). **Documentos 4**: Projeto Atlas Lingüístico do Brasil. Salvador: Vento Leste, 2013.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. O Projeto ALiB e sua trajetória. In: MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino (Orgs.). **Projeto Atlas Lingüístico do Brasil**. Documentos 2. Salvador: Quarteto, 2006. p. 23.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de. A gramaticalização. **Estudos Lingüísticos e Literários**, Salvador, n. 19, p. 25-64, 1997.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: contexto, 2010.

CHAMBERS, Jack K.; TRUDGILL, Peter. **La dialectología**. Tradução de Carmen Morán González. Madrid: Visor Libros, 1994.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. **Atlas Lingüístico do Brasil: Questionários**. Londrina: Eduel, 2001.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Pontos de Gramática Histórica**. 5. ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1962.

CUKOR-AVILA, Patricia; BAILEY, Guy. Real Time and Apparent Time. In: CHAMBERS, Jack. K.; SCHILLING, Natalie. **The Handbook of Language Variation and Change**. 2. ed. Chichester, United Kingdom: Wiley-Blackwell, 2013.

CUNHA, Celso e CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 3 ed.. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

CUNHA, Maria Angélica Furtado da. A linguística centrada no uso (ou linguística cognitivo-funcional). In: SOUZA, Medianeira et al. **Sintaxe em foco**. Recife: UFPE, 2012.

FARACO, Carlos Alberto. **História da língua: uma introdução ao estudo da história das línguas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

FARACO, Carlos Emílio; MOURA, Francisco Marto. **Gramática**. 19. ed.. São Paulo: Ática, 2003.

FERNANDES, Eliene Alves. Fenômeno variável: nós e a gente. In: HORA, Dermeval da (Org.). **Estudos sociolinguísticos: perfil de uma comunidade**. João Pessoa: 2004.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 4. ed.. Curitiba: Positivo, 2009.

GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite et al. Tratado geral sobre gramaticalização. In: GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite; LIMA-HERNANDES, Maria Célia; CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina (Org.). **Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicação**. São Paulo: Parábola editorial, 2007.

GUY, Gregory Riordan; ZILLES, Ana. **Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise**. São Paulo: Parábola, 2007.

HORA, Dermeval da. Teoria da variação: trajetória de uma proposta. In: HORA, Dermeval da (Org.). **Estudos sociolinguísticos: perfil de uma comunidade**. João Pessoa: 2004.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Sales. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. 1. ed.. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

KAILER, Dirce Aparecida. **Vogais pretônicas /e/ e /o/**: um estudo em tempo aparente. 2008. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 2008.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LAZIER, Hermógenes. **Paraná**: terra de todas as gentes e de muitas histórias. 1. ed.. Francisco Beltrão: Grafit, 2003.

LOPES, Célia Regina dos Santos. A gramaticalização de *a gente* em português em tempo real de longa e de curta duração: retenção e mudança na especificação dos traços intrínsecos. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, v. 33, n. 2, p. 1-34, 2004.

LOPES, Célia Regina dos Santos. **A inserção de 'a gente' no quadro pronominal do português**. Madrid: Iberoamericana, 2003, v.18. p. 174.

LOPES, Célia Regina dos Santos. **A inserção de a gente no quadro pronominal do português**: percurso histórico. 1999. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.

LOPES, Célia Regina dos Santos. **Nós e a gente no português falado culto do Brasil**. 1993. Dissertação (Mestrado em língua portuguesa) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1993.

LUCCHESI, Dante. A representação da primeira pessoa do plural. In: LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan e RIBEIRO, Ilza (Org.). **O português afro-brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2009.

LUVIZOTTO, Caroline Kraus. **As tradições gaúchas e sua racionalização na modernidade tardia**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

MAIA, Francisca Paula Soares. A gente vê por aqui: fronteiras da contemporaneidade na gramaticalização de uma forma pronominal. In: **Memento**, v. 1, n. 01, p. 1-9, ago. 2009.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. **Mudança linguística**: uma abordagem baseada no uso. São Paulo: Cortez, 2011.

MENDES, Rute Paranhos Silva. **O perfil da alternância do sujeito nós e a gente em Santo Antônio de Jesus**: um recorte do português popular no interior da Bahia. 2007. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Faculdade de Letras UFBA, Salvador, 2007.

MENON, Odete Pereira da Silva. A gente: um processo de gramaticalização. **Estudos linguísticos**, Taubaté, n. XXV, p. 622-628, 1996.

MICHAELIS. **Moderno dicionário da língua portuguesa**. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998.

MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). **Introdução à Sociolingüística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2003.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). **Introdução à sociolingüística**. São Paulo: Contexto, 2003.

MONTEIRO, José Lemos. **Para compreender Labov**. Petrópolis: Vozes, 2000.

NARO, Anthony Julius. O dinamismo das línguas. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). **Introdução à sociolingüística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2003.

NASCIMENTO, Carina Sampaio. **Nós e A gente em Salvador: confronto entre duas décadas**. 2013. Dissertação (Mestrado em Letras) - Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Que gramática estudar na escola? Norma e uso na Língua Portuguesa**. São Paulo: Contexto, 2008.

NICOLA, José de e INFANTE, Ulisses. **Gramática contemporânea da língua portuguesa**. 11. ed.. São Paulo: Scipione, 1993.

NUNES, José Joaquim. **Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa: fonética e morfologia**. 5. ed.. Lisboa: Clássica, 1956.

OMENA, Nelize Pires. A referência à primeira pessoa do discurso no plural. In: SILVA, Gisele M. Oliveira; SCHERRE, Maria Marta (Orgs.). **Padrões sociolingüísticos: análises de fenômenos variáveis do português falado no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1998. p. 185-212.

OMENA, Nelize Pires. A referência à primeira pessoa do plural: variação ou mudança?. In: PAIVA, M. C. & DUARTE, M. E. L. (orgs.). **Mudança lingüística em tempo real**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2003. p. 63-80.

OMENA, Nelize Pires. A referência variável da primeira pessoa do discurso no plural. In: NARO, Anthony Julius. et al. **Relatório final de pesquisa: Projeto Subsídios do Projeto Censo à Educação**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1986. v. 2, p. 286-319.

PINHO, Antonio José de. **Aspectos da história da língua: um estudo diacrônico e sincrônico dos pronomes oblíquos tônicos**. 2012. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2012.

PINHO, Antonio José de; CARDOSO, Bruno. Considerações sobre a história do pronome conosco. **Working Papers em Linguística**, Florianópolis, v. 11, n. 1, p. 55-69, 2010.

PINTZUK, Susan. **Programas Varbrul**. Tradução de Ivone Isidoro Pinto. Rio de Janeiro: UFRJ/ Faculdade de Letras, 1988.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. 52. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2014.

ROCHA, Fernanda da Cunha Faria. **A alternância nos pronomes pessoais e possessivos do português de Belo Horizonte**. 2009. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

ROSÁRIO, Ivo da Costa do. Gramaticalização: uma visão teórico-epistemológica. **Palimpsesto**, n. 11, ano 9, Dossiê 2, p. 2, 2010.

SAID ALI, Manuel. **Gramática histórica da língua portuguesa**. 3. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1964.

SEARA, Izabel Chistine. A variação do sujeito nós e *a gente* na fala florianopolitana. **Organon**, Porto Alegre, v. 14, n. 28 e 29, p. 179-149, 2000.

SILVA NETO, Serafim da. **Fontes do Latim Vulgar**. 3. ed.. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1956.

SILVA, G. M. de O; PAIVA, M. da C. de. Visão de conjunto das variáveis sociais. In: SILVA, G. M. de O; SCHERRE, M. M. P. (Org.). **Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

SILVA, Lidiane Martins da. Você toma café com a gente ou conosco? Um olhar direto sobre o pronome oblíquo. In: CONGRESSO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM, 3, 2015, Cornélio Procópio. **Anais...** Cornélio Procópio: UENP, 2015. p. 1111-1129.

SOUZA, Adriana dos Santos; BOTASSINI, Jacqueline Ortelan Maia. A variação no uso dos pronomes-sujeito nós e a gente. **Anais do SILEL**, Uberlândia, v. 1, 2009.

SWAIN, Tânia Navarro. Fronteiras do Paraná: da colonização à migração. In: AUBERTIN, Catherine. (Org.) BECKER, Bertha K. et al. **Fronteiras**. Brasília: EdunB, 1988, p. 19-37.

TAMANINE, Andrea Maristela Bauer. **A alternância *nós/ a gente* no interior de Santa Catarina**. 2002. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2002.

TAMANINE, Andrea Maristela Bauer. **Curitiba da gente: um estudo sobre a variação pronominal nós/a gente e a gramaticalização de a gente na cidade de Curitiba – PR**. Tese (Doutorado em Letras) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 2007.

TAVARES, Maria Alice. Gramática emergente e gramaticalização: o caso da construção [pegar od e]. In: SOUZA, Medianeira et al. **Sintaxe em foco**. Recife: UFPE, 2012, p. 51-72.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs. Gramaticalização: uma entrevista com Elizabeth Closs Traugott. **ReVEL**, vol. 12, n. 22, 2014. Traduzido por Gabriel de Ávila Othero e Ana Carolina Spinelli.

VIANNA, Juliana Barbosa de Segadas; LOPES, Célia Regina dos Santos Lopes. **A competição entre nós e a gente nas funções de completo e adjunto:** desvendando outras portas de entrada para o pronome inovador. Belo Horizonte: CALIGRAMA, v.17, n. 2, p. 137-161, 2012.

VIANNA, Juliana Barbosa de Segadas. **Semelhanças e diferenças na implementação de a gente em variedades do português.** 2011. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal do rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística.** São Paulo: Parábola, 2006.

WILLIAMS, Edwin Bucher. **Do latim ao português:** fonologia e morfologia históricas da língua portuguesa. 3. ed.. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

ZILLES, Ana Maria Stahl. Gramaticalization of 'a gente' in Brazilian Portuguese. **University of Pennsylvania Working Papers Linguistics**, v. 8-3, 2002.

ZILLES, Ana Maria Stahl. O que a fala e a escrita nos dizem sobre a avaliação social do uso de *a gente*? **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 42, n. 2, p. 27-44, 2007.